



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**REPRESENTAÇÕES DA MULHER
CONTEMPORÂNEA: SAÚDE, MATERNIDADE
E TRABALHO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Pascale Chechi Fiorin

**Santa Maria, RS, Brasil
2012**

REPRESENTAÇÕES DA MULHER CONTEMPORÂNEA: SAÚDE, MATERNIDADE E TRABALHO

Pascale Chechi Fiorin

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração em Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Cristina Garcia Dias

Santa Maria, RS, Brasil

2012

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fiorin, Pascale Chechi
Representações da mulher contemporânea: saúde,
maternidade e trabalho / Pascale Chechi Fiorin.-2012.
105 p. ; 30cm

Orientadora: Ana Cristina Garcia Dias
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2012

1. Saúde. 2. Maternidade. 3. Trabalho. 4. Gênero.
I. Dias, Ana Cristina Garcia II. Título.

© 2012

Todos os direitos autorais reservados para Pascale Chechi Fiorin. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço: Rua Tarumã, 12, Santa Maria, RS, 97050-710

Fone: 55 9101-0101; Endereço Eletrônico: paca_psi@yahoo.com.br

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**REPRESENTAÇÕES DA MULHER CONTEMPORÂNEA:
SAÚDE, MATERNIDADE E TRABALHO**

elaborada por
Pascale Chechi Fiorin

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ana Cristina Garcia Dias, Dr^a.
(Presidente/Orientadora)

Beatriz Teixeira, Dr. ^a (UFMS)

Marlene Neves Strey, Dr^a. (PUC RS)

Santa Maria, 30 de março de 2012.

Dedico esta dissertação às mulheres
que se destacam por suas diferenças individuais,
buscando a igualdade de tratamento na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Ricardo, amigo, companheiro amado que sempre me incentiva
a querer mais e acreditar em mim mesma!
Te amo muito!

Ao meus pais Regina e José que deram início a minha caminhada nesta vida
me ensinando a viver com alegria e paixão!
Amo vocês!!

A minha orientadora Ana Cristina Garcia Dias que me ensinou muito nesse percurso,
viabilizando a realização deste sonho!

A minha amiga e colega Naiana Dapieve Patias que me incentivou e
ajudou na minha trajetória no mestrado!
Te adoro!

Aos colegas e amigos do mestrado, obrigada pelos aprendizados e companheirismo.
Vocês deixaram essa caminhada mais alegre!

Agradeço a Capes pelo incentivo financeiro que possibilitou a realização deste trabalho.

Agradeço ao CNPq que me proporcionou auxílio financeiro para realização dessa pesquisa.

Obrigada a Universidade Federal de Santa Maria. Aos professores do Mestrado
pelos ensinamentos, não só acadêmicos, mas de vida!

Muito obrigada a todos vocês!

Meu nome é MULHER!

Eu era a Eva
Criada para a felicidade de Adão
Mais tarde fui Maria
Dando à luz aquele
Que traria a salvação
Mas isso não bastaria
Para eu encontrar perdão.
Passei a ser Amélia
A mulher de verdade
Para a sociedade
Não tinha a menor vaidade
Mas sonhava com a igualdade.
Muito tempo depois decidi:
Não dá mais!
Quero minha dignidade
Tenho meus ideais!
Hoje não sou só esposa ou filha
Sou pai, mãe, arrimo de família
Sou caminhoneira, taxista,
Piloto de avião, policial feminina,
Operária em construção...
Ao mundo peço licença
Para atuar onde quiser
Meu sobrenome é COMPETÊNCIA
E meu nome é MULHER!

(O Autor Desconhecido)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Universidade Federal de Santa Maria

REPRESENTAÇÕES DA MULHER CONTEMPORÂNEA: SAÚDE, MATERNIDADE E TRABALHO

AUTOR: PASCALE CHECHI FIORIN

ORIENTADORA: ANA CRISTINA GARCIA DIAS

Data e Local da Defesa: Universidade Federal de Santa Maria,
Santa Maria, 30 de março de 2012.

Ao longo da história homens e mulheres sempre estiveram em desigualdade em direitos e deveres. Nos dias atuais a mulher conquistou espaço e direitos buscando equilibrar a realidade das diferenças de gênero impostas na sociedade. Porém, essas diferenças ainda responsabilizam prioritariamente a mulher pelas atividades presentes no âmbito doméstico e familiar, sobrecarregando sua rotina e comprometendo sua saúde. O presente trabalho teve como objetivo conhecer as representações de um grupo de mulheres sobre: seus papéis e funções na família, os papéis e funções masculinas, a rotina de trabalho, a escolha por ter ou não filhos e como elas percebem a própria saúde. Para tanto foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com sete mulheres que tinham idades entre 30 a 35 anos, casadas, com e sem filhos, moradoras da cidade de Santa Maria. Foi indicado pelas mulheres que ocorreram algumas mudanças em relação aos papéis e funções de gênero tradicionais. O homem está participando mais da educação dos filhos, auxiliando nas atividades domésticas e a mulher encontra-se contribuindo mais no orçamento doméstico. Os relatos indicam que é comum para a mulher assumir as responsabilidades domésticas para si, sem questionar a imposição destas a sua figura. Isso tende a sobrecarregar a rotina feminina influenciando em sua saúde. Mesmo assim é difícil para mulher abandonar o papel de principal responsável pelo cuidado dos filhos e organização do lar.

Palavras-chave: Saúde. Maternidade. Trabalho. Gênero.

ABSTRACT

Master's Thesis
Post-Graduation Program in Psychology
Universidade Federal de Santa Maria

REPRESENTATIONS OF THE CONTEMPORANEOUS WOMAN: HEALTH, MOTHERHOOD AND WORK

AUTHOR: PASCALE CHECHI FIORIN
ADVISOR: ANA CRISTINA GARCIA DIAS

Date and Place of Defense: Universidade Federal de Santa Maria,
Santa Maria, March 30, 2012.

Throughout history, men and women were always unequal in terms of rights and duties. Currently, women have conquered spaces and rights, aiming to balance the reality of gender differences imposed in society. However, such differences still make the woman prioritarily responsible for the chores in the family and domestic context, overloading her routine and compromising her health. This study aimed to know the representations of a group of women about their roles and functions in the family, the roles and functions of men, their working routine, the choice of having or not having children, and how they perceive their own health. To reach this aim, semi-structured interviews were carried out with seven women aged from 30 to 35 years old, married, with or without children, living in Santa Maria. Such women indicated some changes related to traditional gender roles and functions. Men are participating more in the education of the children, helping in domestic activities and women are contributing more to family income. Reports highlight that it is usual for the woman to take the domestic responsibilities for herself, without questioning such imposition. Such situation tends to overload the female routine, influencing women's health. Yet, it is difficult for the woman to abandon her role as the main responsible for the care of the children and organization of home.

Keywords: Health. Motherhood. Work. Gender.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| PERCURSO METODOLÓGICO | 14 |
| Análise das Informações..... | 16 |
| 1 ARTIGO 1 | 18 |
| REPRESENTAÇÕES DO FEMININO:REFLETINDO SOBRE AS DEMANDAS DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA..... | 18 |
| Resumo | 19 |
| Abstract | 19 |
| Introdução | 20 |
| Século XIX - A tradicional família burguesa | 21 |
| O feminino ao longo dos séculos XIX e XX..... | 24 |
| Século XX e XXI – As Famílias Contemporâneas | 26 |
| Um novo feminino - Maternidade e Trabalho na contemporaneidade | 30 |
| Considerações finais | 32 |
| Referências Bibliográficas..... | 33 |
| 2 ARTIGO 2 | 36 |
| COMPREENDENDO RELAÇÕES DE GÊNERO: O PERFIL DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES..... | 36 |
| Resumo | 37 |
| Abstract | 37 |
| Introdução..... | 38 |
| Método..... | 40 |
| Participantes | 40 |
| Instrumentos e procedimentos | 40 |
| Análise das informações..... | 41 |
| Resultados e discussão | 41 |
| Representações das mulheres sobre si | 42 |
| Representações sobre o homem..... | 51 |
| Considerações finais..... | 55 |
| Referências Bibliográficas..... | 56 |
| 3 ARTIGO 3 | 59 |
| REFLETINDO SOBRE A SAÚDE DAS MULHERES DAS CAMADAS MÉDIAS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO | 59 |
| Resumo | 60 |
| Abstract | 60 |
| Introdução..... | 61 |
| Método | 64 |
| Instrumento e procedimentos | 64 |

| | |
|---|------------|
| Análise das informações | 65 |
| Representações de saúde e a divisão do trabalho dentro e fora do lar..... | 65 |
| A falta de tempo para se ocupar com a própria saúde | 69 |
| Considerações finais | 71 |
| Referências Bibliográficas | 72 |
| 4 ARTIGO 4 | 75 |
| COMPREENSÕES SOBRE GÊNERO, TRABALHO E MATERNIDADE | 75 |
| Resumo | 76 |
| Abstract | 76 |
| Introdução | 77 |
| Método | 79 |
| Análise das Informações..... | 80 |
| Significados do trabalho | 80 |
| Retorno financeiro | 80 |
| Significado emocional | 82 |
| Relação maternidade e trabalho..... | 86 |
| Considerações finais..... | 90 |
| Referências Bibliográficas..... | 91 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 94 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 96 |
| ANEXO..... | 98 |
| Anexo A – Carta de aprovação do comitê de ética em pesquisa da UFSM | 99 |
| APÊNDICES | 100 |
| Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido | 101 |
| Apêndice B – Ficha de dados sócio-demográficos..... | 103 |
| Apêndice C – Instrumento de coleta de dados Entrevista | 104 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho compõe a Dissertação de Mestrado intitulada “Representações da mulher contemporânea: saúde, maternidade e trabalho¹”. No que diz respeito à sua apresentação, esta será realizada através de formato de quatro artigos científicos. Esta formatação dá-se no intuito de agilizar a publicação dos resultados encontrados durante a realização do mestrado, estando, assim, em consonância com as orientações e objetivos do Programa de Pós-Graduação de Psicologia (PPGP) de divulgar amplamente os resultados provenientes do trabalho de dissertação na modalidade de artigo em periódicos científicos.

Além disso, é possível que, apesar de prático, esse modo de apresentação também possui falhas, pois impõe ao pesquisador apresentar as informações de maneira mais fragmentada, já que cada artigo realiza um recorte do fenômeno, selecionando alguns dados de interesse e descarta outros que não se adequam à temática proposta no artigo.

No que tange ao objetivo geral desta dissertação, cabe frisar que esta visa compreender a realidade da mulher atual através de suas representações sobre suas funções dentro da família. Para tanto, é necessário saber como elas enxergam os papéis e funções do homem, sua rotina de trabalho, sua escolha ou não por ter filhos e como percebem sua saúde neste contexto de escolhas.

Optou-se por organizar o trabalho em quatro capítulos, que se constituem em artigos que serão enviados a publicação. O primeiro artigo apresenta uma revisão de literatura não sistemática e seletiva em artigos, livros, dissertações e teses. Para isso, nesta parte do trabalho busca-se compreender, como tem sido descrito, na literatura, o contexto social e histórico que influencia as representações femininas sobre a maternidade e o desenvolvimento da carreira profissional. Os capítulos seguintes são trabalhos empíricos realizados com sete mulheres de 30 a 35 anos. O segundo capítulo (artigo 2) tem como o objetivo descrever como as mulheres percebem a divisão de papéis entre homens e mulheres dentro da família atual. O terceiro trabalho busca compreender a percepção que a mulher atual possui de sua saúde. Por fim, o último e quarto trabalho (artigo 4) se detém mais especificamente nas representações da mulher sobre trabalho e maternidade.

É relevante investigar esses temas, pois, nas últimas décadas, cada vez mais a vida da mulher passa por transformações. Nesse viés, a partir da década de 70, intensificaram-se os estudos sobre a mulher dentro das universidades, visto que antes essa temática era

marginalizada. Atualmente, pode se observar um número significativo de pesquisadores interessados na vida, nas expectativas e nas percepções femininas sobre o mundo (MATOS, 1997).

Esse interesse não ocorre ao acaso, uma vez que a “rainha do lar”, cada vez mais, amplia seu espaço de atuação profissional, inserindo-se não apenas em profissões comumente femininas, como Enfermagem e Magistério, mas também se destacando em cargos de poder e chefia, assim como em áreas que, antigamente, eram ocupadas apenas por homens (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2000). Porém, não são apenas as conquistas que despertam interesse dos pesquisadores, mas também os obstáculos que as mulheres vêm enfrentando nessa busca por superar diferenças que foram impostos pela sociedade ao longo da história (BAPTISTA, 1995).

Esses obstáculos dizem respeito ao fato de a mulher sempre ter sido predestinada a estar em segundo lugar na ordem dos sexos (BAPTISTA, 1995). Ademais, houve, por muito tempo, um determinismo biológico que impunha a mulher a necessidade da vivência da maternidade e, conseqüentemente, dos papéis de esposa e de “rainha do lar” (PREHN, 1999). Além disso, a imposição da força física masculina determinou que a mulher fosse, muitas vezes, subjulgada, tendo que enfrentar em silêncio o preconceito, a violência e o abuso (CORTÉS, 2010).

Essa posição de inferioridade e passividade por muito tempo foi sinônimo do que era ser mulher. Aquela que se diferenciava deste perfil era julgada e excluída socialmente (BAPTISTA, 1997). Contudo, esse perfil vem sendo contestado e alterado ao longo dos anos. Afinal, as mulheres, atualmente, já conseguem se colocar na sociedade de outras formas que não apenas através do exercício de papéis tradicionais. Elas buscam quebrar tabus, ampliando tanto o seu campo de atuação, como os conceitos sobre si (BIASOLI-ALVES, 2000; LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Porém, elas podem ter dificuldade de modificar e ampliar a visão sobre si, uma vez que podem se deparar com questões que as fazem retornar emocionalmente e socialmente às representações tradicionais de mãe, esposa e dona do lar (BORSA; NUNES, 2011).

Nessa medida, cabe expor que este estudo não pretende nem “vitimizar” as mulheres devido aos preconceitos vividos, nem tão pouco “heroicizá-las” devido às lutas travadas na conquista de direitos e espaços. A ideia é dar voz para que as mulheres possam comunicar aquilo que pensam sobre suas vivências relacionadas aos papéis de gênero, uma vez que, por muito tempo, elas estiveram submetidas a um discurso universal masculino (MATOS, 1997).

Atualmente, vive-se em um período de transição entre o novo e o antigo. Com isso, novos papéis e responsabilidades, dentro e fora do lar, surgem para homens e mulheres; há uma sobreposição de ideias, valores novos e antigos, que geram a necessidade de constantes estudos sobre os papéis masculinos e femininos, sobre a família e sobre a inserção de ambos os sexos no mundo do trabalho. Assim, acredita-se que a vida de cada sujeito é construída a partir das vivências que esse possui, ou seja, novas formas de pensar e ver o mundo vão surgindo a partir das transformações de papéis e funções que homens e mulheres passam todos os dias. Cabe então às pesquisas darem espaço para que a sociedade conheça a realidade que é vivida.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo foi desenvolvido a partir da lógica de pesquisa qualitativa. Nessa perspectiva, Richardson (1999) caracteriza a pesquisa qualitativa como um estudo que tem seu foco na interpretação e não na quantificação, sua lógica dá ênfase à subjetividade e a compreensão da qualidade da experiência. Assim, há uma grande preocupação com os contextos, com a experiência vivida, para que se possa compreender os fenômenos sociais (MINAYO, 2010).

Além disso, participaram deste estudo sete mulheres com idades entre 30 e 35 anos, todas pertencentes às camadas médias da população, inseridas no mercado de trabalho e moradoras da cidade de Santa Maria-RS. As sete mulheres entrevistadas vivem realidades diferentes em relação à sua estrutura familiar, carreira, salário e cotidiano. Suas histórias de vida as diferenciam, um exemplo disso é que três das entrevistadas possuem filhos e as demais não possuem. A carreira profissional de cada uma apresenta suas peculiaridades, mesmo entre aquelas que possuem uma mesma profissão, as características do trabalho não são as mesmas. Apesar disso, considera-se que também está se trabalhando com um grupo que apresenta características similares, ou seja, são mulheres que vivem na sociedade atual, vivenciando e compartilhando representações sobre trabalho, família, papéis de gênero e saúde.

O número de participantes se determinou através do critério de saturação das informações obtidas. Nesse critério, encerra-se a coleta dos depoimentos quando os mesmos não trouxeram novos acréscimos ou compreensão às informações já obtidas (MORAES, 2003). Desse modo, a presente pesquisa, acredita-se que as informações que saturaram foram àquelas referentes aos objetivos do trabalho, ou seja, as apresentadas nas categorias dos artigos a seguir. Porém, aconselha-se que novas pesquisas sejam feitas para que abarquem questões que acabaram sendo levantadas ao longo das entrevistas o que é exposto mais detalhadamente na conclusão dos artigos apresentados. Assim, a tabela abaixo torna mais fácil a compreensão das participantes:

| Nome | Idade | Profissão | Tem filhos? | Situação atual do casamento |
|-------------|--------------|-----------------------------|------------------------|---|
| Lia | 30 anos | Secretária | Não | Mora com o esposo. |
| Joana | 30 anos | Secretária | Sim – Filha de 9 anos | O esposo viaja durante alguns dias da semana. |
| Bianca | 34 anos | Secretária | Sim – Filho de 6 anos | Mora com o esposo. |
| Júlia | 33 anos | Médica | Não | O esposo viaja durante alguns dias da semana. |
| Bruna | 30 anos | Técnica em limpeza clínica. | Não | Mora com o esposo. |
| Amanda | 33 anos | Contadora | Não | Ela se mudou para trabalhar em Santa Maria. |
| Maria | 35 anos | Contadora | Sim – Filha de 10 anos | Mora com o esposo. |

As entrevistas foram todas realizadas em sala fechada no ambiente de trabalho das respondentes. Teve-se acesso às participantes através da indicação uma da outra, sendo que a primeira entrevistada se disponibilizou a participar entrando em contato com a pesquisadora, respondendo ao email que divulgava a pesquisa. A pesquisa foi divulgada via email para os contatos da pesquisadora solicitando que estes encaminhassem para seus contatos. Essa forma de seleção das participantes seguiu o procedimento conhecido como bola de neve (*Snowball*). Através deste, inicialmente, identifica-se um indivíduo que possui as características de interesse da pesquisa e, com sua indicação, chega-se a outros indivíduos que compartilham características semelhantes (BIERNACKI; WALDORF, 1981).

A primeira entrevistada indicou a segunda e assim sucessivamente até que não foram mais necessárias novas entrevistas. Todas foram contatadas, primeiramente, por telefone. As entrevistas foram agendadas previamente, conforme conveniência das participantes. Ao serem convidadas a participar da pesquisa, foram explicadas a elas todos os objetivos e procedimentos do estudo. As que participaram foram orientadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

Inicialmente, foi aplicada uma Ficha Sociodemográfica para o levantamento de dados sobre as participantes (APÊNDICE B). O instrumento para coleta das informações com as

mulheres foi uma entrevista semiestruturada individual (APÊNDICE C) . Este tipo de entrevista dá ao pesquisador a flexibilidade de levantar questões conforme julgue interessante, ele pode buscar tanto esclarecimento, quanto a elaboração das respostas dadas. Além disso, essa forma de entrevista busca conhecer a opinião do entrevistado, percepções e sentimentos em relação a determinado problema, investigando os aspectos considerados importantes para aquele que fala (RICHARDSON, 1999; MINAYO, 2010). As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e posteriormente analisadas. Optou-se pela entrevista para adaptar-se aos horários das participantes, compreendendo suas rotinas de trabalho e responsabilidades.

A pesquisa está de acordo com os procedimentos éticos preconizados pela Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde. Além disso, a proposta inicial de pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob o registro número 23081.013699\2010-09 (ANEXO A).

As entrevistas foram gravadas em áudio e apagadas após a transcrição das mesmas. Durante as entrevistas, não houve danos físicos ou psicológicos as participantes, uma vez que não foram adotados procedimentos invasivos. Da mesma forma, não houve benefícios diretos as participantes do estudo. Outrossim, foi garantido aos participantes o sigilo em relação a suas identidades.

Por fim, não houve devolução as participantes. No entanto, haverá devolução individual através de telefonema, carta ou email para cada uma das sete mulheres que participaram da pesquisa. Os termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) serão arquivados por cinco anos na sala da professora orientadora junto ao Departamento de Psicologia da UFSM.

Análise das Informações

Para análise das informações, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática categorial. Esta reúne procedimentos para analisar o conteúdo de determinadas mensagens, buscando a materialização linguística e categorização do texto para interpretação, tendo como foco o conhecimento empírico (BARDIN, 2004). Esse tipo de análise é considerado um instrumento importante no estudo das interações entre os indivíduos. Essa análise busca compreender melhor os discursos, aprofundando suas características e destacando seus momentos mais importantes. Ela é realizada para retirar de conteúdo de mensagens indicadores que auxiliem no conhecimento das possíveis mensagens implícitas (MINAYO, 2010).

Nem todas as categorias encontradas deram origem a subcategorias. Devido a isso, optou-se em manter esse formato ao longo da análise para que não se engessasse o texto de forma demasiada. Além disso, observou-se que as categorias encontradas já atendiam aos questionamentos iniciais da pesquisa, sem que houvesse necessidade de compartimentalizar ainda mais o texto.

Num primeiro momento, foi feita uma leitura flutuante do material, buscando compreendê-lo exaustivamente. Nesta etapa, houve um levantamento de impressões e sensações durante a leitura do texto. Após, buscou-se organizar o material no intuito de analisá-lo. Realizou-se a pré-análise levantando as categorias e hipóteses através do suporte teórico. Assim, foi feita a elaboração de indicadores (temas), seleção de recortes do texto para as unidades de categorizações e contraste com a literatura vigente e, disso, produziu-se a discussão (MINAYO, 2010; BARDIN, 2004).

ARTIGO 1

**REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: REFLETINDO SOBRE AS DEMANDAS DA
MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**REPRESENTATIONS OF WOMANHOOD: REFLECTING ABOUT THE DEMANDS
REGARDING WOMAN IN CONTEMPORANEOUS SOCIETY**

Resumo

Percebe-se, a partir dos estudos sociais e de gênero, que a família é uma entidade em transformação. Do modelo da tradicional família burguesa transitamos para um modelo de família dita contemporânea. Neste contexto de mudança nosso foco é o feminino que muito representa as mudanças e conquistas com o passar do tempo, mas que também se mantêm em estereótipos tradicionais. Assim este estudo busca fazer uma revisão de literatura não sistemática e seletiva em artigos, livros, dissertações e teses, com o objetivo de compreender o contexto social e histórico que tem influenciado a concepção feminina sobre a maternidade e o desenvolvimento da carreira profissional. Os resultados literários apontam que vivemos em um terreno instável de mudança, onde os papéis se entrelaçam, ou seja, antigos modelos e funções convivem com novos modelos. A mulher pode ainda querer desempenhar os cuidados com a casa e os filhos, como pode optar por adiar a maternidade e o casamento, ou até evitá-los indo em busca de independência financeira e emocional. Essa variedade de opções pode gerar conflitos, pois a opção pode haver uma sobrecarga de funções gerando por vezes estresse e o adoecimento feminino.

Palavras chaves: Feminino, Trabalho, Maternidade e Gênero.

Abstract

Social and gender studies emphasize that family is an entity in transformation. The transition from the traditional bourgeois family model to a contemporaneous family model is happening. In such context of changes, our focus is the womanhood, that represents the changes and conquests as time goes through, but also is kept in traditional stereotypes. This study aims to convey a non-systematic and selective literature review of articles, books, and thesis, focusing on understanding the social and historical context that has influenced the female perception about motherhood and the development of the professional career. Results highlight we live in an unstable and changing terrain, where roles are intertwined, that is, past models and functions stand together with new models. Woman may still want to be responsible for home chores, as well as she may choose to postpone motherhood and marriage, or avoid them, aiming to be financially and emotionally independent. Such variety of options may generate conflicts, since the option may cause an overload of functions, sometimes causing stress and illness.

Keywords: Womanhood. Work. Maternity and Gender.

Introdução

Várias mudanças ocorreram na família de classe média desde o final do século XIX até os dias de hoje. Visto que a sociedade passou de um modelo de família tradicional burguesa para a família dita contemporânea (BIASOLI-ALVES, 2000). Tal transição entre os modelos determina variações na construção psíquica dos sujeitos e em suas escolhas (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Enfoca-se, neste trabalho, as escolhas da mulher. Antes a realização feminina estava associada ao casamento e a maternidade. Hoje, na contemporaneidade, a mulher pode optar em ter seu próprio projeto de vida sendo incentivada pelo social em buscar uma carreira profissional. Um exemplo disso é que, nas famílias de classe média, inicialmente, a menina era incentivada a casar; hoje, desde cedo, os pais incentivam a profissionalização e o crescimento profissional (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Porém a maternidade ainda é vista como uma opção de realização pessoal, e quando não existe desejo pessoal, a sociedade parece cobrar a mulher para ter um filho (PATIAS; BUAES, NO PRELO). Isso pode gerar conflitos e muitas consequências para elas, já que os melhores anos para a ascensão profissional são os mesmos em que a mulher se encontra no seu melhor período fértil para ser mãe (RODRIGUES, 2008; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Assim, em nossa sociedade, o modelo feminino valorizado é o da mulher que busca independência financeira, sucesso profissional e satisfação pessoal em seus projetos de vida. Não eliminando atribuições como o cuidado com a casa e os filhos, mesmo que isso ocasione um acúmulo de funções e tarefas dentro e fora de casa, bem como o adoecimento físico e emocional da mulher por esse excesso de atribuições (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Essas atribuições estão vinculadas as questões de gênero, as quais dizem respeito à forma e às origens da subjetiva feminina e masculina em uma determinada cultura e momento histórico. Nessa ótica, vale destacar que é a partir das questões de gênero, que se delimitam os campos de atuação para cada sexo, bases para elaboração de leis e suas formas de aplicação (SCOTT, 1990).

Sendo assim, percebe-se que é de suma importância saber como a mulher herda e reconstrói as questões sociais e de gênero em seu universo subjetivo. É conhecendo a realidade através dos sujeitos envolvidos que se podem realizar ações para melhoria efetiva na saúde e qualidade de vida destes, sem a imposição de valores. Um exemplo disso são as

diretrizes criadas para o programa de Saúde da Mulher no Brasil. No início do século XX, foram introduzidos planos para atenção a saúde baseados na função de mãe e esposa que a mulher exercia, então a saúde feminina era olhada e atendida apenas através da ótica da maternidade. Com o passar dos anos, este paradigma mudou acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade e nas funções femininas (BRASIL, 2004).

A saúde da mulher passou a abranger aspectos mais amplos como ações educativas, preventivas, de diagnóstico, tratamento e recuperação. A assistência à mulher deveria ser realizada em diferentes âmbitos como na clínica ginecológica, no pré-natal, parto e puerpério, no climatério, no planejamento familiar, no atendimento as doenças crônicas, como câncer de mama e colo de útero, entre outras. Além disso, outras necessidades foram identificadas a partir de mudanças no perfil populacional das mulheres (BRASIL, 1984).

O atendimento as mulheres buscou abarcar a atribulada realidade feminina atual. Hoje, as mulheres possuem dupla, ou mesmo tripla jornada de trabalho, ganham menos, em profissões mais desvalorizadas, tem acesso menor aos cargos de poder e decisão, inclusive políticos, ainda são as mais vulneráveis a violências domésticas, física, sexual e emocional, inclusive no ambiente de trabalho, vivendo ainda em uma posição de desigualdade em relação à figura masculina. O contexto atual pode propiciar maior adoecimento feminino, causando estresses e colocando as doenças crônico-degenerativas em destaque no número de mortes de mulheres no Brasil (BRASIL, 2004).

O presente trabalho tem o objetivo de investigar em artigos, livros, teses e dissertações, através de uma revisão de literatura não sistemática, o contexto social e histórico que tem influenciado a concepção feminina sobre a maternidade e o desenvolvimento da carreira profissional. Inicialmente, contextualiza-se a família tradicional burguesa dos séculos XIX e XX, raízes das configurações familiares e papéis sociais presentes na classe média atual. Busca-se, também, discutir a trajetória histórica da mulher na sociedade, compreendendo e esclarecendo questões de gênero. Busca-se ainda compreender as relações e os significados dados pela mulher à díade maternidade/trabalho na atualidade.

Século XIX - A tradicional família burguesa

A família de classe média do século XVIII para o XIX era uma entidade em transformação. Havia, naquela época, uma necessidade de rejeitar o antigo e abrir as portas para o novo, por isso a família tradicional burguesa foi também denominada de família moderna. A mudança parte de uma vida no campo, em um Brasil quase que estritamente rural

e patriarcal, para uma vida na cidade. As cidades foram organizadas e modernizadas para receber a burguesia (BIASOLI-ALVES, 2000).

A propriedade rural era dividida em a casa-grande, a senzala, sendo o pai (patriarca) o detentor do poder sobre as decisões e a vida de todos na propriedade. Já a vida na cidade era mais “livre”, trouxe a necessidade de aprimoramento das políticas públicas para regulamentar desde a limpeza da polis até o convívio em sociedade (D’INCÃO, 2000; BIASOLI-ALVES, 2000).

O convívio social passou de relações senhoriais para relações do tipo burguês. Isso significa que antes na família patriarcal existiam laços de solidariedade muito fortes e os vizinhos eram como um clã, que dividiam inclusive a criação dos filhos. Com a passagem para a vida moderna, surge o conceito de intimidade, onde o lar era um espaço privado que abarcava apenas a família nuclear pai, mãe e filhos e era o palco para a vida privada nesta época (D’INCÃO, 2000; AIRÈS, 1981).

A própria estrutura da cidade demonstrava essa mudança de configuração. No século XVIII, as casas eram construídas uma ao lado das outras sem calçada, os lotes não eram separados uns dos outros. Mais tarde, as casas passaram a refletir o que acontecia internamente com as famílias e com a sociedade, os lotes passaram a receber calçadas e as casas a serem construídas com espaçamento entre elas, havendo, assim, um afastamento dos vizinhos laterais (D’INCÃO, 2000; AIRÈS, 1981).

Esse conceito intimista de residência servia também para determinar a diferença e a distância do povo à nova classe que passava a habitar as cidades: a burguesia. O convívio, inclusive social, acontecia dentro das próprias casas, que abriam suas grandes salas para leitura de poemas e tardes de chá. A elite também passa a frequentar cafés, teatros e bailes. Esses convívios sociais firmam as regras de etiquetas que padronizavam os indivíduos harmonizando a convivência (D’INCÃO, 2000).

Desde o século XVI até o século XIX, imperava o uso de manuais de civilidade. Esses manuais determinavam aos sujeitos o que era ser civil e social, ditando as regras para serem aceitos em sociedade. Esses bons costumes eram ensinados dentro de casa a partir da leitura desses manuais, portanto não era um livro escolar que fazia essa função, apesar de por vezes esse último instrumento ser utilizado para o aprendizado das primeiras letras nas escolas. Esses manuais de costumes ensinavam como as pessoas deveriam se portar em público, sendo cortês, tendo boa conduta à mesa, como manusear talheres e copos. Alguns ensinavam, inclusive, a maneira como se vestiam os cidadãos de bem, determinando um padrão para que não houvesse diferenças entre esses (AIRÈS, 1981).

Sobre o aspecto emocional, os manuais de costumes previam que os sujeitos deveriam esquecer seus desejos particulares, para viver em harmonia em sociedade. Determinavam, ainda, que a pessoa deveria ser descontraída, não ser tímida, nem muito soberba. Nas ruas, o sujeito era aconselhado a andar moderadamente, nem lento e nem precipitado, nunca fitando nos olhos as pessoas (AIRÈS, 1981). As mães passavam para as filhas mulheres valores como submissão, delicadeza no trato, pureza, capacidade de doação, prendas domésticas e habilidades manuais, enquanto que, para o homem, os conceitos de força, determinação e dominação permeavam a educação (BIASOLI-ALVES, 2000).

Nesta configuração social, homem e mulher encontravam-se enquanto casal para satisfazer um arranjo. Nesse arranjo, o casal não se unia por amor, desejo ou paixão, mais sim no intuito de unir bens e preservar a tradição, ligar duas famílias e permitir que elas se perpetuassem. O amor conjugal não tinha espaço na literatura ocidental, salvo exceções. O amor-paixão era essencialmente extraconjugal (FERÉS-CARNEIRO, 1998; BADINTER, 1985).

Mais tarde, por volta do século XIX, insere-se na família tradicional o casamento por amor. Isso se dá através da reconfiguração da sociedade, do isolamento da família e da mulher do contexto social. Com isso, os sentimentos passam a ser valorizados através do namoro romântico, da conquista do masculino ao feminino, o choro das mocinhas pelo amor impossível, bem como a valorização da virgindade (D'INCÃO, 2000; BADINTER, 1985).

O amor e cuidado em relação aos filhos também ficaram mais evidentes e visíveis na família burguesa. O casal passou a se configurar de forma a manter a ordem e a educação das crianças. Apesar disso, ainda fazia-se diferenças entre os filhos. No Código Civil, o pai deveria privilegiar o filho homem e mais velho com seus bens, já que este seria o mais capaz de administrar e manter o patrimônio da família. A educação dos meninos era prioridade sobre a das meninas, para elas era mais importante o aprendizado para as funções do lar e do exercício a maternidade (AIRÈS, 1981).

Funções sociais rígidas marcavam, consideravelmente, a família tradicional, a noção do feminino era demarcada pela questão biologicista da procriação, associava-se as ideias de maternidade, cuidado com o marido e os filhos. A mulher funcionava como um “utensílio doméstico”, mantendo a casa em ordem e o auge de sua vida era a maternidade, já que não trabalhava fora de casa. O homem era o provedor do sustento do lar. Assim, as relações se baseavam na submissão feminina e autoridade masculina (BADINTER, 1985; MALHEIROS, 1999).

As famílias contemporâneas surgem a partir da evolução e mudança nos papéis e funções sociais dos membros da família, especialmente decorrentes de novas reivindicações femininas (SZAPIRO, FÉRES-CARNEIRO, 2002; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; ALMEIDA, 2007). Considerando que o foco desta análise é a mulher, descreve-se, a seguir, o histórico da mulher ao longo dos séculos XIX e XX.

O feminino ao longo dos séculos XIX e XX

Desde o final do século XIX, o papel da mulher dentro da família no Brasil vem sofrendo modificações (BIASOLI-ALVES, 2000). Na sociedade patriarcal e intimista, a mulher desempenhava o papel de mãe e esposa, não possuía liberdade, era ensinada a obedecer ao pai e ao irmão e, posteriormente, ao marido. Devido a isso, pode-se dizer que a mulher era dominada e deveria ser subordinada ao homem, que seria seu provedor. Assim, o espaço feminino era o interior da casa, sendo suas funções promover a segurança e organização do lar, necessária para o homem trabalhar e se desenvolver no contexto social (BIASOLI-ALVES, 2000; D'INCAO, 2000).

Estudar, naquele momento histórico, era proibido às moças de família, pois se acreditava que o estudo/conhecimento as desvirtuava. Naquela época, a Educação no Brasil era destinada, eminentemente, para os homens. Para as mulheres, eram disponibilizados apenas colégios confessionais, que ensinariam a elas as primeiras letras e atividades esperadas das mesmas na sociedade (ALMEIDA, 2007). Após essa breve inserção no mundo educacional, o contato com os livros só acontecia em reuniões dentro de casa, para leitura de poemas ao som de algum instrumento musical (STASEVSKAS, 2004; D'INCAO, 2000).

Percebe-se que, desde muito cedo, no Brasil, a Igreja controlou a educação das meninas através da catequese, ensinando-lhes que deveriam casar-se logo e terem filhos, pois estes seriam os momentos de realização de sua vida; além disso, só o sexo para procriação justificaria a prática de relações sexuais pelo casal. O casamento e a maternidade eram os destinos únicos para a mulher. Assim, o ofício feminino era o cuidado com o marido, os filhos, os sogros, os pais, ou seja, de quem necessitasse de sua atenção, nunca podendo pensar de maneira individual em si ou ter outros projetos de vida pessoais que não estes que estavam associados a família (STASEVSKAS, 2004; AIRÈS, 1981).

No início do século XX, a mulher passou reivindicar o voto e o ensino. Na década de 60, esta situação foi efetivamente levada a cabo pelas lutas feministas, que aconteceram na Europa e nos EUA. Nesse contexto, a maternidade foi vista como uma dominação do homem

sobre a mulher, sendo defendida a contracepção e o aborto, pois essas concediam a livre escolha à mulher de gestar ou não. Por outro lado, a maternidade também foi vista como um privilégio que o homem jamais possuiria, este era um poder concedido à mulher através do ato divino de ser mãe. Pode-se ver então que a maternidade pode ser representada tanto como o ápice da realização feminina como o símbolo da opressão e controle do homem sobre a mulher (SCAVONE¹, 2001).

Entre os anos de 1975 e 1985, a ONU reconheceu as diferenças de gênero que geravam desvantagem e discriminação a mulher. Esse momento histórico passou a ser denominado “década das mulheres”, período no qual ocorreram conferências internacionais, que discutiram e buscaram aprovar leis e resoluções que aumentassem o bem-estar feminino, bem como ampliasse os direitos da mulher na sociedade (STREY, 1999).

Biasoli-Alves (2000) considera que, neste momento, abriu-se um espaço para a discussão das questões privadas, o que possibilitou redimensionar a questão da maternidade, sendo essa não apenas vista a partir do determinismo biológico que sustentava a ideologia de naturalização do poder feminino. Nesse contexto, a mulher passou a ser considerada como um ser desejante, que deveria ter poder de escolha e decisão sobre as questões referentes a seu corpo e vida.

Além das lutas feministas e todas essas ações mundiais em prol do universo feminino, deve-se considerar que outras questões também favoreceram a entrada da mulher no mercado de trabalho fora do lar. Como exemplo, no século XX, as mudanças macroeconômicas associadas ao declínio na manufatura e ao aumento dos setores de serviços e consumo (SOUZA; RAMIRES, 2006; LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Nesse momento, a inserção feminina ocorre no campo das fábricas, uma vez que as mulheres eram consideradas uma mão de obra barata e que não promovia rebeliões e reivindicações. Com o passar do tempo, houve a expansão do setor terciário, que tirou a mulher do campo das fábricas e as inseriu em escritórios, comércio, saúde, educação, enfim, inicialmente em funções associada à assistência e cuidado. Contudo, essas eram funções que não apresentassem muitas responsabilidades na visão dos empregadores. Essas funções dadas as mulheres, de maneira geral, não eram exercidas pelos homens (LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007; PETERSEN, 1999).

Outro fator que contribui para a emancipação feminina foram os avanços científicos, particularmente o surgimento da pílula anticoncepcional. A mulher passou a ter maior autonomia tanto em sua escolha quanto a engravidar ou não como em relação ao momento em que a gravidez aconteceria. Assim, essas tecnologias ofereceram a mulher uma maior

liberdade em relação ao seu corpo, que lhe permitiu romper com o determinismo biológico que sustentava as relações familiares tradicionais (SOUZA; RAMIRES, 2006; SCAVONE², 2001).

Essa mudança, na liberdade sexual feminina, interferiu também na inserção desta no mercado de trabalho. A mulher assalariada, na família tradicional, era considerada imoral, permissiva, levando o homem a proibi-la de sair do lar. Em 1980, algumas questões como educação dos filhos, saúde, despesas com o lar e a necessidade de contribuir com as despesas básicas da família levaram as mulheres casadas a buscar trabalho remunerado fora de casa. Aliado a isso, com o passar do tempo, a sociedade de consumo impôs a necessidade de bem-estar, lazer e felicidade, fazendo as mulheres buscar sua independência (LOSADA; ROCHA-CONTINHO, 2007).

O resultado de todas essas mudanças e reivindicações é que, atualmente, a mulher é considerada uma cidadã como outro qualquer, as leis já não apresentam as diferenças de gênero marcantes como em períodos anteriores. Atualmente, espera-se que não haja preconceito e discriminações, em função do sexo. É mais natural à mulher poder optar por casar ou não casar, casar-se e separar-se, ter um filho sozinha ou mesmo não ter filhos, entre outros projetos de vida possíveis. Observa-se que, até mesmo no mundo do trabalho, hoje é mais corrente ver mulheres em cargos e funções que antes eram exclusivamente masculinas (STREY, 1999).

Percebe-se, portanto, que em termos de direitos femininos, muita coisa mudou, porém os resultados no âmbito psicológico, ainda observa-se uma transição de modelos. Parece que as questões de gênero ainda estão presentes e ancoradas em valores e papéis antigos e tradicionais. A participação masculina, nos trabalhos domésticos, ainda não aconteceu, a mulher ainda é a principal responsável pela organização da casa, bem como pela educação dos filhos (SZAPIRO; FÉRES-CARNEIRO, 2002; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; ALMEIDA, 2007). Isso determina que existem dois discursos ideológicos que atravessam as vidas das mulheres na sociedade atualmente, o tradicional e o contemporâneo (LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Nessa seção foi descrito os papéis tradicionais, a seguir, ilustra-se as famílias contemporâneas e novos papéis de seus membros.

Século XX e XXI – As famílias contemporâneas

A família chamada de contemporânea engloba várias formas de configurações familiares. Ela transita desde modelos mais patriarcais, tradicionais até pós-modernos, onde

há uma maior liberdade no estabelecimento de sua configuração (NEGREIROS; FÉREZ-CARNEIRO, 2004; RIOS; GOMES, 2009).

O casamento civil e religioso, entidade máxima na família tradicional, vem perdendo espaço para novas formas de união. A última Constituição Brasileira, vigente em 1988, reconheceu e legitimou a união estável como uma forma de família. A Lei 9.278/96 estabeleceu os parâmetros para que a união estável fosse reconhecida como entidade familiar. Para que a união alcance essa condição, são exigidos quatro requisitos fundamentais, são eles: “que a convivência seja duradoura, seja pública, seja contínua, e finalmente, que a união tenha o objetivo de constituir família” (ANGHER, 2006, p.981). Isso abriu as portas para uma nova vivência na percepção e construção do que é ser família (SANTOS, 2001).

Essa abertura, inclusive jurídica, amplia as possibilidades, havendo uma ruptura com a família idealizada, na qual pai, mãe e filhos são uma unidade, ou seja, atualmente não há um roteiro fixo a seguir. Hoje, pode-se visualizar famílias de pai ou mãe solteiros, casais homoafetivos, família monoparental masculina; família monoparental feminina, mulheres chefes de família, pais sem filhos por opção, bebês de proveta, entre outras possibilidades de constituição da família moderna (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004).

Essas novas possibilidades surgem devido a priorização das necessidades emocional dos sujeitos, do surgimento de novas tecnologias e da não determinação fixa de papéis. Um exemplo disso é a desvinculação da sexualidade feminina com a reprodução, homens e mulheres convivem com ideais de igualdade, em que deveres e privilégios são compartilhados (ARÁN, 2003). Até mesmo os casais já casados há algum tempo estão tentando reformular suas uniões, isto é, tentando introduzir noções de igualdade entre os membros, vivendo o casamento como contingente e opcional, utilizando de estratégias para conciliar o desejo de uma união duradoura e gratificante com as dificuldades enfrentadas (SOUZA; RAMIRES, 2006).

A relação estabelecida pelos casais, na atualidade, é uma relação na qual as duas pessoas estabelecem uma associação uma com outra, em que estas a mantém apenas enquanto extraem satisfações suficientes para nela permanecerem. Esse seria o relacionamento baseado no igualitarismo e nas escolhas autônomas (GIDDENS, 1993).

Atualmente, os casais vivem sua relação sendo confrontados permanentemente com forças opostas, de um lado a vida conjugal, do outro suas próprias individualidades. Esse conflito, ora pacífico, ora declarado, estimula a autonomia e independência de cada indivíduo, os obrigando a achar um espaço para a relação se quiserem permanecer juntos (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Esse conflito ocorre, pois a subjetividade também mudou. Hoje, os sujeitos são mais competitivos, investem mais em si próprios do que nos outros. As relações são renováveis e descartáveis, havendo um empobrecimento dos laços sociais. A produção pessoal é colocada no centro da vida e o lucro possibilita ao sujeito o consumo exagerado, imperando o materialismo, a sociedade do “ter” denominada por alguns autores de cultura narcisista (LASH, 1991; BIRMAN, 2003).

Nessa ótica, Bauman (1998) indica que nossa sociedade acaba por descartar o que já não serve mais, e o imediatismo das compras acaba por instaurar a cultura do lixo. Todos os dias a sociedade tira de suas vistas o que já não satisfaz mais seus desejos. Mas o lixo não some, continua ao redor das cidades, nas periferias acumulando os desgostos do indivíduo, que novamente vai às compras para tentar adquirir “o que o dinheiro não compra”.

O sujeito busca por sensações prazerosas e imediatas, não ponderando, na maior parte das vezes, as consequências de seus desejos. Há ainda uma maior preocupação com a beleza e o novo, ou seja, com a aparência. O consumismo é incentivado o tempo todo, não só pela mídia, mas pelos próprios indivíduos. Os indivíduos consomem porque aprendem que a imagem apresentada para os outros é mais importante que suas experiências de vida. Sua roupa, seu carro, sua casa, seus objetos contam mais aos olhos dos outros do que suas conquistas internas, o sujeito se sente julgado quando não conquista certos bens materiais (LASH, 1991). Porém, todo esse contexto também gera insegurança e temor. Pois, se antigamente os sujeitos dependiam dos manuais de civilidade para viver em sociedade, hoje não há certezas absolutas e parâmetros a serem seguidos, ou seja, o sujeito é guiado pelo seu desejo (LASH, 1991; BAUMAN, 1998; BAUMAN, 2001).

Por outro lado, esse sujeito contemporâneo convive com a influência de modelos tradicionais, que são firmes e concretos e que podem passar segurança da mesma forma que vivência esses novos valores e modelos. Nesse sentido, o indivíduo encontra-se em um momento de transição. Na família, por exemplo, o homem aceita e apoia a saída da mulher do ambiente do lar para trabalhar, respeita o seu espaço próprio e as vontades que a mulher possui, porém os trabalhos domésticos e/ou tarefas com os filhos ainda são considerados femininos, sendo preservadas concepções e modelos tradicionais de gênero e funcionamento familiar (LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Há uma coexistência de modelos que são apresentadas em discursos da mídia, que tanto interferem na formação do indivíduo como no modo de se subjetivarem. Ao mesmo tempo que é exaltada a maternidade feminina são mostradas cenas nas quais a figura masculina se faz mais presente no lar, dividindo tarefas e participando ativamente da criação dos filhos. No entanto, esse segundo modelo custa a sair

das revistas e programas de televisão efetivamente (CHECHI; HILLESHEIM, 2008; CHECHI; IENSEN, 2006).

Para as mulheres, a influência dos papéis tradicionais gera conflitos. Por um lado, vê-se que as mulheres buscam, cada vez mais, seu espaço no ambiente de trabalho, optando por uma vida mais voltada a realização pessoal, associada a um reconhecimento profissional. Pesquisas exemplificam isso, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), a população feminina em atividade laboral fora do lar nas regiões metropolitanas, cresceu de 45,2, em maio de 2002, para 48,2 no mesmo período em 2008. Vale ressaltar que os homens ainda são a maioria entre os trabalhadores fora do lar, contudo, o crescimento na inserção no mercado de trabalho é predominantemente feminino, já que no mesmo período o crescimento da inserção masculina foi de apenas 0,2% (2002-66,2% para 2008-66,4%).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo IBGE demonstrou que o número de filhos dentro dos lares brasileiros vem baixando com o tempo. O número de filhos, nos anos 1980, era de 4,4 nascimentos para cada mulher; nos anos 1990, essa taxa baixou para 2,9 nascimentos; e, em 2008, esse número passou para 1,89 filhos por mulher. A queda brusca de filhos por mulher nos anos de 1990 se justifica dentre outras coisas, pelo fato de que, nesta década, a economia no país passou por um período de recuperação, o que levou a maior participação feminina no mercado de trabalho (LOUSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Essas duas opções para a mulher não se tornam excludentes uma da outra, mas sim buscam se encaixar no cotidiano feminino, podendo trazer consequências importantes para a vida da mulher. Esse acúmulo de funções determina vários sentimentos, alegrias, frustrações, preocupações, cansaço, estresse, em decorrência da dupla jornada. Essa jornada exaustiva, associada à falta de tempo, interfere na escolha pela maternidade, dificultando ou até impossibilitando a vivência da maternidade (SPINDOLA; SANTOS, 2003; LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

O capítulo seguinte propõe-se aprofundar essas questões envolvendo a díade maternidade/trabalho, englobando o significado desta para a vida da mulher, bem como as *consequências* das escolhas femininas nos dias atuais.

Um novo feminino - Maternidade e Trabalho na contemporaneidade

Inicialmente, a inserção feminina, no mercado de trabalho, acontece através da conciliação da função remunerada desempenhada e as atividades dentro do lar. Isso acontece devido à transição da divisão dos trabalhos que ainda atribui à mulher os cuidados com a casa e os filhos. Assim, as mulheres buscaram, inicialmente, inserir-se em atividades remuneradas de forma autônoma, ou que lhe exigiam pouca responsabilidade (JACQUES, 2000).

Aliado a isso, o histórico de submissão feminina e as características predominantemente femininas como passividade, docilidade, sociabilidade, paciência, dedicação, destreza com as mãos, delicadeza, deslocaram a mulher para funções mecânicas como atividades manuais e de convívio social. Isso limitou o desempenho feminino, excluindo possibilidades de inserção em cargos de comando, supervisão e planejamento. Essas concepções determinaram o histórico de baixos salários e a desvalorização do trabalho da mulher no contexto social. Inicialmente: lavadeiras, costureiras, ajudantes, cozinheiras, faxineiras, artesanato, produção industrial; posteriormente: secretárias, atendentes, caixa de banco, professora (JACQUES, 2000).

Em função disso, as mulheres buscam mais a educação, inserindo-se em universidades, para aprimorar seu conhecimento e condições de trabalho, mesmo que isso não defina uma mudança na valorização do trabalho feminino. Pois, mesmo inseridas em cargos técnicos de alta qualificação, ainda são os homens, em sua maioria, que ocupam os cargos de chefia e são melhor remunerados que as mulheres. Isso coloca as mulheres em condição de teste, já que estão sempre buscando provar para a sociedade que são boas profissionais e que, mesmo assim, podem também ser boas mães (SCAVONE¹, 2001).

Além de reconhecimento econômico e social, atualmente, o trabalho, para algumas mulheres, tem o significado de realização pessoal, prazer e satisfação. Para essas, trabalhar é a realização de um projeto pessoal, além do retorno material que proporciona. No início da inserção feminina, no mercado de trabalho, trabalhar fora significava uma renda extra para a família; hoje, ser remunerada pode ter o significado de valorização melhor em sua condição pessoal, desenvolvimento cognitivo, movimento e produção. Pode significar, também, um enriquecimento de sua vida social, formação de novos vínculos, aprimoramento de seu conhecimento e melhorias no laço conjugal. Para essas mulheres, permanecer no trabalho doméstico significa estagnação, desperdício de talento e tempo (LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Porém, ainda observa-se que algumas mulheres podem ver o trabalho como um motivo sofrimento, culpa e até adoecimento. A respeito disso, Jacques (2000) observa, que as atividades destinadas às mulheres, na sociedade, têm já há algum tempo propiciado o desenvolvimento da LER (Lesões por Esforços Repetitivos). Funções como lavar, passar, varrer, torcer, costurar, desempenhadas dentro de casa mesmo, bem como as funções que exerciam nos chãos das fábricas como torcedoras de fios de linhas de algodão, e funções mais atuais que utilizam o computador como secretárias e caixas bancários, sobrecarregam as mãos limitando o crescimento feminino na vida profissional e pessoal.

Além disso, o estresse feminino tem aumentado ao longo do tempo se comparado ao masculino, atualmente, as mulheres apresentam em níveis mais altos que os homens. Isso porque após o expediente de trabalho o homem vai para o lar em busca de descanso, e a mulher, encontra o início de uma nova jornada de trabalho - doméstico (DOYLE; HING, 1998).

Em relação às consequências físicas, Gomes; Takana (2003) constataram que há uma maior incidência de queixas físicas em mulheres que trabalham fora de casa do que aquelas que exerciam atividades apenas dentro de casa. As queixas iam de encontro com cefaleias, gripes, dores abdominais e pélvicas, bem como crises de hipertensão. Esse estudo demonstrou a excessiva sobrecarga que a mulher possui, atualmente, com a dupla jornada, bem como a carência de atendimento especializado para o público feminino ocupado.

Neste contexto de trabalho, ser mãe pode implicar dedicação e esquecimento de si no contexto social, que colocam seu projeto profissional em um segundo plano (BIASOLI-ALVES, 2000; RODRIGUES, 2008). Seu dia-a-dia é marcado por várias funções, já que, mesmo fugindo do antigo papel de mulher, ela pode se ver amarrada a ele. As diversas atribuições podem fazer a mulher conviver com a culpa de não poder se dedicar plenamente em todas as suas atribuições (BIASOLI-ALVES, 2000; RODRIGUES, 2008).

Então a maternidade, quando desejada, pode acabar sendo adiada ou mesmo evitada, em função de outros projetos pessoais. Essa decisão, muitas vezes, tem o incentivo do marido que também se encontra envolvido com seus projetos individuais, assim não enxerga a viabilidade de ter um filho (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Nesse sentido, o Ministério da Saúde (2005) tem demonstrado que o número de mulheres que engravidam depois dos 35 anos está aumentando. A gestação, nesta idade, é considerada gravidez tardia. Este adiamento pode trazer consequências negativas na qualidade de vida da mulher, já que é considerada de alto risco pelos médicos, pois é frequentemente associada a complicações para a mãe e para o bebê.

Para as mulheres, a maternidade tardia encontra-se associada a maior ganho de peso, pré-eclampsia, diabetes, miomas, hemorragias, trabalho de parto pré-maturo ou prolongado, abortos espontâneos, declínio na fertilidade. Para a criança são observados maiores riscos de malformações congênitas como a Síndrome de Down, baixo peso ao nascer, internação em UTI neonatal, vindo a ocorrer mesmo o óbito desta (RODRIGUES, 2008). Além disso, o adiamento da maternidade pode trazer implicações importantes para sua fertilidade. Sabe-se que o aumento da idade torna mais difícil o processo de gravidez, o que pode levar muitas mulheres a recorrer a técnicas de reprodução assistida (TAIN, 2005).

Assim, ao levar em consideração esta realidade enfrentada pelos casais, o Ministério da Saúde instituiu, no âmbito do SUS (Sistema Único de Saúde), através da Portaria N° 426/GM, em 22 de março de 2005, a Política Nacional de Atenção Integral em Reprodução Humana Assistida. Com isso, casais inférteis são a porta de entrada da assistência realizada. As ações da Política preveem um custo médio de R\$ 4,6 milhões/ ano por Unidade de Saúde credenciada, de um investimento total de R\$ 37 milhões para o Governo Federal.

Todas essas questões levam as mulheres a refletir sobre a possibilidade de ter um filho. Como já descrito anteriormente, os projetos pessoais ganham mais força na sociedade contemporânea, isso aliado as renúncias que uma gestação e maternidade produzem, faz com que cada vez mais existam mulheres que optem por não ter filhos. Essa opção é feita de maneira consciente, porém acaba gerando questionamentos no social já que a maternidade ainda está associada a imagem feminina (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; PATIAS; BUAES, no prelo).

Considerações finais

Desde a predominância da tradicional família burguesa, os sujeitos vêm mudando sua forma de agir e conviver em sociedade. Vive-se em um terreno instável de mudança, no entanto, conserva-se ainda modelos tradicionais femininos de cuidado com a casa, responsabilidade com os filhos e o marido. A mulher ainda é cobrada pela sociedade a desempenhar o papel de mãe, a se casar e cuidar da casa, apesar de novas configurações familiares surgirem. Modelos tradicionais e novos coexistem.

No âmbito profissional, a mulher teve várias conquistas. Afinal se antes seu destino era único e pré-estabelecido; hoje, ela pode ir em busca de novos projetos de vida. Escolher e dedicar-se a uma profissão, obter reconhecimento social, independência financeira e

emocional são novas opções que coexistem com as antigas. Algumas vezes, esses projetos se mostram conflitantes, outras vezes conseguem ser aliados.

Parece que as mulheres atualmente estão em luta contínua, já que nesta variedade de opções a mulher, muitas vezes, acaba ocorrendo uma sobrecarga de funções e exigências. As escolhas femininas atuais estão, em muitos casos, gerando uma dupla ou tripla jornada, que geram estresse e adoecimento. O modelo antigo de realização feminina exclusivamente associado a maternidade e lar não contenta, e o novo modelo vinculado a realização profissional também apresenta dificuldades.

Parece que a mulher deseja uma terceira opção, que traga gratificação e não seja percebida como pesada e frustrante como a que está sendo vivenciada atualmente. Essa nova opção passaria por uma completa mudança de papéis também masculinos, em que não houvesse mais funções estanques, mas sim uma parceria flexível, que levasse homem e mulher ao estabelecimento de uma divisão de tarefas harmônica.

Muito ainda precisa ser construído e transformado. Os autores demonstram que as mudanças concretas na sociedade parecem caminhar de forma mais rápida do que aquelas vividas na esfera subjetiva dos indivíduos, que, muitas vezes, veem-se presos a estereótipos mais antigos. Por isso, faz-se importante o estudo e entendimento desta temática.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, J.R.P. **Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação.** (A. Chizzotti, Trad.) São Paulo: EDUC, COM, PED e INEP. (Trabalho original publicado em 1989). 2000.

ALMEIDA, L.S.de. Mãe cuidadora e Trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia-UPF**, v.2, n.19, p. 411-422, 2007.

ARÁN, M. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, 2003.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** 2 ed., Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ANGHER, A. J. Código Civil. In: **Vade Mecum acadêmico de direito**, 3ª ed. São Paulo: Ed. Rideel, 2006.

BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

BARBOSA, Z. P.; Rocha-Coutinho. **Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões.** **Psicologia Clínica**, v.19, n.1, p.163-185, 2007.

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **O Mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BIASOLI-ALVES, MENDES, M. Z. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.3, n. 16, p. 233 – 239. 2000.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher Princípios e Diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Assistência integral à saúde da mulher: bases da ação programática**. Brasília: Ministério da Saúde, 1984.
- CHECHI, P.; HILLESHEIM, B. Paternidade e mídia: representações sobre o pai na contemporaneidade. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 28, jan./jun. 2008
- CHECHI, P.; IENSEN, S. **Individual e conjugal: dois opostos que se atraem**. Trabalho final em graduação. (Graduação em Psicologia). Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Santa Maria, RS, 2006.
- DOYLE, C.; HING, P. **Occupation stress, burnout and job status in female academics. Gender, work and organization**. v.5, n.2, p. 67-82. 1998.
- D'INCAO, M. A. A Mulher e a família burguesa. In: **Histórias das Mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo. Contexto. 2000.
- FERÉS-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n.2, p. 379-394. 1998.
- GIDDENS, A.A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- GOMES, K. R. O.; TANAKA, C. A. Morbidade referida e uso dos serviços de saúde por mulheres trabalhadoras, Município de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v.37, n.1, 75-8. 2003
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2008). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acessado em: 08 de outubro de 2009.
- JACQUES, M.G.C. Mulher e Trabalho: perspectiva para o século XXI. In: **Construções e perspectivas em gênero**. Editora Unisinos. 2000.
- LASH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, 2007.

MALHEIROS, Fernando. Os laços conjugais e os novos rumos da família. In: CONTARDO, Calligaris et. al. **O Laço Conjugal**. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios. 1999.

NEGREIROS, M.G.C.T.; FÉRES-CARNEIRO, T.. Masculino e Feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, v.4, n. 1, p. 34-47, 2004.

PATIAS, D. N; BUAES, S. Não tem filhos por quê? **Disciplinarum scientia**, No prelo

PETERSEN, A. T. Discutindo o uso da categoria Gênero e as Teorias que respaldam estudos de Gênero. In: STREY, M.N. ORGS. **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.

RODRIGUES, C. M. **Vivências da maternidade tardia, cotidiano e qualidade de vida: a perspectiva do feminino**. Tese de mestrado Universidade Federal de Viçosa. 2008.

RIOS, G. M.; GOMES, C.I.. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudos de Psicologia**. V. 26, n.2, p. 215-225, 2009.

SANTOS, T. C. dos. **Quem precisa de análise hoje?: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.

SCAVONE¹, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface**. V. 5, n.8, p. 47-60. 2001.

SCAVONE², LUCILA. A maternidade e o feminismo: diálogo entre as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, v. 16, n.1, p. 137-150. 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n.20, v.2 p.71-100. 1990.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, V. R. R.. **Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus Editorial. 2006.

SPINDOLA, T.; SANTOS, S. R. Mulher e trabalho - a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 5, p. 593-600, 2003.

STASEVSKAS, K. O.. **Travessias do feminino no mundo**. São Paulo: Tese de doutorado - Faculdade de Saúde Pública de São Paulo. 2004.

STREY, M. N.. Mulher e Trabalho. In: STREY, M. N. (ORGS). **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.

SZAPIRO, M. A.; FÉRES-CARNEIRO, T.. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Psicologia Reflexão e crítica**, v.15, n. 1, p. 179-188. 2002.

TAIN, L.. Um filho quando eu quiser?: O caso da França contemporânea. **Estudos Feministas**, v. 13, n.1, p. 53-67. 2005.

ARTIGO 2

**COMPREENDENDO RELAÇÕES DE GÊNERO: O PERFIL DA FAMÍLIA
CONTEMPORÂNEA ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES**

**UNDERSTANDING GENDER RELATIONS: THE CONTEMPORANEOUS FAMILY
PROFILE THROUGH THE REPRESENTATION OF WOMEN**

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados do estudo que buscou compreender as definições de papéis e funções que as mulheres entrevistadas associam às mulheres e aos homens na família e na sociedade. Foi realizada uma entrevista semiestruturada para sete mulheres de 30 a 35 anos, classe média, trabalhadoras, que vivenciaram ou não a maternidade. Para a análise das informações foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática Categorial, conforme proposta por BARDIN (2004). Duas categorias descrevem como as mulheres percebem a si e aos homens na atualidade na família. A primeira categoria - "Representações das mulheres sobre si" expõe como a mulher enxerga a si mesma, sua rotina, papéis e funções na família e sociedade. A segunda categoria nomeada "Representações sobre o homem" demonstra através das falas as impressões da mulher sobre a rotina, papéis e funções do homem atual. Pode-se concluir com este estudo que os papéis continuam ainda associados ao modelo tradicional de família onde a mulher é a principal responsável pelas atividades do lar. O homem aparece como um ajudante das esposas dentro de casa. Porém, observou-se ainda que mesmo havendo muitas queixas em relação a sobrecarga de trabalho, a mulher toma as responsabilidades de diferentes esferas (filhos, lar, carreira) para si, tendo dificuldade de delegar as mesmas. Isso parece ocorrer devido ao fato de as entrevistadas acreditarem que desempenham melhor as atividades da casa e de cuidados com os filhos que o marido.

Palavras-chaves: Gênero; Representações; Mulheres; Homens; Família.

Abstract

This article presents the results of a study that aimed to understand the definitions of roles and functions that interviewed women associate to women and men in family and society. A semi-structured interview was carried out with seven medium class women aged from 30 to 35 years old, workers, that experienced or not motherhood. Analysis of information was carried out through Thematic Category Content Analysis, proposed by BARDIN (2004). Two categories describe how women currently perceive themselves and men in family. The first category - "Representations of women about themselves", conveys how the woman sees herself, her routine, roles and functions in family and society. The second category, named "Representations about men", points out reports depicting impressions of the woman about the routine, roles and functions of men. The conclusion of the study is that roles are still associated to the traditional family model, where women are the main responsible for home chores. Men are related as someone who helps women regarding such chores. Even though women complain about the work overload, they still take the responsibilities for themselves in different contexts (children, home, career), considering difficult to delegate them. Such scenario seems to occur due to the fact that the interviewed women believe that they develop the home chores and care for the children in a better way than their husbands.

Keywords: Gender. Representations. Women; Men. Family.

Introdução

Aproximar dois conceitos distintos da Psicologia Social parece pertinente, mas não inovador. Sabe-se que tanto a *teoria das representações sociais* quanto as teorias de *gênero* possuem semelhanças quanto ao seu caráter emergente. Elas nascem em um momento histórico em que a ciência estava sedenta de novos instrumentos que acompanhassem as mudanças e os questionamentos que estavam ocorrendo na sociedade científica. As semelhanças não terminam aí. Essas teorias têm conceitos ligados às realidades concretas, afirmando a importância da dimensão subjetiva de objetos até então pouco enfocados pela ciência, a mulher e o senso comum (ARRUDA, 2002).

A teoria das representações sociais, criada pelo romeno, naturalizado francês, Serge Moscovici, tem origem na Antropologia e na Sociologia, através de Durkheim e Lévi. Ela preocupa-se, essencialmente, em construir um novo olhar sobre a realidade, menos funcionalista e positivista. Através do conceito das representações sociais pode-se descobrir aquilo que se esconde da realidade, procurando dar sentido e significado ao descoberto, através de ideias já existentes no interior dos indivíduos ou grupos (MOSCOVICI, 2003; OLIVEIRA, 2004).

O conceito de representação social busca dar poder as ideias do senso comum, entendendo, interpretando aquilo que se passa individual e coletivamente. Assim, busca trabalhar com o reconhecimento de sutis mudanças sociais que dependem da ótica dos indivíduos ou dos grupos. Um não menos importante que o outro, e sempre interligados (OLIVEIRA, 2004; OLIVEIRA; WERBA, 2005).

Colling (2004) considera que escrever sobre mulheres é, de certa forma, trabalhar com representações, ou seja, é falar daquilo que se encontra na ótica do não dito, daquilo que está subentendido no sujeito pesquisado, como os costumes, a história, a cultura. Falar de mulheres é, principalmente, referir-se às dominações subjetivas que o homem sempre exerceu sobre elas. Então, ao se falar das mulheres, inevitavelmente, se fala sobre questões de gênero.

O termo gênero utilizado, neste trabalho, parte da concepção introduzida nas ciências sociais e humanas, desde a década de setenta, que o descreve como uma categoria de análise histórica, que possibilita analisar e entender sistemas de relações sociais. Falar de gênero refere-se à forma como se entende o que é ser homem e ser mulher em uma determinada cultura e momento histórico. Nesse sentido, não se refere apenas aos aspectos e explicações biológicas, mas sim de representações e como se desenvolvem as construções de identidades subjetivas (SCOTT, 1990).

Ao levar em consideração as questões biológicas, nas quais o que se encontra em jogo seriam as diferenças físicas, que enxergam as mulheres a partir da ótica da maternidade e os homens a partir de sua força física, as questões de gênero naturalizam determinadas funções e papéis. Essa visão reafirma a desigualdade entre os sexos, associando a dominação ao sexo masculino e a fragilidade ao sexo feminino. Essas análises, em grande parte, que justificam a permanência da mulher na esfera privada (lar) e o homem como elemento principal da esfera pública (provedor do lar) baseiam-se em uma visão biológica dos papéis femininos e masculinos apenas (SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010; PETERSEN, 1999).

Scott (1990) formula sua definição de gênero descrevendo-a em duas partes. Primeiro, trás gênero como um elemento constitutivo, baseado nas diferenças percebidas entre homens e mulheres, que são bases para as relações sociais. Segundo, considera gênero um modo de significar as relações de poder e política. Sendo assim, gênero é uma ferramenta importantíssima de análise social.

Simone de Beauvoir também já auxiliou e ainda auxilia muito na compreensão do tema. Ao publicar seu livro “O segundo sexo”, em 1949, ela problematiza a questão da naturalização da maternidade quando afirma que a mulher não nasce mulher, mas sim torna-se mulher, ou seja, o processo do ser mulher depende de uma dada cultura. Essa cultura impõe a maternidade como condição de existência para ser mulher (BEAUVOIR, 1980).

Na sociedade brasileira atual, por exemplo, a mulher é a maior responsável pelos cuidados com o filho. Mesmo assim, o homem pode auxiliá-la, já que, cada vez mais, o homem busca participar da educação dos filhos junto da esposa (BELTRAME; BOTTOLI, 2010). Sabe-se que, na contemporaneidade, mesmo que biologicamente, a mulher seja responsável pela gestação, os cuidados e a criação ficam a critério do casal, ou seja, dizem respeito a questões de gênero, como será combinado o desempenhar de papéis e funções dentro do contexto familiar (WAGNER; PREDEBON; MOSMANN; VERZA, 2005). Assim, mesmo que homens e mulheres possam realizar os cuidados da criança, e as tarefas domésticas, ambas ainda se encontram, especialmente, vinculadas à figura feminina (BORSA; NUNES, 2011).

Essa vinculação direta dificulta a abertura de espaço para novas vivências cotidianas, nas quais homens e mulheres dividiriam as atividades do lar de forma mais igualitária e responsável. Assim, percebe-se que ocorreram algumas transformações nos papéis de gênero atualmente, o homem se encontra mais presente na criação dos filhos, participando mais ativamente da educação destes. A mulher, por sua vez, cada vez mais conquista reconhecimento no ambiente de trabalho, espaço que antigamente era exclusivamente

masculino. Porém, a mudança efetiva ainda encontra-se em transição, já que homens e mulheres ainda podem assumir para si, sem questionamentos, os modelos tradicionais de gênero (BORSA; NUNES, 2011).

O objetivo do presente trabalho é compreender quais são as representações que mulheres com e sem experiência de maternidade, residentes em uma cidade do interior do RS, possuem sobre os papéis e atividades atribuídos às mulheres e homens na família e na sociedade atualmente.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa sete mulheres de idade entre 30 a 35 anos. A primeira entrevistada Lia¹ tem 30 anos, é secretária e não tem filhos ainda. Ela é casada e mora junto com o marido. A segunda entrevistada - Joana - tem 30 anos, é secretária, casada, tem uma filha de 9 anos, e seu marido viaja para trabalhar durante a semana. A terceira entrevistada, Bianca tem 34 anos, é secretária, casada e tem um filho de 6 anos. A quarta entrevistada, Julia, tem 33 anos, é médica, está casada, e o marido também viaja a trabalho durante a semana. A quinta entrevistada, Bruna, tem 30 anos, é auxiliar de limpeza, ainda não tem filhos, é casada e mora junto com seu esposo. Amanda, a sexta entrevistada, tem 32 anos, é contadora, não possui filhos, é casada e veio morar em Santa Maria para estudar e trabalhar, o marido ficou em sua cidade natal onde trabalha. Eles se veem nos finais de semana. Por fim, a última entrevistada é Maria, 35 anos, contadora, tem uma filha de 10 anos, é casada e mora junto com seu cônjuge.

Instrumentos e procedimentos

O instrumento para coleta das informações foi uma entrevista semi-estruturada individual. Assim, pode-se aprofundar e esclarecer as respostas dadas pelas entrevistadas. (MINAYO, 2010). As entrevistas foram gravadas em áudio, sendo transcritas para posterior análise.

¹ Os nomes das participantes desta pesquisa foi trocado por questões éticas e confidenciais. Assim utilizou-se nomes fictícios.

As entrevistas foram todas realizadas no ambiente de trabalho das respondentes, buscando preservar o sigilo, sendo realizada em sala fechada. A constituição da amostra seguiu o procedimento conhecido como bola de neve (Snowball) (BIERNACKI; WALDORF, 1981), ou seja, a primeira entrevistada indicou a segunda e assim sucessivamente.

Inicialmente, divulgou-se a pesquisa por email de conhecidos, a primeira entrevistada se voluntariou a participar e indicou a segunda. Foi combinado local e hora para as entrevistas conforme conveniência das participantes. Ao serem convidadas a participar da pesquisa, foram explicados os objetivos e procedimentos do estudo, levando em conta os procedimentos éticos. O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Maria, sob o registro número 23081.013699\2010-09.

Análise das informações

Para análise das informações foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Esta reúne procedimentos para analisar o conteúdo de determinadas mensagens, buscando a materialização linguística e a categorização do texto para realizar a interpretação das informações, tendo como foco o conhecimento empírico (MINAYO, 2010).

Na presente pesquisa, a análise se deu buscando compreender melhor os discursos, aprofundando suas características e destacando seus momentos mais importantes. Ela foi realizada para retirar do conteúdo das mensagens os indicadores que auxiliaram no conhecimento das possíveis mensagens implícitas.

Resultados e discussão

As sete mulheres entrevistadas viviam realidades diferentes em relação à estrutura familiar, carreira, salário e cotidiano. Suas histórias de vida as diferenciam, já que três possuem filhos e as demais não. Além disso, a carreira profissional de cada uma apresenta suas peculiaridades, mesmo entre aquelas que possuem uma mesma profissão, as características do trabalho não são as mesmas.

Apesar disso, foi possível unir as falas das entrevistadas, buscando as representações nelas, pois o foco analisado é a experiência comum das mulheres atualmente. Assim, a análise de conteúdo visou descobrir semelhanças de respostas e particularidades nos discursos coletados. Duas categorias buscam descrever as representações das entrevistadas sobre os

papéis masculino e feminino, são elas: Representações das mulheres sobre si e - Representações sobre o homem.

Representações das mulheres sobre si

A rotina das mulheres entrevistadas parece ser repleta de diferentes atividades, demonstrando que a mulher, atualmente, divide-se entre as tarefas do lar e aquelas presentes em seu trabalho para poder dar conta das responsabilidades assumidas tanto em um ambiente como noutro. De maneira geral, observa-se que o início do dia é destinado a providenciar alguns cuidados com o lar e com os filhos, quando os tem; após isso, as participantes vão para o trabalho, dedicando-se as tarefas profissionais. Ao final do dia, as entrevistadas voltam para suas casas, onde continuam a organizar as tarefas domésticas, pelas quais se sentem as principais responsáveis.

“Meu cotidiano, hoje, é assim, levanto de manhã e fico em casa até as 11, arrumo as casa as roupas, coloco a máquina para lavar, faço o almoço, acordo o V. (filho) preparo o mamã ajeito ele para ir para a escola, ele tá com 6 anos. Eu deixo ele de banho tomado e já vejo a roupa dele de ir para escola, aí, dez para às 11h, meu marido chega, e digo oh o V. já tá pronto, é só colocara a roupa nele dá o almoço para ele e aí eu vou trabalhar. Eu trabalho como secretária das 11h até as 13h. Aí, às 13h, eu saio chego em casa, daí eu tenho que pegar o Vitor e colocar ele na van. Aí, às 14horas, eu volto a trabalhar e só retorno a partir das 20h.”(Bianca, 34 anos).

“Então, a princípio, pela manhã, em torno das 6:00, eu me levanto, tomo café, daí saio para o trabalho até o meio dia. Aí, meio dia, vou para casa ao meio dia, almoço e volto para o trabalho. Até umas 18:00, daí eu vou para casa. Em casa eu organizo a casa e faço o almoço para o outro dia” (Lia, 30 anos).

“Levanto cinco e cinquenta da manhã, aí tomo o meu banho, me arrumo, troco o xixi do cachorro, dou uma ajeitada e venho trabalhar. Onze horas eu largo aqui da clínica, vou pra casa, faço o almoço, dou comida pra minha filha, almoço, volto pra cá. Daí, chego aqui a uma, saio daqui às quatro, vou pra casa, tirar pó, lavar roupa, cuidar do cachorro” (Joana, 30 anos).

Essa divisão de tarefas e funções vem se construindo desta forma devido à saída da mulher para o mercado de trabalho. Antigamente, os papéis associados à mulher eram única e exclusivamente os de mãe e esposa (BIASOLI-ALVES, 2000; WAGNER; PREDEBON; MOSMANN; VERZA, 2005). Hoje, pode ser observada uma mudança em relação ao passado, já que a busca por uma carreira profissional faz com a que a mulher almeje alcançar a independência financeira e realização profissional, objetivos pertencentes, em outros momentos, apenas aos homens. (BORSA; NUNES, 2011; ALMEIDA, 2007; SOARES; CARVALHO, 2003).

Representar a si mesma como uma pessoa que acumula e se responsabiliza por muitas tarefas parece ser algo natural para as participantes. Isso pode estar associado ao fato de que ao longo da história da humanidade, a mulher aparece como uma figura submissa às vontades do homem. No sistema tradicional do patriarcado, as características de passividade e obediência ao pai e ao marido eram valores que a mulher deveria possuir para ser merecedora de felicidade e de uma boa família (BIASOLI-ALVES, 2000; DESOUZA; BALDWIN, 2000; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). A postura da mulher, atualmente, é fruto desse histórico, no qual a ação normativa do patriarcado dificulta a reorganização emocional dos sujeitos e inviabiliza a efetiva mudança na divisão de tarefas entre os sexos (CECCARELLI, 2007; NARVAZ; KOLLER, 2006).

Porém, percebe-se, através das falas das entrevistadas, que a divisão entre as tarefas domésticas e àquelas presentes no mundo do trabalho é uma necessidade das mulheres entrevistadas. Elas consideram que há uma satisfação maior no trabalho exercido fora de casa, apesar de, por vezes, terem que fazer sacrifícios para adquirirem estabilidade em suas carreiras.

“[...] na verdade, quando eu me formei, ficava achando quantos anos da tua vida vou ter que fazer plantão, ou quando eu vou parar de fazer plantão e se estabilizar é que a gente começa a fazer muito plantão. Mas é por necessidade. Quando eu me formei, pensava, “quanto tempo vou fazer plantão?”, aquela coisa que me incomodava. Agora, eu tô satisfeita, terminei com os plantões!” (Julia, 33 anos).

Nesse contexto de divisão, o trabalho do lar torna o dia mais cansativo para as entrevistadas. Porém, percebe-se que os trabalhos, internos e externos ao lar, assumem diferentes significados, muitas vezes, sendo a mesma tarefa percebida de maneira diferenciada, dependendo do momento e contexto em que é realizada. O trabalho externo ao lar, por exemplo, pode tanto ser visto pelas entrevistadas como uma fonte de satisfação, como decorrente de uma necessidade financeira para aumentar o orçamento familiar.

“A minha rotina eu gosto porque eu saio todos os dias, daí não fica aquela coisa só em casa. Essa é a parte boa, daí eu saio, converso com as gurias. O cansativo é ter que chegar em casa, fazer janta. O trabalho doméstico dificulta um pouco mais” (Bruna, 30 anos).

Essa divisão, observada nas entrevistas e também evidenciada por autores que trabalham com gênero, traduz a realidade emocional da mulher atual. Atualmente, a satisfação feminina não está mais apenas vinculada à maternidade. Esta já não é mais essencial para a mulher se sentir completa, sendo que a maternidade pode assumir diferentes significados,

inclusive, associar-se a diferentes sacrifícios e renúncias femininas (LOSADA; ROCHA COUTINHO, 2007; PATIAS; BUAES, NO PRELO). O trabalho fora do lar é percebido como um projeto pessoal e se torna fonte de satisfação, realização pessoal e estabilidade financeira (SILVA; MENDONÇA; ZANINI, 2010).

As entrevistas exemplificam a ideia exposta anteriormente, confirmando que a rotina das mulheres que são mães é mais sobrecarregada; as entrevistadas que não possuem filhos conseguem ter mais tempo para descansar após o expediente do que aquelas que têm filhos. As participantes que possuem filho somam a sua rotina de trabalhos domésticos e profissionais, os cuidados básicos com os filhos e com suas tarefas escolares.

“Seis horas a minha filha chega, ela vai tomar banho, vai fazer os deveres, eu ajudo e ainda, enquanto isso, faço a janta, tomar um café, o que tiver mais perto e daí gente janta e fica olhando televisão, jogando, até às dez e meia” (Joana, 30 anos).

“O tempo é dividido (se referindo ao cuidado com a filha e a profissão), tu pode ter o tempo do mundo para ela e não dar o suficiente. Mas minha mãe acha que eu deveria ficar só em casa com ela (a filha), que eu deveria ser aquela esposa que limpa a casa, faz comidinha, (risos) mas não tem como. Nem ela não foi, a mãe sempre trabalhou fora” (Joana, 30 anos).

Assim, observa-se que as entrevistadas que não possuem filhos têm mais tempo para se envolver com o trabalho extra lar. Elas conseguem dedicar mais tempo aos mesmos, ficando, muitas vezes, até o turno da noite, envolvidas com suas atividades profissionais.

“Agora eu tô envolvida mais com os pacientes, de manhã, que eu atendo aqui, às vezes sim, às vezes não. Desde manhã, até umas 20 horas. Em casa, eu sou casada e como meu marido viaja bastante, geralmente, eu fico sempre sozinha. Quando eu chego em casa, leio alguma coisa, faço o que tem que fazer, vejo televisão e vou dormir. Final de semana a gente sai, janta, tem coisas de lazer também, olha um filme. Mas, durante a semana, é mais corrido mesmo, trabalho mesmo” (Júlia, 33 anos, médica sem filhos).

Mesmo não tendo filhos, as entrevistadas acreditam que é a mulher a principal responsável pela criança, assim pensam que terão que se dividir entre sua carreira e a maternidade para dar conta de todas as funções que ambas as tarefas exigem. Elas percebem a casa e os filhos como atribuições da mulher, que se agregam aquelas presentes na carreira profissional. Esse receio de acúmulo de atividades ocasiona o adiamento da maternidade por parte da mulher.

“E aí tu vai ter que fazer uma divisão entre trabalho, casa e filho, então tem que se desdobrar bem mais” (Amanda, 32 anos).

“Claro, atrapalha um pouco, aconteceu o que já vem acontecendo, ter filho mais velho, mas acho que não chega a ser aquela coisa “ah, atrapalhou a vida”. Só aquela pessoa que realmente “ah, não consigo fazer mais nada”, que é difícil tu ter, normalmente tu consegue conciliar, porque é uma tarefa da mulher, né! Mas, com certeza, tá bem, pelo menos o que eu vejo das minhas amigas que tão tendo filhos agora. Claro, tem o início, que é um pouco mais complicado, aqueles meses até tu te habituar” (Julia, 33 anos).

Essas diferenças na rotina das que não possuem filhos interferem na decisão de tê-los. Pode-se observar que algumas entrevistadas adiam a maternidade por prezarem por sua independência e/ou desenvolvimento profissional. Observa-se que o trabalho não é somente percebido como uma necessidade financeira, mas como fonte de realização. Algumas entrevistadas indicam que sentem dificuldades em abdicar de sua individualidade para se dedicar a um filho. Nesses momentos, as participantes recordam da trajetória de suas mães para avaliar, ou mesmo, referendar a decisão a ser tomada: trabalhar ou ter filhos.

Essas mulheres indicam que foram estimuladas em sua educação a não abrir mão dos estudos, do trabalho e de sua independência. Em alguns momentos, em seus relatos, essas opções parecem ser excludentes.

“A mãe sempre trabalhou quando nos teve e mesmo achando que eu devo ter filho, eu tenho que trabalhar, tem que ter condições próprias, não tem que depender de ninguém. Até mesmo porque ela sempre foi assim, nunca dependeu do meu pai, ela sempre trabalhou, então ela acha que eu tenho que ser assim, de jeito nenhum, deixar de trabalhar para criar um filho” (Lia, 30 anos).

“Eu acho que a mulher tem que tentar o possível para ser independente. Desde cedo trabalhar, estudar, para poder adquirir suas coisas, então para mim a mulher ideal é aquela que não tem medo de enfrentar os obstáculos, quer seu objetivo e segue” (Lia, 30 anos).

“O que eu vou te dizer, eu me assusto um pouco, não sei se é egoísmo, todo mundo diz que muda depois de ter filho, mas eu não consigo me imaginar deixando de fazer minhas coisas “ah não vou trabalhar porque hoje tenho que cuidar da criança”, isso é um pouco difícil de eu conseguir administrar, acho que é uma das coisas que eu ainda não tive filhos. Poder chegar em casa e poder deitar, senão chega em casa e tem criança chorando, lava roupa de criança... Não posso nem imaginar!” (Julia, 33 anos).

“Minha mãe e meu pai estudaram, os dois fizeram faculdade, então eu tenho desde criança estímulo pra estudar, eu acho que eu faria da mesma maneira” (Julia, 33 anos).

“É o que eles mais querem. Eu acho que pela minha mãe eu teria filho e continuaria trabalhando, porque ela cuidaria, ajudaria. Mas, pelo meu marido, acho que ele gostaria que eu ficasse em casa. E eu mesmo achando difícil, mas eu gostaria de continuar trabalhando quando ter filho” (Bruna, 30 anos).

O adiamento da maternidade é uma realidade na vida de algumas mulheres atualmente, que buscando independência, encontra-se envolvida com sua carreira profissional,

e acaba optando por postergar a vinda de um filho (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Além disso, torna-se cada vez mais frequente, principalmente nos estratos médios da população, a opção pela não maternidade (MANSUR, 2003). Por muito tempo, a figura feminina esteve associada à sua possibilidade de gerar, sendo que isso era um imperativo para a mulher (DESOUZA; BALDWIN, 2000; SZAPIRO; FÉREZ-CARNEIRO, 2002; BORSA; NUNES, 2011). Atualmente, a satisfação e dedicação ao trabalho e, até mesmo, a possibilidade de não terem filhos, dá a mulher a chance de escolher e planejar sua vida pessoal e profissional. Isso faz com que se desfaça a visão romântica de que só obterá a completude através da maternidade. Hoje, há situações nas quais algumas mulheres apresentam dificuldades de encontrar um espaço para uma criança em suas vidas (RIOS; GOMES, 2009; PATIAS; BUAES, NO PRELO).

Porém, mesmo que ora maternidade e trabalho apareçam como opções excludentes, a realização pessoal pode estar associada a ambos. As entrevistadas que não possuem filhos demonstram ter vontade de tê-los, porém também indicam que sentem dificuldades em abrir mão de seu trabalho para ter um bebê. Então, o que parece ter mudado em relação à visão tradicional de completude da maternidade é que hoje a mulher possui mais opções, podendo ir vivenciando e, a partir de suas escolhas, ir mudando sua trajetória pessoal. Porém, percebe-se que as entrevistadas também veem a maternidade como algo importante que gera realizações e alegrias. Desse modo, permanece ainda a concepção tradicional de gênero que a mulher “para ser completa” deve ser mãe.

“Para ser completa, como se precisa do pai e da mãe para educar um filho a mulher precisa das duas coisas, trabalhar e ter filho para ser completa, isso é uma coisa que por mais que a mulher hoje diga que não, no fundo, no fundo ela precisa do trabalho para se realiza e ter filho também” (Lia, 30 anos)

“Casa própria, emprego, eles foram ter casa própria eu tinha 17 anos... não faz muito. Então hoje, com a idade que eu tenho, uma condição, um emprego, e isso me dá orgulho![...] As escolhas que eu fiz profissionalmente hoje, eu não me arrependo, se eu tivesse que me arrepender de alguma coisa, seria de não ter tido filho ainda né, mas do resto não” (Lia, 30 anos).

“Mas parei de estudar, engravidei. No momento que eu engravidei, eu pensei muito nela” (Joana, 30 anos).

“Uma boa família, um bom trabalho. Uma boa relação com a família, um bom serviço. Acho que a família é uma base de tudo, né?!” (Bruna, 30 anos).

Sabe-se que as famílias com número de filhos reduzidos e planejados é algo que surgiu com a sociedade industrial no século XIX. Antes disso, as famílias de classe média exaltavam o papel materno como natural à mulher, associando a realização pessoal à dedicação em

tempo integral a proles numerosas (SCAVONE, 2001). Os valores femininos incentivados naquela época eram: a submissão, a destreza com afazeres domésticos e manuais, a doação incondicional e a delicadeza. Esse padrão de comportamento perdeu espaço com a chegada da Modernidade, passando a mulher a ter um acesso maior à educação e ao trabalho (BIASOLI-ALVES, 2000).

Hoje, a mulher pode optar e construir seu destino, optando por ter ou não filhos, se dedicando ou não a uma carreira profissional. Porém, essa mudança ainda se encontra associada às representações dos papéis tradicionais de gênero. Ainda causa estranhamento à sociedade, a mulher que não deseja ter filhos, sendo esperado que a mulher cumpra os antigos scripts a ela atribuídos, além de desenvolver novos scripts como contribuir com um trabalho remunerado para o sustento do lar (PATIAS; BUAES, NO PRELO; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; FLECK; WAGNER, 2003). Ao assumir essas cobranças sociais é possível que a mulher desenvolva uma dupla ou até tripla jornada (LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007; BORSA; NUNES, 2011).

Nas entrevistas, as mães e profissionais uniam à rotina do lar as obrigações com os filhos e com a carreira profissional, buscando encontrar estratégias para dar conta de todas as atividades, devido ao desempenho de várias funções dentro e fora do lar. Uma alternativa importante para essas mulheres é o auxílio ofertado pelas creches ou escolas, nas quais deixam os filhos um ou dois turnos.

Porém, muitas vezes, isso não é bem visto por elas mesmas e pela sociedade, que compartilham a ideia que: em casa, sob seus cuidados da mãe, os filhos estão melhor amparados. Assim, algumas mulheres podem se sentir culpadas por possuir diversas tarefas em seu dia a dia e não conseguirem ser uma mãe mais presente nas rotinas de seus filhos (FLECK; WAGNER, 2003; RODRIGUES, 2008; FIORIN; PATIAS; DIAS, 2012).

“Tu tem que deixar teu filho com alguém, com um estranho, ou de repente numa escola, numa creche, que nem eu deixo a minha de manhã” (Joana, 30 anos).

“... ele na van e aí o ele vai para a escola e fica toda a tarde lá.”(Bianca, 34 anos).

Outro fator que auxilia na rotina das entrevistadas é a obtenção de uma melhor remuneração no trabalho fora do lar. A estabilidade financeira possibilita que a mulher delegue as atividades domésticas a outras pessoas, pagando, por exemplo, por diaristas que lhe auxiliam na execução dessas atividades. Assim, a mulher percebe que não consegue organizar as atividades do lar, necessitando o auxílio de outra mulher para execução dessa

tarefa. Isso também remete as questões de trabalho e gênero, pois, historicamente, sempre foi atribuído à mulher o cuidado com o espaço doméstico (ARIÉS, 1981; BADINTER, 1985; STREY, 2007). Algumas mulheres, mesmo trabalhando fora, trabalham no lar de outras pessoas.

“Mas eu deixo mais, toda a quinta-feira vai a moça lá e ela arruma! [...] eu tenho uma moça que faz limpeza uma vez na semana, passa roupa. Não cozinho nada, a gente come sempre fora.” (Julia, 33 anos)

“Eu não mexo na casa, não faço nada, nem janta, nada, nada, nada, porque minha empregada deixa pronto” (Maria, 35 anos).

Além disso, algumas entrevistadas indicam que ocupam o final de semana para organizar a casa e realizar atividades domésticas que tomam mais tempo dentro do lar. Percebe-se, nos relatos, que a mulher não parece ver problema de ser a principal responsável pelas atividades domésticas, por vezes, sacrificam os dias que seriam de descanso para organizar as atividades do lar que, durante a semana, não conseguem realizar.

“A princípio eu não vejo muita dificuldade. Eu procuro deixar algumas tarefas, as mais pesadas pro sábado. Então eu apenas mantenho, o que é mais complicado é o almoço que tem que ficar deixando pronto para o outro dia.” (Lia, 30 anos)

“Geralmente, eu dou uma ajeitada no final da semana” (Julia, 33 anos)

“Eu acordo às seis e meia, tomo meu café, faço minha higiene e venho trabalhar. Normalmente, eu começo as sete, sete e quinze. Na hora do intervalo de meio-dia, almoço, dá tempo de almoçar e voltar. Aí “toco” até dezenove, vinte horas. Volto pra casa, tomo banho e vou pra cama. E as atividades de casa? Nos finais de semana.” (Amanda, 32 anos)

Pode-se refletir que essas estratégias para administrar adequadamente o lar, sem abrir mão da carreira profissional, surgem principalmente devido à visão que o trabalho doméstico ganhou ao longo dos tempos. Losada e Rocha-Coutinho (2007), em um estudo realizado com pequenas empresárias, constaram que a vida dedicada ao lar não é significada por essas mulheres como uma vida produtiva. Elas acreditam que se concentrar apenas na rotina doméstica desperdiça tempo e capacidade, não proporcionando satisfação nenhuma.

Observa-se que as entrevistadas contam ainda com o auxílio do marido, como um ajudante dentro do lar, porém descrevem o quanto são elas que determinam à rotina do lar, independente da pessoa que a executa. Na opinião de algumas entrevistadas, o homem não possui a capacidade e o tempo para observar o que deve ser feito dentro do lar, assim são elas as responsáveis por determinar as atividades que devem ser realizadas.

“[...] quando eu casei eu já deixei isso bem dividido, já dividi as tarefas...porque não é só um que suja são dois [...] quem determina como as tarefas são realizadas? Ah com certeza a mulher. O toque final sempre é o feminino” (Lia, 30 anos).

“Eu tenho certeza que ele vai me ajudar (se referindo ao filho que terão), mas quem determina vai ser eu, é a mulher, não adianta, porque é ela que tem a percepção de ver tudo, e parece que ele é bitolado para algumas coisas, e a mulher tem a percepção de ver tudo” (Amanda, 32 anos).

“Claro que eu mando, porque eu sou mandona, mas ele divide bem... Mas eu acho que a mulher controla pra tudo né, mas eles desobedecem não adianta” (Julia, 33 anos).

Algumas participantes indicam que esse controle sobre as atividades de casa interfere na estabilidade do lar. Elas acreditam que se não determinarem o que e quando deve ser feito determinada tarefa, o lar não irá “funcionar”. As participantes se percebem como o alicerce de suas famílias. Essa responsabilidade acaba lhes sobrecarregando, principalmente, por aliar-se a uma rotina de trabalho atribulada dentro e fora do lar.

“Olha, sou eu que determino, mas eu não consigo nem ir no mercado. Minha filha e meu marido se viram, eu não consigo fazer nada disso, a minha rotina tá bem modificada.”

“Ele conta mais comigo, ele não é daqueles que ajudam, que fazem as coisas. Mais mesmo sou eu. O lar eu que controlo. Ele trabalha durante o dia, ele sai às quatro horas da manhã e volta, por enquanto na base de seis horas, sete, mas tem dias que ele chega bem mais tarde. A rotina dele é bem puxada, é cansativa pra ele” (Bruna, 30 anos).

“[...] é que às vezes é uma questão de delegar, né? (se referindo ao delegar as funções dentro do lar), para poder administrar o tempo, para poder administrar a própria vida né?, para o lar poder funcionar de uma maneira diferente né?, as pessoas acabam brigando, brigando e ninguém cede. E se não se tem visão, acaba se acomodando naquela situação. Então delega!” (Lia, 30 anos).

Esses sentimentos que envolvem o trabalho doméstico falam de crenças tradicionais de mulheres e homens. Mesmo que sejam observadas mudanças na participação do homem nestas atividades, percebe-se que ainda há uma divisão no que vem a ser “trabalho de homem” e “trabalho de mulher” (STREY, 2007; pág. 28). O trabalho interno ao lar ainda é visto como uma atribuição feminina, sendo algo que não dá prazer, repetitivo e cansativo (STREY, 2007).

Essa divisão do que vem a ser trabalho feminino e masculino pode reforçar questões de gênero arcaicas que acabam por sobrecarregar a mulher em sua rotina, tornando lenta a mudança de papéis dentro e fora do lar (BORSA; FIEL, 2008). Um estudo realizado com a primeira turma de oficiais aviadoras da Força Aérea Brasileira constatou que apesar de pioneiras na profissão, até então proibida às mulheres, elas acreditam nas responsabilidades

da mulher com as tarefas do lar e de educação dos filhos, sonhando em se casar e serem mães (SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010).

Baseado nisso, pode-se compreender o orgulho demonstrado pelas entrevistadas quando falam de suas rotinas, principalmente quando as mesmas consideram que conseguem lidar adequadamente com todas as atividades que se propõem a realizar. Apoiadas neste orgulho quanto ao seu desempenho cotidiano, as participantes chegam a demonstrar uma postura autossuficiente, como se não necessitassem da ajuda de seus maridos para lidar com as tarefas dentro do lar.

“Eu acho que não muda, a mulher consegue conciliar várias coisas ao mesmo tempo, sem ter homem. Tem mulher que trabalha e tem filho, estuda pra faculdade, pra concurso também” (Julia, 33 anos).

Por outro lado, ao mesmo tempo demonstram orgulho e um aparente sentimento de autossuficiência, as entrevistadas indicam que estão cansadas, em função do somatório de atividades que precisam desempenhar. Nesses momentos, percebem que não conseguem dar conta sozinha de toda a carga de atividades a que se propõem, e se cobram em realizar. Nesse momento, evocam também a responsabilidade dos maridos com o ambiente doméstico e/ou cuidado dos filhos. Percebe-se que apesar do cansaço, a autocobrança realizada indica o quanto essas mulheres ainda sentem que a responsabilidade com a casa, com os filhos e com o marido ainda é considerada uma tarefa eminentemente feminina.

“Quando chega em casa, tem uma conta pra pagar, internet, eu nem consigo ajudar agora nessa rotina da L. dos temas. Chego em casa umas dez horas e meus olhos não se abrem. Eu não me aguento!” (Maria, 35 anos).

“Tem dias que eu me sinto bem cansada, um pouco estressada” (Bruna, 30 anos).

“De manhã, todos os dias, eu levanto de manhã, dou uma ajeitada na casa. Depois chega o horário de ir pro serviço, eu venho, passo a tarde aqui na clínica, à noite eu chego faço as coisas, arrumo as coisas do meu marido que trabalha todos os dias, praticamente, é assim” (Bruna, 30 anos).

Porém, se dentro do lar os papéis parecem mudar lentamente, as responsabilidades femininas fora dele mudaram consideravelmente. A questão financeira da família passou a ser uma preocupação da mulher, influenciando inclusive na escolha de ter ou não um filho. Mesmo que o trabalho seja uma escolha que gere satisfações, ele também é visto como algo essencial financeiramente. As entrevistadas se preocupam com a estabilidade financeira, temendo não poder arcar com as despesas financeiras geradas por uma criança, na atualidade.

Assim, trabalhar fora não é só uma questão de escolha, mas também uma necessidade financeira para essas mulheres, uma vez que a renda feminina, hoje, contribui significativamente para o sustento do lar.

“Então tu não sabe o dia de amanhã, o medo de não pode sustentar, hoje em dia, tu não sabe o dia de amanhã, tu depende daquele emprego para dar o melhor...meu maior medo hoje de ser mãe é isso, né!?” (Lia, 30 anos).

“Mas eu acho que ser mulher e mãe é bem complicado, ainda mais quando a mulher tem que trabalhar fora, não porque ela quer ou gosta, por necessidade mesmo” (Joana, 30 anos).

Segundo Strey (2007), o trabalho externo ao lar está mais suscetível à mudança do que aquele que não é remunerado, que não é percebido como digno pelo homem. Essa visão sobre o trabalho doméstico torna mais difícil a divisão de tarefas dentro do lar, principalmente, porque a mulher ainda assume para si todas as funções caseiras, sendo moderno ser uma mulher multifunções (ALMEIDA, 2007; SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010).

Assim torna-se fundamental entender como a mulher enxerga o homem atualmente. A categoria a seguir tem o propósito de compreender as representações femininas sobre o homem: trabalhador, marido e pai.

Representações sobre o homem

Através das entrevistas pode-se perceber uma oscilação quanto à visão das entrevistadas sobre os maridos. Isso demonstra o quanto homens e mulheres se encontram divididos entre antigas e novas concepções de gênero. Alguns maridos são ajudantes nas tarefas do lar e na educação dos filhos. Algumas participantes descrevem que eles podem realizar diferentes atividades como: fazer comida, organizar o pátio da casa, colocar a roupa para lavar, brincar com os filhos, auxiliar nas tarefas escolares, entre outras atividades. Descrevem essa participação masculina nas tarefas domésticas com satisfação, uma vez que acreditam que a divisão de tarefas facilita o dia-a-dia no lar.

“Meu esposo não ajuda no almoço, porque ele não sabe cozinhar. Mas nas tarefas da casa, sim ele me ajuda. [...] No dia-a-dia, normalmente, eu lavo, e ele seca [...] e, nos sábados, quando eu tô fazendo o mais pesado, ele organiza a parte dos fundos da casa, área de serviço e cozinha, é tudo ele que organiza. Ele me ajuda, se tem roupa para pôr na máquina também, ele me ajuda” (Lia, 30 anos, secretária).

“Ajuda, a cozinha é por conta dele. O máximo que eu faço é lavar a louça. Ele tem autonomia. Ele assumiu, ele gosta. No momento que ele cozinha, faz o nosso lanche, eu vou limpando a casa, dou uma organizada” (Amanda, 32 anos, contadora).

Observa-se que a descrição da participação do homem no lar é colocada no âmbito do auxílio e da ajuda. Isso tende a confirmar a ideia da mulher responsável e do homem ajudante dentro de casa, demonstrando o quanto no âmbito do lar a mudança de papéis ainda é tímida (BORSA; NUNES, 2011). Mesmo assim observa-se que ainda não é uma regra a mulher encarar a ajuda prestada pelo homem no lar como algo natural. Acabam aceitando que não é do perfil do homem ajudar, ou justificam o não auxílio por outros motivos externos, como na fala abaixo em que Júlia diz que o marido a ajuda por ser militar e ter morado fora muito tempo.

“... por que o meu marido em casa não me ajuda com as tarefas domésticas... é o jeito dele” (Bruna, 30 anos).

“... pelo fato de ele ser militar, morou muito tempo fora de casa, então ele me ajuda muito” (Júlia, 33 anos).

Deve-se considerar que três dos maridos das respondentes viajam para trabalhar durante a semana, o que mexe com a rotina de toda a família. Porém, elas frisam que, apesar das viagens, eles ajudam quando estão em casa. Assim, percebe-se que se torna mais fácil aceitar a distância do marido de casa, já que há um envolvimento mútuo nestes casos, com rotina de trabalho remunerado e o trabalho doméstico. Mesmo que isso venha a sacrificar a relação conjugal, já que ficam distantes. Isso demonstra que, no âmbito da carreira profissional, as entrevistadas aceitam com mais facilidade a igualdade em relação ao homem, do que no âmbito doméstico, em que se percebem como maiores responsáveis.

“... meu marido viaja durante a semana inteira, quando ele ta em casa ele me ajuda em tudo. Lavar roupa, ele passa vassoura... Ele viaja na segunda e volta na sexta” (Joana, 30 anos).

“Mesmo porque a gente se vê pouco praticamente, só nos finais de semana. E ele também tem a rotina dele, no final de semana, às vezes, tumultua um pouco, a gente acaba não se vendo [...] hoje se tornou, praticamente, as funções de igual para igual, a gente trabalha fora que nem eles (Amanda, 32 anos).

“É, assim, até eu arrumo final de semana, quando ele está, por ele ser militar ele é bem organizado, ajuda bastante, a parte de roupa dele, coloca pra lavar mesmo” (Júlia, 33 anos).

Neste estudo, percebeu-se que é natural para mulher a percepção do homem como alguém sentimental, que dá valor ao convívio familiar. Ele é alguém que participa da rotina

dos filhos, ajudando-os com os temas e cuidados básicos. Nesse sentido, as entrevistadas consideram que o homem é alguém que também tem responsabilidade sobre os filhos, mesmo que ainda elas continuem como principais responsáveis, determinando o que e como as coisas devem ser feitas.

“Bom, eu acordo 6 da manhã, sete horas eu já tô aqui. D. (marido) leva a L. (filha para a escola, ela vai na aula de manhã, de meio dia eu pego a L. na escola, eu me comprometi de pegar. Almoço em casa, tenho a empregada. Uma hora eu volto. De noite, eu tô podre. O D. e a L. se viram.” (Maria, 35 anos).

“Meu cotidiano hoje é assim, levanto de manhã e fico em casa até as 11, arrumo a casa as roupas, coloco a máquina para lavar, faço o almoço, acordo o V. (filho), preparo o mamã, ajeito ele para ir para a escola, ele tá com 6 anos. Eu deixo ele de banho tomado e já vejo a roupa dele de ir para escola, aí, dez para às 11h, meu marido chega e digo: ‘oh o V. já tá pronto, é só colocar a roupa nele dá o almoço para ele e aí eu vou trabalhar’. [...] De noite, até que eu volto, ele está com o pai” (Bianca, 34 anos).

“Muda também, mas não como muda a rotina da mulher. Mas a questão mais sentimental, que eu sei que ele saindo de casa para o trabalho ele não vai estar retornando só por causa da esposa, mas ele vai ter um filho que espera por ele, entende, uma questão mais sentimental. E de responsabilidade também né. Porque tem que se dividir também, de igual para igual, como é as tarefas de casa tem que ser com o filho também” (Lia, 30 anos, secretária).

O homem, cada vez mais, tem se inserido nas atividades do lar, embora ainda apareça como um ajudante muitas vezes (BORSA; NUNES, 2011). Os pais atuais têm se mostrado cada vez mais afetuosos com os filhos, buscando participar da rotina desses desde o nascimento das crianças (CHECHI; HILLESHEIM, 2008). A mudança tem se dado de forma gradual e depende não só da postura do homem junto ao filho, mas também do incentivo da mãe durante a gestação e dos próprios profissionais de saúde dentro do hospital ainda no nascimento (PEREIRA; NEVES, 2010).

Assim, os pais buscam rever a forma que seus próprios pais se relacionavam com eles. Isso se dá através da não repetição de comportamentos tradicionais que seus próprios pais tinham com eles como, por exemplo, ausência, distanciamento e autoridade excessiva com a criança. Dessa forma, passam a participar mais ativamente da vida dos filhos (BELTRAME; BOTTOLI, 2010). Além disso, a saída da mulher para trabalhar fora de casa responsabilizou mais o homem, abrindo um espaço para uma participação maior deste na vida dos filhos. A troca afetiva do homem com os filhos tem se tornado cada vez mais comum nas relações familiares (SEABRA, 2009).

Porém, mesmo acreditando na igualdade, é comum ainda a mulher achar que é a vida dela que muda com a vinda dos filhos. Observou-se isso principalmente no relato daquelas

entrevistadas que ainda não possuem filhos. Elas acabam acreditando que terão que arcar sozinhas com a criação e educação da criança, já que não vivenciaram as mudanças que a presença da criança promove em toda a família. Percebe-se, através das falas citadas acima, daquelas que já possuem filhos, que o homem busca se inserir, gradualmente, nas atividades familiares, buscando dividir parte das responsabilidades com a mulher.

A representação que é a vida da mulher que muda com a chegada do filho demonstra o quanto à mulher ainda sente uma grande responsabilidade em relação às atividades do lar (SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010). Principalmente, em relação aos filhos, já que se sabe que logo após o nascimento ela fica afastada do trabalho no período de licença maternidade. É um direito da mulher no Brasil a licença maternidade, a realização de uma pausa para amamentar e possuir uma creche para os filhos, porém, algumas mulheres, não conseguem se valer de seus direitos.

Além disso, no âmbito social e cultural, a mulher se vê intimada a escolher entre o trabalho ou a maternidade devido ao fato de ainda partilhar representações de papéis tradicionais de gênero, já mencionados (LOPES, 2006). Assim pode ocorrer de a mulher ter que largar o emprego por não contar com uma rede familiar de apoio, que permita a ausência dela no lar (GODOY; GOMES; STEFANELLO; MONTEIRO; NAKANO, 2011).

“O meu marido me ajuda um monte, não posso me queixar, ele divide bastante comigo, então acredito que no cuidado com os filhos não teria muito problema. Mas com certeza, não adianta, é a mãe quem faz, a nossa vida muda, a do pai não muda” (Júlia, 33 anos).

“[...] eu não sei se com uma criança ele mudaria. Eu acho que não mudaria muita coisa, é o jeito dele. A responsabilidade de cuidar ficaria comigo” (Bruna, 30 anos).

Constata-se que a visão das entrevistadas sobre o homem é, muitas vezes, ambivalente. Algumas mulheres pensam que o homem apoia a saída da mulher para trabalhar fora do lar, pois esses acreditam que isso ajuda na questão financeira da família. Porém, outras acham que o homem se sente ameaçado quando a mulher possui a possibilidade de ganhar mais que eles. Observam que a igualdade entre homens e mulheres no que tange ao âmbito do trabalho ainda é algo a ser conquistado, apesar de já enxergarem mudanças quando relatam a postura dos homens de diferentes gerações com quem convivem.

“O que eu acho que muitos dos homens têm medo hoje em dia, elas já não dependem deles como era antes. [...] E o homem nisso, dependendo da profissão da mulher, ele se torna menos valorizado frente a ela... porque o homem tem um “super ego” né, e se ele não está com o ego acima do dela né ... se a mulher tá bem financeiramente né...e ele começa se analisar, até na parte de falar, ele “ah a minha

esposa ganha muito mais do que eu” então têm muitos homens não sabem lidar com isso. Então, em alguns casos, há muita disputa” (Lia, 30 anos).

“As pessoas que eu conheço todo mundo acha que mulher tem trabalhar fora. Meu marido mesmo é um que me apoia sempre. Se é pra ganhar cem, duzentos, mas é meu” (Joana, 30 anos).

“Eu acho que já mudou um pouco, tem bastante mulher que trabalha fora. Tem homens que já aceitam. É bom, as pessoas já tão mudando esse pensamento, o que é importante até pra ajudar em casa, a mulher hoje com dois trabalhos traz mais renda. Pelo menos aqui em casa, meu pai, meu marido, meu irmão. Meu irmão não se importa que a esposa dele trabalhe” (Bruna, 30 anos).

“Eu sempre trabalhei na área da saúde. Quando eu trabalhava no hospital ele (se referindo ao pai) achava que eu era muito importante, eu só trabalhava na farmácia. Então qualquer pessoa que precisava de medicamento ele dizia “deixa que eu pergunto pra minha filha”, achava que eu era médica. Ele tinha muito orgulho de eu trabalhar fora” (Joana, 30 anos).

“Até pra minha filha, porque é diferente pra um filho, eles adoram ver onde a mãe trabalha, o que o pai faz. É uma identidade”(Maria, 35 anos).

Considerações finais

A partir das entrevistas pode-se perceber que, apesar da abertura masculina em relação às conquistas da mulher, esta ainda é a principal responsável pelas atividades do lar. A rotina das entrevistadas é trabalhar e cuidar da casa, elas dividem-se nos papéis de mãe, esposa e mulher ocasionando assim uma dupla jornada, fazendo-as avaliar a rotina como corrida e cansativa.

As que possuem filho sentem mais ainda a sobrecarga das atividades. Porém, buscam estratégias para dar conta dessa rotina atribulada. Contam com a ajuda dos maridos e diaristas, deixam o mais pesado para os sábados e ainda matriculam os filhos em creches e escolas. Também foi observado que quanto mais estáveis financeiramente as mulheres se descrevem menos atividades domésticas elas realizam, já que acabam delegando a função da limpeza a terceiras. Cabe lembrar que essas são atividades desvalorizadas.

Apesar de contarem com a ajuda de terceiros nas atividades da casa e os cuidados com os filhos, são elas que determinam o que deve ser feito, mantendo o controle sobre o lar, cuidado dos filhos e da organização doméstica. Acreditam que elas devem determinar o que deve ser feito já que homem não tem a capacidade de ter autonomia e decisão no ambiente doméstico.

Por outro lado, as entrevistadas prezam pela sua realização profissional, independência e desenvolvimento da carreira profissional, descrevendo que desde a infância foram educadas para buscar esses objetivos. Nesse sentido, demonstram o quanto pode ser difícil abrir mão de

suas carreiras. Apresentam uma representação que para ser mãe é preciso, de certa forma, abrir mão de aspectos profissionais, assim embora possam expressar o desejo de ser mãe adiam o projeto de maternidade.

Observou-se, ainda, que, mesmo havendo muitas queixas em relação à sobrecarga de trabalho, a mulher toma as responsabilidades de diferentes esferas (filhos, lar, carreira) para si tendo dificuldade de delegar as mesmas, uma vez que acredita que faz melhor as atividades da casa e de cuidados com os filhos que o marido. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas para que se possa compreender melhor e, cada vez mais, a postura da mulher frente a essa questão. Ademais, sabe-se que sempre foram delegados à figura feminina esses papéis tradicionais, porém acredita-se que novos papéis podem ser adotados, tanto para homens, como para mulheres. Assim percebe-se interessante o compartilhamento de tarefas entre homens e mulheres, sendo rico o aprofundamento nesta temática.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, L. S. de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 19, n. 2, p. 411- 422. 2007.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2 ed., Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARRUDA, A. Teorias das Representações Sociais e de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147. 2002.

BARBOSA, Z. P.; ROCHA-COUTINHO. **Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões**. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 1, 163-185.2007.

BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2004.

BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980.

BELTRAME, G. R.; BOTTOLI, C. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 32, p. 205-266. 2010.

BIASOLI-ALVES, MENDES, M. Z.. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, (16)3, 233 – 239. 2000.

BORSA; J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39. 2011.

BORSA, J. C.; FIEL, F. C. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **O portal do Psicólogo**. Acesso: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>. 2008.

CECCARELLI, P. R. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 72, n. 40, p. 89-102, 2007.

CHECHI, P.; HILLESHEIM, B. Paternidade e mídia: representações sobre o pai na contemporaneidade. **Barbarói**, n. 28, p. 89-108, 2008.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M. N.; CABEDA, S.T.L.; PREHN, D. R. ORGS. **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2004.

FIORIN, C. P.; PATIAS, D. N. Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos. **Revista Sociais e Humanas**. Santa Maria, v.24, n.2, p. 121-132, 2012.

FLECK; A. C.; WAGNER, A. A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. especial, p. 31-38, 2003.

GODOY; B. M.; GOMES, A. F.; SATEFANELLO, J.; MONTEIRO, S. C. J.; NAKANO, S. M. A. Situação trabalhista da mulher no ciclo grávido-puerperal. **Invest. Educ. Enfermagem**, v.29, n.1, p. 47-53, 2011.

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, Porto Alegre, 2000.

LOPES, C. M. S. Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção. **Cadernus Pagu**, n. 26, p. 405-430, 2006.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, 2007.

MANSUR, L. H. B. **Sem filhos: a mulher singular no plural**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3 ed. São Paulo, SP : Hucitec-Abrasco, 1994.

MOSCOVICI, Serge. Trad. GUARESCHI, Pedrinho. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

NARVAZ, G. M.; KOLLER, H.S. Família e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, n. 1, n. 18, p. 49-55, 2006.

OLIVEIRA; F; WERBA, G. Representações Sociais. In: STREY, M. N. ET.AL. **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis, Vozes. 2005.

OLIVERIA, M. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, V.19, n. 55. 2004.

- PATIAS, N. D.; BUAES, A. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, no prelo.
- PEREIRA, V. A.; NEVES, C. M. G. A participação do homem/pai na vida da mulher e do filho no período do puerpério. **Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidade, deslocamentos**, p. 1-8, 2010.
- PETERSEN, A. T. Discutindo o uso da categoria Gênero e as Teorias que respaldam estudos de Gênero. In: STREY, M.N. ORGS. **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.
- RODRIGUES, C. M. **Vivências da maternidade tardia, cotidiano e qualidade de vida: a perspectiva do feminino**. Tese de mestrado Universidade Federal de Viçosa. 2008.
- RIOS, M. G.; GOMES, I. C. Casamesto contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estudo Psicologia**, Campinas, v.2, n.26, p. 215-225.
- SANTOS, M.M.L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras. **Estudos em Psicologia**. V15, n..3. P. 259-267. 2010
- SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: diálogo entre as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, V. 16, n.1, p.137-150. 2001.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, n.20, v.2 p.71-100. 1990.
- SEABRA, C. K. A Paternidade em famílias contemporâneas. **Labore Revista Eletrônica**, p. 86-91, 2009.
- SILVA, S. M. R.M.; MENDONÇA, H.; ZANINI, S. D. Diferenças de gênero relativos aos trabalho. **Paideia**, v. 2, n. 45, p. 39-45, 2010.
- SOARES, J. S. e CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, "novos papéis", velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia estudo**, v.8, ed. esp, p.39-44, 2003.
- STREY, M. N. Gênero, família e sociedade. In: STREY, M. N.; NETO, J. A. S.; HORTA, R. L. (ORG.). **Família e Gênero**. Porto Alegre; Edipuc. 2007.
- SZAPIRO, M. A.; FÉRES-CARNEIRO, T.. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Psicologia Reflexão e crítica**, (15)1, 179-188. 2002.
- TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 206- 268, 2007.
- WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia teoria e pesquisa**, v.2, n. 21, p. 181-186, 2005.

ARTIGO 3

**REFLETINDO SOBRE A SAÚDE DAS MULHERES DAS CAMADAS MÉDIAS NO
CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

**REFLECTING ABOUT MEDIUM CLASS WOMEN'S HEALTH IN THE
CONTEMPORANEOUS CONTEXT**

Resumo

Ser saudável é algo que vai além do fato de se ter ou não alguma enfermidade física. A saúde está relacionada a questões mais complexas e subjetivas, ou seja, fatores que envolvem crenças, história de vida, contexto diário, religião, etc. Quando falamos em saúde da mulher, os fatores contextuais se tornam ainda mais subjetivos em função de representações de gênero presentes em nosso cotidiano. O presente trabalho objetiva compreender as representações da mulher sobre sua própria saúde. Foram entrevistadas sete mulheres de 30 a 35 anos de classe média residentes em uma cidade do interior do RS. Elas responderam uma entrevista semiestruturada, que foi posteriormente transcrita e analisada segundo os procedimentos da análise de conteúdo categorial temática. Duas categorias descrevem as informações encontradas: “Representações de saúde através da divisão do trabalho” e “A falta de tempo para se ocupar com a saúde”. A saúde da mulher atualmente sobre influência das diversas crenças, exigências sociais associadas aos papéis tradicionais de gênero presentes em nossa sociedade. As entrevistadas relatam que se encontram sobrecarregadas, associando essa sobrecarga a adoecimento físico (paralisias, contraturas musculares e cansaço) e a estresse emocional derivado de sentimentos de culpa por não conseguirem dar conta das atividades que se propõem a realizar.

Palavras-Chaves: Saúde. Mulheres. Classe Média.

Abstract

Being healthy is something that goes beyond the fact of having or not having a physical disease. Health is related to more complex and subjective questions, that is, factors that involve beliefs, life histories, daily context, religion, etc. When we talk about women's health, context factors are even more subjective due to gender representations of our daily lives. This study aims to understand women's representations about their own health. Seven medium class women were interviewed, aged from 30 to 35 years old. They answered to a semi-structured interview, that was transcribed and analyzed following procedures of category thematic content analysis. Two categories describe information found: “Representations of health through work division” and “Lack of time to worry about health”. Health of women is influenced by several beliefs, social demands associated to the traditional gender roles of our society. Interviewed people relate to feel overloaded, associating such overload to physical illnesses (paralysis, muscle contractures and tiredness) and to emotional stress derived from feelings of guilt for not being able to manage all the activities they propose to accomplish.

Keywords: Health. Women. Medium-class.

Introdução

Falar de saúde é algo complexo. Sabe-se que cada sujeito descreve seu estado de saúde de acordo com suas próprias representações. Essas refletem o processo de constituição dos sujeitos, sua história, experiências, conhecimentos, vivências e as possíveis reflexões que fez sobre si e o mundo que o circunda (SCLIAR, 2007; STREY, 2010).

O conceito de saúde tem mudado ao longo dos anos. Porém, atualmente, é focado o conceito lançado em 1948 pela OMS (Organização Mundial de Saúde) após a Segunda Guerra Mundial, que descreve que a saúde é o mais completo bem-estar físico, mental e social, não se constituindo apenas na ausência de enfermidades (OMS, 1946). Esse conceito surge junto com a criação da própria OMS. Essa agência especializada na saúde foi fundada em 07 de abril de 1948, a partir de um comitê de higiene social iniciado na Primeira Guerra, que posteriormente fundou a OMS. Ao término da Segunda Guerra Mundial, o mundo se encontrava abalado e o comitê buscou um conceito de saúde que apresentasse um viés mais positivo e abarcasse questões mais amplas como saneamento básico, alimentação, atividades físicas, saúde mental, particularmente. Assim, surge a OMS e seu conceito ampliado de saúde, que ainda hoje se encontra vigente (LAURENTI, 1995).

Em relação à saúde da mulher, percebe-se que inicialmente esta esteve associada às questões que envolvem a maternidade. O corpo da mulher e sua capacidade de gerar sempre estiveram em foco quando se trata da saúde feminina. Até a década de 1970, as políticas públicas voltadas para o sexo feminino previam o cuidado a mulher apenas no ciclo gravídico-puerperal (HILLESSHEIM; SOMAVILLA; DHEIN; LARA, 2009; BRASIL, 2004). Esse foco dado à assistência à saúde da mulher apoia-se nas teorias e conceitos biologicistas que naturalizam as diferenças entre os sexos pelas questões físicas, não permitindo a abertura de uma visão em saúde da mulher que abarcasse outros aspectos além da maternidade (COSTA; AQUINO, 2002; HILLESSHEIM; SOMAVILLA; DHEIN; LARA, 2009).

Na década de 1980, com os rumores e ideais de democracia no Brasil, os movimentos sociais passaram a reivindicar melhoras nos serviços públicos e a necessidade de desenvolvimento de uma atenção maior à qualidade de vida da população que utilizava esses serviços. Assim, em 1983, foi criado o PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher), que marca o histórico das políticas públicas, especialmente no que se refere à atenção de saúde para as mulheres. Neste programa, a mulher passou a receber uma atenção à sua saúde de forma mais integral, buscou-se englobar todas as fases da vida no cuidado, e não

apenas o período gestacional (HILLESSHEIM; SOMAVILLA; DHEIN; LARA, 2009; 2009; BRASIL, 1984).

Apesar de importantes as conquistas da mulher no âmbito da saúde pública brasileira, essas não se traduzem, necessariamente, no cotidiano das mulheres na atualidade. Isso se dá devido ao fato de que, mesmo possuindo direitos, muitas vezes, as mulheres não conseguem fazer valer essas conquistas. Um exemplo disso é encontrado na pesquisa realizada por Godoy, Gomes, Stefanello, Monteiro e Nakano (2011). Esses autores, em uma pesquisa com 122 puérperas que estiveram no mercado de trabalho no período da gestação, constataram que a gestação ainda hoje pode ser motivo de demissão, e nem todas as mulheres conseguem fazer valer a licença maternidade e retornarem ao trabalho apenas após 120 dias do parto. Além disso, as autoras encontraram que algumas gestantes pediram demissão por não conseguirem conciliar a maternidade e o trabalho.

Desta forma, falar de saúde da mulher é algo bem mais complexo que apontar apenas a conquista de direitos. Para se falar em saúde da mulher é necessário levar em consideração o histórico de diferenças e preconceitos que a mulher sofreu e sofre ao longo da história. Sabe-se que, desde os primórdios da história da humanidade, a mulher foi inferiorizada, desvalorizada, subjugada, além de culpabilizada pelos problemas do mundo, na cultura ocidental (LIMA, 2010).

O mito cristão de Adão e Eva narra a mulher como desobediente a ordem divina; ao comer o fruto proibido provocou que todos fossem punidos por seu ato. Ao longo dos tempos, essa situação de depreciação da mulher se repete, não apenas nos livros, mas também na sociedade. Como fato histórico, tem-se a caça e queima das bruxas. Mais tarde, as críticas e perseguições se repetem com as feministas conceituadas como encrenqueiras e “machorras”, por adotarem uma postura ativa contra o desrespeito e preconceitos sofridos pela mulher (WERBA, 1999; LIMA, 2010).

Atualmente, esse histórico acompanha as crenças sobre o que é ser mulher em nossa sociedade. Isso pode gerar, na subjetividade e no emocional da maioria das mulheres, o sentimento de fragilidade, culpa e enfermidade, fazendo-as adoecer e buscar por assistência médica com mais frequência do que os homens (WERBA, 1999; STREY; PULCHERIO, 2010).

Além disso, o contexto social contemporâneo favorece o adoecimento físico e psíquico da mulher. A mulher passa a ser uma figura atuante tanto nas atividades do lar como no mercado de trabalho, dividindo responsabilidades financeiras com o homem, quando não

realiza a provisão do lar e dos filhos sozinha (GOMES; RESENDE, 2004; CECCARELLI, 2006; BORSA; NUNES, 2011).

De fato, alguns estudos (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; BORSA; NUNES, 2011) mostram que ainda é tímida a participação masculina nas atividades domésticas, essas são predominantemente associadas ao universo feminino, ficando a participação masculina, por vezes, apenas no plano do discurso. Na prática, homens e mulheres ainda estão muito vinculados ao desempenho de papéis de gênero tradicionais. Cabe à mulher, predominantemente, a responsabilidade pelas atividades do lar e de cuidado e educação dos filhos. Ao homem cabe prover financeiramente a família, desta forma não é esperado que se envolva com tarefas do lar. Percebe-se que quando há o envolvimento deste com as atividades do lar, é através da “ajuda” em casa, já que a mulher é quem determina como as coisas serão realizadas no contexto doméstico (BORSA; NUNES, 2011; CHECHI; HILLESHEIM, 2008).

Frente a essa realidade, é perceptível que a mulher divide sua atenção entre o trabalho interno e externo ao lar. Isso tende a ocasionar a sobrecarga de trabalho e uma dupla jornada para a mulher (SILVA; MENDONÇA; ZANINI, 2010). Essa jornada sobrecarregada de responsabilidades gera, na maior parte das vezes, adoecimento físico e psíquico. Algumas consequências são: estresse, desgaste físico e emocional, adoecimento, desenvolvimento de LER (Lesões por Esforços Repetitivos), cefaleias, gripes, dores abdominais e pélvicas, crises de hipertensão ou mesmo o abandono do trabalho extra lar (DOYLE; HIND, 1998; JACQUES, 2000; GOMES; TAKANA, 2003; GODOY; GOMES; STEFANELLO; MONTEIRO; NAKANO, 2011).

Porém, mesmo frente a esse quadro de sobrecarga, Gilles (2000) descreve que as mulheres dão importância ao trabalho desenvolvido no lar e ao cuidado dos filhos. Isso ocorre porque o espaço doméstico é visto, pela mulher, como seu território de controle, sendo difícil abrir mão do gerenciamento do mesmo.

Diante disso, esse estudo tem como objetivo compreender como um grupo de mulheres de classe média residentes em uma cidade no interior do RS representam sua saúde atualmente. Buscou-se levantar as impressões não apenas sobre os acometimentos físicos, mas sim sobre tudo que pode envolver seu bem-estar cotidiano, para tentar compreender o que faz a mulher atual se sentir saudável ou doente.

Método

Delineamento

O presente estudo foi desenvolvido a partir da lógica de pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010). Observa-se, em geral, que pesquisas de cunho qualitativo demonstram grande preocupação com os contextos, buscando compreender os fenômenos sociais de forma aprofundada. Assim, na presente pesquisa buscou-se levar em consideração o contexto social das entrevistadas, todas de classe média, residentes em uma cidade do interior do RS.

Participantes

Participaram do estudo 7 mulheres de idade entre 30 a 35 anos. Todas as entrevistadas eram casadas, porém 3 delas moravam longe dos maridos em função do trabalho dos mesmos. Foram dados nomes fictícios para preservar a identidade delas. O quadro abaixo identifica cada uma:

| Nome | Idade | Profissão | Tem filhos? | Situação atual do casamento |
|--------|---------|-----------------------------|------------------------|---|
| Lia | 30 anos | Secretária | Não | Mora com o esposo. |
| Joana | 30 anos | Secretária | Sim – Filha de 9 anos | O esposo viaja durante alguns dias da semana. |
| Bianca | 34 anos | Secretária | Sim – Filho de 6 anos | Mora com o esposo. |
| Júlia | 33 anos | Médica | Não | O esposo viaja durante alguns dias da semana. |
| Bruna | 30 anos | Técnica em limpeza clínica. | Não | Mora com o esposo. |
| Amanda | 33 anos | Contadora | Não | Ela se mudou para trabalhar em Santa Maria. |
| Maria | 35 anos | Contadora | Sim – Filha de 10 anos | Mora com o esposo. |

Instrumento e procedimentos

As entrevistas foram todas realizadas em sala fechada no ambiente de trabalho das respondentes. A constituição da amostra seguiu o procedimento conhecido como bola de neve (*Snowball*). Através deste, inicialmente, identifica-se um indivíduo que possui as

características de interesse da pesquisa, após esse participante realiza a indicação de outros indivíduos que compartilham características semelhantes, que podem participar do estudo (BIERNACKI; WALDORF, 1981).

A primeira entrevistada indicou a segunda e assim sucessivamente, até que não houve a necessidade de inclusão de novos participantes. Todas entrevistadas foram contatadas por telefone, sendo agendada a entrevista em horário de conveniência das participantes. Ao serem convidadas a participar da pesquisa foram explicados os objetivos e procedimentos do estudo. Procedimentos éticos foram observados na execução do estudo. O presente projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Maria, sob o registro número 23081.013699\2010-09.

O instrumento para coleta das informações foi uma entrevista semiestruturada individual. Essa forma de entrevista oferece ao pesquisador a flexibilidade para levantar questões a partir da própria fala dos entrevistados, assim o pesquisador pode aprofundar e esclarecer as respostas dadas pelo entrevistado (RICHARDSON, 1999; MINAYO, 1994). As entrevistas foram gravadas em áudio, sendo transcritas para posterior análise. Para a análise das informações, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo temática categorial (BARDIN, 2004).

Análise das informações

Buscou-se realizar o levantamento das opiniões das mulheres entrevistadas, visando compreender suas representações sobre saúde. Assim, a análise de conteúdo visou tanto descobrir semelhanças como particularidades nas respostas oferecidas pelas participantes as questões de pesquisa. Foram identificadas duas categorias principais nas falas das entrevistadas que descrevem como elas representam a saúde da mulher na contemporaneidade. A primeira categoria, “Representações sobre saúde através da divisão do trabalho”, expõe a relação da saúde com o excesso de trabalho realizado por essas mulheres; a segunda categoria, por sua vez, “Representações sobre saúde através da falta de tempo”, trata da falta de tempo que as mulheres descrevem que interfere em sua saúde.

Representações de saúde e a divisão do trabalho dentro e fora do lar

Percebeu-se que a divisão do trabalho dentro e fora de casa interfere na saúde das entrevistadas. A carreira profissional preenche uma boa parcela do tempo diário, fazendo com

que as atividades realizadas no lar sejam feitas após o expediente externo de trabalho. Essa necessidade de realizar tarefas domésticas, além daquelas atividades laborais, extra lar, é descrito como uma sobrecarga em suas rotinas, já que as entrevistadas relatam que consideram difícil conseguirem um tempo para o cuidado de si atualmente. As entrevistadas descrevem que essa necessidade de divisão do tempo e das ocupações entre a rotina doméstica e o trabalho externo ao lar ocupam seu dia, a ponto delas não conseguirem se dedicar a outras atividades.

“Acho que a gente se acomoda demais, chega em casa cansada e ainda vai fazer as coisas da casa e acaba deixando a parte mais importante da saúde para depois” (Lia, 30 anos).

“Eu não posso reclamar, por que é a minha rotina. É puxado, é, mas eu penso que tem gente pior do que eu. Então não me queixo, mas é puxado, pela correria que é o dia-a-dia (Joana, 30 anos)”.

As entrevistadas que possuem filhos descrevem ainda que o cuidado com os filhos dificulta ainda mais sua disponibilidade de tempo para realizarem o cuidado de si e se sentirem saudáveis. Apesar da saúde da mulher ter estado historicamente associada à maternidade, ser fértil e procriar (SCAVONE, 2001), nesse estudo, essa concepção não foi apresentada pelas entrevistadas. A maternidade e o cuidado dos filhos, em um primeiro momento, foram percebidos como mais uma tarefa em suas rotinas, que não lhes possibilita um tempo maior para o cuidado de si mesma.

“Então eu acredito que é complicado, o fato de ter filhos complica mais ainda o se cuidar. Falta, mais ainda, tempo” (Lia, 30 anos).

“É bem mais complicado com filho. O meu tempo de mulher, de se sentir mulher é curto. Claro que se tu tem filhos, é bem diferente. [...] se arrumar, cuidar de ti, coisa de mulher, cabelo, unha, essas coisas” (Joana, 30 anos).

Nesse viés, cabe expor que Almeida (2007), ao realizar um estudo com trabalhadoras das classes médias e populares, constatou através de grupos-focais que a mulher tem dificuldade de integrar a maternidade e o trabalho. Isso se dá porque ela acaba por acreditar que apenas ela sabe e possui a capacidade de cuidar da casa e dos filhos. Essa autora percebeu que há um vasto conjunto de significados sobre a maternidade que foram sendo construídos ao longo dos anos, que constituem a “matriz sócio-histórica” dessas mulheres. Assim, quando elas delegam algumas de suas funções a terceiros acabam se sentindo culpadas, já que acreditam que elas é que deveriam providenciar os cuidados infantis.

Nesse sentido, percebe-se que o sofrimento feminino, muitas vezes, pode estar associado ao fato de a mulher não dar conta das atividades às quais foi intimada socialmente a desempenhar. A representação de si como a principal responsável pelas atividades de casa e do cuidado e educação dos filhos pode interferir em sua saúde emocional se a mulher não conseguir se livrar das exigências destas funções tradicionais (SOARES; CARVALHO, 2003; SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010). A culpa que a mulher sente encontra-se arraigada em sua realidade subjetiva, pois há um discurso moralizante da sociedade, baseado nas leis do patriarcado, que determina o que é uma “boa” ou “má” mulher (LIMA, 2010).

“Mas tem aquelas que não estão nem aí colocam filho no mundo e não querem nem saber se vão poder dar uma assistência, educação nada disso, acabam deixando para as outras pessoas cuidar. Tem que ser uma escolha mais responsável” (Lia, 30 anos, secretária).

Além disso, percebeu-se que o excesso de trabalho na carreira profissional aliado às tarefas e exigências presentes no contexto doméstico também geram consequências físicas e emocionais, que fazem com que a mulher não se sinta saudável. As entrevistadas reconhecem também que o excesso de atividades pode gerar desconforto, contudo, não o identificam como causa de adoecimento. Nesta pesquisa, as entrevistadas não descreveram nenhum tipo de problema de saúde. Porém, em suas falas, elas desconsideram cansaço, estresse, paralisia, contratura muscular como possíveis problemas de saúde.

“Não. Porque eu não tô tendo problemas com saúde. É Stresse, mas nada que tenha me causado um problema de saúde. [...] Eu tava um pouco cansada, mas tirei uma semana de folga no carnaval e tô de novo” (Amanda, 30 anos).

“[...] problema de saúde? Não, até agora não percebi, é mais o cansaço” (Bruna, 30 anos).

“Foi o estresse, muita coisa junto, má postura [...]. Tive bastante contratura muscular então eu parei de fazer plantão, que é uma coisa que me ajudou muito, o fato de eu dormir fora de casa me acabava, então melhorou bastante” (Julia, 33 anos).

“A minha saúde ela tem época pra ficar mal. A imunidade baixa e eu sinto que não to bem, mas são problemas controláveis. Há poucos dias, tive uma paralisia facial. Mas essa época é pior” (Maria, 35 anos).

O excesso de atividades é descrito em vários momentos, sendo considerado como normal. As mulheres participantes desse estudo não se consideram doentes, apesar de descreverem diferentes problemas decorrentes dessa sobrecarga de atividades. Talvez isso decorra de sua própria atitude subjetiva, que assumem a responsabilidade por arcar com todas as atividades que se propõem realizar, sem que considerem, de fato, a necessidade de dividir

as tarefas dentro do lar. As entrevistadas consideram que o gerenciamento do lar é de sua responsabilidade. Assim, mesmo que possam compartilhar a execução de atividades no lar, consideram-se as responsáveis por determinar o que, como e quando as tarefas deverão ser realizadas.

Por outro lado, observa-se que as entrevistadas reconhecem que a sobrecarga de atividades lhe traz desconforto no dia a dia. Ademais, a dupla jornada de trabalho faz com que tenham um menor tempo para si.

“Hoje não, tá bem mais tranquilo, na verdade o que me atrapalhava mesmo era o excesso de atividade fora de casa” (Julia, 33 anos).

“É mais difícil cuidar da saúde trabalhando e correndo o dia-a-dia. Às vezes, tu tem algum probleminha e tu vai levando... [...]Eu acho que sim. Porque antes, quando eu não trabalhava, eu tinha mais tempo, qualquer coisinha eu ia lá no posto de saúde. Agora é mais difícil de ter uma consulta com o ginecologista, qualquer outro médico” (Bruna, 30 anos).

“O máximo que pode acontecer é algum dia ou outro tá mais estressada, alguma coisa assim. Mas acho que estresse é uma coisa normal hoje em dia, hoje tem, amanhã passa, quando não é uma coisa grave né? Mas no meu caso não é?” (Amanda, 30 anos).

Essas falas podem ser explicadas pelos achados da pesquisa realizada por Bernardes, Lima e Paulino (2010), que demonstra a capacidade de homens e mulheres reagirem à própria dor varia conforme o contexto. Essas autoras, em um estudo realizado com enfermeiras e pessoas leigas sobre a capacidade de lidar com a dor, constataram que, em diferentes contextos (público e privado), homens e mulheres mudam a sua forma de reagir à dor. No contexto privado, as mulheres teriam maior capacidade de suportar dor quando comparadas aos homens. Já esses, por sua vez, demonstram maior capacidade de enfrentar a dor no contexto público. Esses dados confirmam as representações de gênero tradicionais, nas quais a mulher deve ser “boa” mãe e rainha do lar, enquanto que o homem deve ser mais atuante no ambiente público, onde trabalha para prover o sustento financeiro da família.

Nesse sentido, podemos nos remeter novamente o conceito de saúde. Percebe-se que saúde, realmente, parece ir além do fato do sujeito sentir-se bem fisicamente, mas envolve diferentes elementos objetivos e subjetivos; envolve o bem-estar físico, mas também social e emocional. Assim, não é possível enxergar o sujeito dissociado de sua história de vida ao pensarmos em saúde.

A falta de tempo para se ocupar com a própria saúde

As mulheres entrevistadas relatam que não possuem tempo para cuidar de si. O pouco tempo dificulta a busca por assistência médica para o cuidado de si e da família. Isso demonstra novamente o excesso de atividades e o quanto a mulher se responsabiliza por tudo a ponto de não sobrar tempo para cuidar de si mesma.

“Tu não tem tempo assim né. Toda a hora que tu necessita de algum cuidado, assistência, é mais difícil” (Amanda, 30 anos).

“Hoje praticamente ficou pouco tempo para a gente se cuidar e para se dedicar à família” (Lia, 30 anos).

“[...] tu não tempo pra procurar o médico pra saber exatamente o que é aquilo que tu tá sentindo. Até mesmo no ginecologista é mais difícil pra ir” (Bruna, 30 anos).

Nota-se que as participantes desse estudo relacionam sua saúde ao tempo livre que possuem. Elas acreditam que quanto mais tempo livre possuírem, mais conseguem cuidar de si. Isso envolve praticar exercícios físicos, ter boa alimentação, ir ao médico regularmente e ter tempo de folga para si, curtir a família e descansar. Porém, elas percebem que precisam se esforçar para conseguir ter esse tempo para cuidar de si e não adoecer, já que suas rotinas são repletas de atividades. As entrevistadas descrevem suas estratégias para ter mais tempo para si e para família, entre elas tem-se: não andar a pé para conseguir estar em casa no intervalo do trabalho, “se desligar de tudo, mesmo que tenham coisas para fazer”, criar tempo em meio à rotina para fazer o que lhes traz satisfação.

“[...] ou tu tem um tempinho pra te cuidar, um tempinho pra ti, te cuidar ou tu fica doente, então eu me cuido bastante [...]. Quando tu senta pra tomar um chimarrão, tu pensa “ah, que bom, chegou a hora de descansar agora, de parar um pouco”. Depois que a minha filha faz os deveres, a gente senta pra tomar um chimarrão. Todos os dias. [...] Tô contente. Acho que tá bem bom agora do jeito que tá. Antes eu andava a pé agora comprei meu carro. Ajuda, facilita muito, agora quando o meu marido viaja, eu não preciso estar a pé, de baixo de sol, posso aproveitar mais o intervalo que eu tenho” (Joana, 30 anos).

“Porque eu posso me dar o direito de ir embora às cinco e meia, às seis, melhora minha rotina em casa, em tudo. Mas, uma sensação que eu sinto realmente falta de sentir, é de sair daqui, todo final de tarde com a sensação de dever cumprido. O dia que eu tiver essa sensação, não que tudo esteja no seu devido lugar, mas que eu não saiba que alguma coisa importante deixou de ser feita, a minha rotina vai mudar” (Maria, 35 anos).

“Se eu não levantar tomar meu café, lavar meu rosto, tomar banho, me arrumar, sabe? Passar batom, ter um tempo para mim, eu fico toda errada, passo o dia mal! Tenho que me dar esse tempo!” (Bianca, 34 anos).

A falta de tempo aparece associada também a dificuldades no cuidado de si realizado através de uma boa alimentação e disponibilidade para fazer exercício físico. As entrevistadas percebem que precisam cuidar mais de si. Esse cuidado está diretamente relacionado ao corpo, ora por necessidade física, ora por uma questão de estética.

“Então eu me cuido bastante, cuido da alimentação” (Joana, 30 anos).

“Acho que poderia ser melhor se eu desse mais tempo a mim, para fazer caminhadas, exercício físico, neste sentido, melhorar esteticamente [...] Não, não tive nenhum problema de saúde ultimamente. É mais uma avaliação de insatisfação estética mesmo. É mais no sentido de se gostar, fisicamente” (Lia, 30 anos).

“[...] resolvi me tratar, faço fisioterapia três vezes por semana e faço mais hidroginástica, que foi orientado pela fisioterapia. Daí, tem dois três dias que eu faço hidroginástica, agora tô tentando mais um pouco, por questão estética também” (Julia, 33 anos).

Isto pode ser explicado pelas representações do que é ser saudável atualmente, que passa pelas questões estéticas presentes na sociedade contemporânea. Um corpo belo está associado às ideias de sucesso, felicidade, saúde, liberdade, entre outros. Assim, a mulher é convocada a possuir um corpo saudável para poder se sentir completa, feliz e realizada. Nesse sentido, pode ser observada a adoção de diferentes procedimentos cirúrgicos e estéticos, que garantam a mulher o atendimento dessa necessidade de ter um “corpo perfeito”, custe o que custar (ZORZAN; CHAGAS, 2011).

Esses parâmetros de beleza surgiram a partir do final do século XVIII e início do século XIX. Antes disso, era valorizado um corpo volumoso, inclusive retratado nas obras de arte (GARRINI, 2007). No século XIX, os médicos passaram a ver a gordura dos alimentos como algo que fazia mal a saúde. Assim, essa imagem de corpo passa a ser vista como não saudável e não desejável, sendo repudiado todo o corpo feminino que não fosse considerado esguio e delicado (ZORZAN; CHAGAS, 2011).

Portanto, percebe-se que sociedade tem direcionado a mulher a construção de uma imagem de super-heroína, capaz de dar conta de várias funções, sem perder saúde e vivacidade. Aliado a isso, a mídia veicula a ideia de que a mulher deve ser capaz de conciliar a carreira profissional, as atividades do lar, os filhos, a realização pessoal, mantendo o corpo com uma boa aparência física (CADONÁ; STREY, 2010; ZORZAN; CHAGAS, 2011). Porém, essas exigências são difíceis de alcançar, se tornando, por vezes, mais um peso para a mulher atual equilibrar.

Considerações finais

O presente artigo buscou retratar, em parte, algumas questões que envolvem a saúde da mulher atualmente, através do depoimentos coletados com mulheres de classe média provenientes de uma cidade do interior do RS. Quando as entrevistadas falam de suas rotinas, nota-se o quanto as questões que envolvem saúde e doença estão traduzidas em seu cotidiano. O trabalho do lar, o contato com os filhos, o cuidado que possuem com o seu corpo e com a alimentação são descritos como associados a saúde feminina. Todas essas peças compõem o quebra cabeça de suas maratonas diárias.

Constatou-se, também que a saúde das mulheres entrevistadas envolve diversas crenças e exigências sociais que foram e estão sendo construídas ao longo dos anos em nossa sociedade e cultura. Os papéis tradicionais de gênero parecem convocar e responsabilizar as entrevistadas para que as mesmas desempenhem diversas atividades dentro do lar e fora dele. Desta forma, o sofrimento feminino está vinculado a esse excesso que provoca tanto cansaço como estresse e culpa, por terem que dividir o tempo ou mesmo por não conseguirem dar conta de tudo que se propõem a fazer.

Então, o adoecimento feminino, na opinião das entrevistadas, se mostra associado ao excesso de trabalho e à culpa por não conseguirem abrir mão do excesso responsabilidades que assumem. As entrevistadas não se consideram doente, mas demonstram perceber que devem cuidar de si e de sua saúde. Relatam que esse cuidado é negligenciado, pois não possuem tempo para desenvolver atividades saudáveis como gostariam.

As mulheres participantes alegam ainda não possuírem tempo para dar mais atenção às suas vontades e necessidades. A falta de tempo, às vezes, se traduz na falta de reconhecimento do quanto precisam parar para se cuidar. Pode-se perceber que os sinais de cansaço e de estresse apresentados são negligenciados ou percebidos como “nada de mais”, pois consideram que queixas emocionais e físicas não são motivos para parar suas rotinas.

As entrevistadas desenvolvem algumas estratégias para realizar o cuidado de si como: ir de carro para o trabalho para ganhar tempo em horários de intervalo para estar com a família, se programar para ganhar tempo para cuidar de si, se cobrar para ter esse tempo deixando coisas de trabalho de lado se desligando dos problemas. Contudo, esse cuidado de si também é permeado pelas exigências e pressões sociais ainda existentes sobre o sexo feminino. Essas exigências determinam muitas vezes que a mulher deve conseguir dar contas das atividades do lar, do cuidado com os filhos e com o crescimento de sua carreira profissional. Além disso, sinalizam que a mulher deve estar disposta e ser dinâmica face a

todas as responsabilidades presentes em seu cotidiano, além de apresentar um corpo esbelto e saudável.

Nesse sentido, qualquer ação que seja realizada em favorecimento da saúde da mulher deve levar em consideração as exigências sociais e desigualdades de gênero ao qual a mulher sofre. Além disso, sabe-se que o homem ainda é coadjuvante nas atividades domésticas, sendo um ajudante que não divide responsabilidades sociais. A divisão do trabalho é importante, porém o que parece ser crucial é que as mulheres possam rever conceitos antigos e possíveis cobranças sociais, não as encarando com naturalidade e passividade os papéis tradicionais.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, L. S. de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 19, n. 2, p. 411- 422. 2007.

BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2004.

BERNARDES, S.F.; LIMA, M.L; PAULINO, P. Do estoicismo face à dor: Uma teoria enraizada sobre as expectativas de papel de gênero de leigo/as e enfermeiro/as. In M. N. Strey, C. Nogueira, & M.R. Azambuja (Orgs.). **Gênero e saúde: diálogos Ibero-Brasileiros**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2010

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**. Vol. 10, N° 2, p. 141-163, 1981.

BORSA; J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher Princípios e Diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Ministério da Saúde. **Assistência integral à saúde da mulher: bases da ação programática**. Brasília: Ministério da Saúde, 1984.

CADONÁ, E.; STREY, M. N. Mãe, trabalhadora, figura de beleza: gerar filhos saudáveis, produzir e seduzir. **V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS**, 2010.

CECCARELLI, P. R. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 72, n. 40, p. 89-102, 2007.

CHECHI, P; HILESHEIM, B. Paternidade e mídia: representações sobre o pai na contemporaneidade. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n. 28, jan./jun. 2008.

COSTA, A; AQUINO, E. Saúde da mulher na reforma sanitária brasileira. In: MERCHÁN-HAMANN, E.; COSTA, A. M.; TAJER, D. (Orgs.). **Saúde, equidade e gênero: um desafio para as políticas públicas**. Brasília: Editora Universidade Brasília, 2002.

DOYLE, C.; HING, P. Occupation stress, burnout and job status in female academics. **Gender, work and organization**. v.5, n.2, p. 67-82. 1998.

GILLES, Lypovetsky. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

GODOY; B. M.; GOMES, A. F.; SATEFANELLO, J.; MONTEIRO, S. C. J.; NAKANO, S. M. A. Situação trabalhista da mulher no ciclo grávido-puerperal. **Invest. Educ. Enfermagem**, v.29, n.1, p. 47-53, 2011.

GARRINI, S.P.F. Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: Reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. INTERCOM-SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5, São Paulo, 2007.

GOMES; A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v. 20, n.2, p. 119-125, 2004.

GOMES, K. R. O.; TANAKA, C. A. Morbidade referida e uso dos serviços de saúde por mulheres trabalhadoras, Município de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v.37, n.1, 75-8. 2003.

HILLESHEIM, B.; SOMAVILLA, V. C.; DHEIN, G.; LARA, LUTIANE. Saúde da mulher e práticas de governo no campo das políticas públicas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte v. 15, n.1, p. 196-211, 2011.

JACQUES, M.G.C. Mulher e Trabalho: perspectiva para o século XXI. In: **Construções e perspectivas em gênero**. Editora Unisinos. 2000.

LAURENTI, Ruy. **História da criação da Organização Mundial da Saúde: conferência**. São Paulo. FSP-USP. 1995.

LIMA, N. R. L. B.; O adoecer feminino e a culpabilidade discursiva: considerações sobre a incidência de Lúpus em mulheres. In: STREY, M.N.; NOGUEIRA C.; AZAMBUJA, M. R. (ORGS). **Gênero & Saúde: Diálogos Ibero-Brasileiros**. Porto Alegre. EDIPURS. 2010.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, SP : Hucitec-Abrasco, 2010.

SANTOS, M.M.L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras. **Estudos em Psicologia**. V15, n..3. P. 259-267. 2010

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface**. V. 5, n.8, p. 47-60. 2001.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **PHYSIS: Revista Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, V. 17, n. 1, p.29-41, 2007.

SILVA, S. M. R.M.; MENDONÇA, H.; ZANINI, S. D. Diferenças de gênero relativos aos trabalho. **Paideia**, v. 2, n. 45, p. 39-45, 2010.

SOARES, J. S. e CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, "novos papéis", velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia estudo**, v.8, ed. esp, p.39-44, 2003.

STREY, M. N; PULCHERIO, G. As tramas de Gênero na Saúde. In: STREY, M.N.; NOGUEIRA C.; AZAMBUJA, M. R. OGS. **Gênero & Saúde: Diálogos Ibero-Brasileiros**. Porto Alegre. EDIPURS. 2010.

STREY, M. N; PULCHERIO, G.. As tramas de Gênero na Saúde. In: STREY, M.N.; NOGUEIRA C.; AZAMBUJA, M. R. OGS. **Gênero & Saúde: Diálogos Ibero-Brasileiros**. Porto Alegre. EDIPURS. 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Constitution of the World Health Organization. Basic Documents**. Genebra: OMS; 1946. Disponível em: www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas. 1999.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 206- 268, 2007.

WERBA, G. C. Discutindo o uso da categoria Gênero e as Teorias que respaldam estudos de Gênero. In: STREY, M.N. ORGS. **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.

ZORZA, F. S.; CHAGAS, A. T. S. Espelho, espelho meu, existe alguém mas bela do que eu? Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da subjetividade feminina. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 161-187, 2011.

ARTIGO 4

COMPREENSÕES SOBRE GÊNERO, TRABALHO E MATERNIDADE

COMPREHENSIONS ABOUT GENDER, WORK AND MOTHERHOOD

Resumo

Este artigo apresenta os resultados do estudo que investigou o significado do trabalho remunerado e a relação deste com a maternidade. Foram entrevistadas sete mulheres de 30 a 35 anos, trabalhadoras que vivenciaram ou não a situação de maternidade de uma cidade do interior do RS. As informações fornecidas pelas entrevistadas indicam que cada vez mais a mulher vê a maternidade como um sacrifício, devido às renúncias que ela deve fazer em sua carreira profissional, decorrentes dos cuidados que um filho impõe. Apesar disso, a mulher se mostra desejante em relação à maternidade. Verificou-se, ainda, que a carreira profissional, além de proporcionar estabilidade e segurança financeira, gera a independência emocional à mulher, possibilitando uma melhora em seus relacionamentos sociais. Conclui-se que é necessário que a divisão de tarefas dentro do lar seja mais igualitária para que as mulheres consigam vivenciar com maior tranquilidade e segurança seu crescimento profissional, sem abrir mão da maternidade que almejam.

Palavras chaves: Trabalho. Maternidade. Gênero.

Abstract

This article presents the results of a study that investigated the meaning of paid work and its relation with motherhood. Seven women, aged from 30 to 35 years old, workers who experienced or not the situation of motherhood, were interviewed. Information provided by the interviewed women indicate that the woman sees motherhood as a sacrifice, due to the resignation in her professional career, due to the care a child requires. However, the woman shows to desire motherhood. It was possible to verify that the professional career, besides offering financial stability and safety, generates emotional independency to women, enabling improvement in their social relationships. Concluding, it is necessary for home chores to be more equally divided, so that a woman can live more smoothly and safely her professional growth, without giving up motherhood.

Keywords: Work. Motherhood. Gender.

Introdução

“Se eu fosse dar um retrato bem objetivo, eu diria que o mercado de trabalho feminino é feito de avanços e permanências”.

Cristina Bruschini

Essa frase da autora retrata exatamente o perfil do trabalho da mulher ao longo dos anos. Afinal, são visíveis os avanços ocorridos desde a década de 70, período no qual a mulher passou a se inserir de forma mais significativa no mercado de trabalho. Naquela época, o perfil das mulheres inseridas no mercado era quase que exclusivamente composto por jovens, solteiras e sem filhos. A inserção no mundo do trabalho fora do lar, da mulher casada e com filhos se desenvolveu de forma mais tímida que para as mulheres sem filhos. As mulheres mães passaram a deixar o ambiente doméstico para buscar trabalho fora de casa, de forma gradual. Atualmente, essa situação modificou-se, sendo possível observar um número de mulheres mais velhas, casadas e mães realizando atividades remuneradas fora do lar (BRUSCHINI, 2007).

Essa passagem das atividades domésticas para o trabalho remunerado extra lar da mulher de camada média ocorreu devido a diferentes fatores. Primeiramente, a realidade econômica brasileira passava por um período de inflação, que levou a dificuldades financeiras que geraram um gradual empobrecimento das famílias das camadas médias. Houve também uma queda na qualidade dos serviços públicos, especialmente em termos educacionais e de saúde; o que levou as famílias a realizarem maiores gastos com despesas básicas, a exemplo da educação dos filhos e com a saúde. Aliado a esses fatores, a mídia passou a incentivar o consumo, surgindo novos focos de consumo e de despesas (DESOUZA; BALDWIN, 2000; FLECK; WAGNER, 2003; BRUSCHINI, 2007; LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007). Além disso, houve um aumento na escolaridade da população em geral, especialmente a apresentada pelas mulheres.

Da mesma forma ocorreram quedas nas taxas de natalidade, as mulheres passaram a ter menos filhos e a se tornarem mães mais tarde. A população foi gradualmente envelhecendo, sendo que as mulheres morrem frequentemente mais tarde que os homens. Em 1991, as mulheres possuíam uma expectativa de vida média ao nascer de 7 anos e 2 meses superior à dos homens. No ano de 2000, essa expectativa elevou-se para 7 anos e 8 meses, e continua aumentando (IBGE, 2000; BRUSCHINI, 2007; TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007). Atualmente os lares chefiados por mulheres subiram de 24% (2001) para 35% (2009) (IBGE, 2010).

Apesar de todas essas mudanças, a mulher, ainda hoje, é a principal responsável pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos. O homem, no ambiente doméstico, ainda é visto como um ajudante, um colaborador, visto que não assume as responsabilidades e tarefas no lar como a mulher o faz (BORSA; NUNES, 2011).

Esse panorama traduz o que sempre ocorreu em relação à divisão sexual de atividades funcionais dentro de nossa sociedade. Segundo Matthei (1993 apud Strey, 1999), os termos “trabalho de mulher” e “trabalho de homem” estão ligados em nossa sociedade às condições biológicas apresentadas por cada sexo especificamente. Um exemplo pontual dessa questão é a capacidade de gestar feminina e a de acumular músculos com maior facilidade, apresentada pelo homem. Essas condições biológicas acabam por influenciar como homens e mulheres farão suas escolhas de trabalho em nossa sociedade.

A partir desta ideia, compreende-se porque a mulher ainda assume com naturalidade o trabalho do lar e o cuidado dos filhos, enquanto o homem fica com o papel de provedor, se envolvendo pouco com o lar. Bardwick (1981) indica que existe em nossa sociedade algo que ele denomina de “sexismo”. Além de ser realizada uma diferença do que é denominado trabalho de homem e trabalho de mulher, a diferença estabelece um valor, sendo depreciado aquilo que é percebido como associado ao feminino. Assim, enquanto que no ambiente do trabalho o homem é visto como poderoso, confiante, assertivo, nas mulheres essas mesmas características são vistas como autoritarismo, agressividade e frieza. As atividades do lar, em sua maioria consideradas “trabalho de mulher”, são representadas como inferiores, o que colabora ainda mais para que os homens deixem as mesmas para quem sempre as executou - as mulheres.

Bruschini (2006) questiona os dados do IBGE que tratam o trabalho doméstico como inatividade econômica, junto com aposentados, inválidos, estudantes e aqueles que vivem de renda. Essa forma de encarar a atividade do lar desconsidera as horas dispensadas num trabalho demorado, repetitivo, cansativo e desvalorizado. A autora diz que a principal prejudicada nisso são as mulheres trabalhadoras mães de filhos pequenos, que além de dedicar horas a essas atividades e aos filhos, ainda se encontram ativas em suas carreiras profissionais.

Face ao exposto, o presente trabalho busca compreender o significado do trabalho remunerado para as mulheres trabalhadoras mães e não mães, residentes em uma cidade do interior do RS e identificar como elas percebem as consequências da maternidade no desenvolvimento de suas carreiras profissionais.

Método

Participaram desse estudo, 7 mulheres de idade entre 30 a 35 anos, casadas, trabalhadoras, de camadas médias da população, residentes em uma cidade do interior do RS. A primeira entrevistada Lia² tem 30 anos, é secretária e não tem filhos ainda. É casada e moram juntos. A segunda entrevistada - Joana - tem 30 anos e é secretária. É casada e tem uma filha de 9 anos. Seu marido viaja para trabalhar durante a semana. A terceira entrevistada, Bianca tem 34 anos é secretária. É casada e tem um filho de 6 anos. A quarta entrevistada Julia tem 33 anos e é médica, está casada e o marido também viaja a trabalho durante a semana. A quinta entrevistada Bruna tem 30 anos, é auxiliar de limpeza e ainda não tem filhos. É casada e moram juntos. Amanda, a sexta entrevistada tem 32 anos é contadora, não possui filhos. É casada e veio morar em Santa Maria para estudar e trabalhar, o marido ficou em sua cidade natal onde trabalha. Eles se veem nos finais de semana. Por fim a última entrevistada é Maria, 35 anos, contadora e tem uma filha de 10 anos. É casada e moram juntos.

Como instrumento de coleta das informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que buscaram aprofundar os objetivos da pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas na íntegra e, posteriormente, transcritas para realização das análises. As entrevistas foram realizadas individualmente em sala reservada. Para análise das informações, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Esta forma de análise reúne procedimentos para organizar o material e analisar o conteúdo de determinadas mensagens, buscando a materialização linguística e a categorização do texto para realizar a interpretação das informações, tendo como foco o conhecimento empírico (BARDIN, 2004). Na presente pesquisa a análise buscou compreender as falas, aprofundando suas características e destacando seus momentos mais importantes. Foram destacados trechos das falas que aprofundavam as questões de pesquisa, buscando identificar seus significados explícitos e implícitos.

A constituição da amostra seguiu o procedimento conhecido como bola de neve (*Snowball*). Através deste, inicialmente se identifica um indivíduo que possui as características de interesse da pesquisa. Esse participante realiza a indicação de outro participante e assim por diante (BIERNACKI; WALDORF, 1981). A primeira entrevistada indicou a segunda e assim sucessivamente, até que não houve a necessidade de inclusão de

² Os nomes das participantes desta pesquisa foi trocado por questões éticas e confidenciais. Assim utilizou-se nomes fictícios.

novos participantes. Todas entrevistadas foram contatadas por telefone, sendo agendada a entrevista em horário de conveniência das participantes. Ao serem convidadas a participar da pesquisa foram explicados os objetivos e procedimentos do estudo. Procedimentos éticos foram observados na execução do estudo. Esse trabalho obteve aprovação do Comitê de Ética da Universidade de Santa Maria, sob o registro número 23081.013699\2010-09.

Análise das informações

Ao realizar leituras sucessivas das entrevistas pode-se perceber que as entrevistadas formavam um grupo homogêneo em opiniões e heterogêneo em vivências. Nota-se que em suas histórias de vida as participantes tinham realidades diferentes em relação à estrutura familiar, carreira, salário e cotidiano. Três das entrevistadas possuíam filhos e quatro não. Além disso, a carreira profissional de cada uma tinha suas peculiaridades, mesmo entre aquelas que possuíam a mesma profissão. Contudo, após a leitura das entrevistas, se identificou opiniões compartilhadas, que podem ser reunidas em categorias temáticas, com conteúdo similar. Foram verificadas duas categorias principais: Significado do trabalho e Relação Maternidade e Trabalho. A primeira categoria ainda subdividiu-se em outras duas: “Retorno financeiro” e “Significado emocional do trabalho”.

Significados do trabalho

Atualmente o trabalho assume diversos significados para as mulheres. Estes podem envolver aspectos concretos, como a dificuldade financeira e a necessidade de dividir as contas do lar, como também aspectos emocionais, como independência, autonomia, satisfação pessoal e incremento de relacionamentos sociais. Assim é necessário especificar e detalhar os aspectos que envolvem o trabalho da mulher para que se consiga compreender como esta representa sua carreira profissional atualmente.

Retorno financeiro

Atualmente, a participação da mulher no sustento financeiro do lar é uma realidade. Se antigamente, na família tradicional, burguesa, era comum o homem ser exclusivamente o provedor do lar, hoje na família contemporânea observa-se que as mulheres se encontram

dividindo as despesas da casa com o marido ou até mesmo arcando com elas exclusivamente (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; BORSA; NUNES, 2011).

Neste estudo, a participação das entrevistadas na economia doméstica pode ser percebida, em alguns momentos, como uma sobrecarga, já que a mulher se sente cobrada pelo excesso de atividades realizadas dentro e fora de casa. As entrevistadas descrevem que sentem pressão para se desenvolverem cada vez mais em suas profissões, ser cada vez melhor em seus trabalhos, aumentando, assim, seus rendimentos financeiros.

“E a questão de tempo né, tu se divide ainda para o trabalho que suga bastante... precisa trabalhar... porque como hoje a mulher precisa trabalhar para dar o melhor para si e para sua família, o tempo se torna pequeno..., mas se fosse como era antigamente que quem sustentava a família era o homem e bastava, seria mais fácil né... só é assim porque hoje há muita exigência financeira” (Lia, 30 anos, secretária).

“Eu acho que eu poderia ter me dedicado mais, ter corrido atrás, ter feito uma faculdade, ter investido em mim. Eu acho que como profissional eu sou um fracasso, em função de eu não ser bem sucedida, não ganhar bem, a gente tem que ganhar bem hoje em dia” (Joana, 30 anos).

Porém, embora se observe uma auto cobrança em relação à remuneração e uma queixa em relação à sobrecarga de trabalho a ser realizado, ter um ganho financeiro possui um significado positivo na vida da mulher, na opinião das participantes do estudo. A remuneração proporciona às mulheres independência financeira, estando associada às ideias de liberdade e autonomia.

“Quero comprar um sapato, quero comprar um chiclê, eu tenho dinheiro pra isso eu vou lá e vou comprar. Tu imagina se eu dependesse de um homem que viaja a semana inteira... Financeiramente me ajuda muito na casa, de repente pra gente que e mulher querer comprar um batom, um perfume, uma calcinha diferente que um homem não precisa. É meu dinheiro, é meu!” (Joana, 30 anos).

“A mulher se sente melhor e se sente realizada, poder querer comprar alguma coisa e poder comprar” (Amanda, 30 anos).

“Trabalhando, eu já comprei várias coisas que eu gostaria de ter e antes eu não tinha. Eu acho que vale a pena tu sair, trabalhar” (Bruna, 30 anos).

Na pesquisa de Losada e Rocha-Coutinho (2007), que buscou averiguar o significado da atividade profissional para jovens empresárias, os autores puderam identificar que as mulheres conferem grande importância aos ganhos financeiros. Elas, inclusive, se mostram muito flexíveis na realização de planos e investimentos emocionais, considerando tanto os ganhos materiais como a satisfação pessoal decorrentes do trabalho remunerado extra lar.

“Tô contente com minhas escolhas, mas quero trabalhar num lugar que eu ganhe mais. Adoro o que eu faço, só que amor e coleguismo não pagam tuas contas, então hoje eu tô disposta a trabalhar pra ganhar mais” (Joana, 30 anos).

“Eu acho que o trabalho dignifica e te dá saúde. [...] até porque ninguém hoje consegue manter uma casa sozinho se não tiver ajuda e os dois tiverem trabalhando, fica difícil” (Maria, 35 anos).

O retorno financeiro é visto ora como algo positivo, já que proporciona satisfação às entrevistadas, ora como algo negativo ou necessário, quando se sentem cobradas por seus gastos mensais e pela melhora no desempenho do trabalho. Dessa forma, verifica-se que o trabalho adquire diversos significados para as respondentes, que não apenas incremento do ganho financeiro.

Significado emocional

O significado da atividade remunerada vai além da necessidade econômica para as mulheres atualmente. O trabalho externo ao lar é percebido como uma atividade que dá satisfação e prazer para a mulher (LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007; ALMEIDA, 2007). As entrevistadas expressaram o quanto gostam da atividade que realizam. Sentem satisfação em desenvolver algo produtivo e poder crescer profissionalmente.

“Porque hoje me sinto realizada profissionalmente, porque eu sei que se estivesse na área que me formei, a pedagogia, não seria tão realizada como eu sou na área da saúde. Eu gosto do que eu faço. Eu gosto do que eu faço, tenho condições de crescer mais na parte profissional” (Lia, 30 anos).

“Eu acho que hoje eu trabalho numa clínica, gosto do que eu faço, ganho mal pra caramba, mas foi uma escolha minha” (Joana, 30 anos).

Eu gosto do que eu faço, mesmo ficando além dos meus horários. Eu vou sentir diferença no momento que eu voltar pro meu horário normal, vir pra casa mais cedo” (Amanda, 30 anos).

“Eu não posso abrir mão da minha carreira profissional. Primeiro, porque eu gosto do que eu faço. É um momento de crescimento da entidade, se eu deixar de contribuir agora, além de eu não contribuir pro crescimento da entidade, eu vou tá travando o meu crescimento profissional, porque é a oportunidade que eu tenho de mostrar que eu posso fazer, se eu disser que não posso, alguém vai fazer. Eu vejo numa forma positiva” (Maria, 35 anos).

Percebem que, através de seu trabalho, elas se sentem independentes e capazes. Acreditam que a mulher toma uma postura diferente em relação à vida por estarem inseridas em uma atividade remunerada.

“Mulher tem que trabalhar fora, ter a independência dela” (Joana, 30 anos).

“Aí então ela se torna mais determinada, mais autoritária, ela tem aquela posição mais objetiva, então é esse o ponto” (Lia, 30 anos).

“É bom, porque tu tem uma profissão, tu não fica dependente. Eu acho bom a mulher ter independência... eu acho importante as mulheres terem trabalho, ser independente, não ficar parada esperando que as coisas cheguem” (Bruna, 30 anos).

“Totalmente. A realização pessoal, principalmente. Tu conquista as coisas que tu planeja, tu acaba fazendo por ti. Por exemplo, eu me comparo com a minha mãe, ela é dependente do meu pai, nunca trabalhou fora, vive naquele mundinho, não conhece outras pessoas. Eu acho que falta uma realização maior” (Amanda, 30 anos).

As entrevistadas observam, ainda, que as pessoas ao seu redor reconhecem a importância da atividade que desenvolvem. Na pesquisa de Teykal e Rocha-Coutinho (2007) realizada com 5 homens cariocas de 28 a 45 anos casados com mulheres inseridas no mercado de trabalho, as autoras perceberam que a visão que os maridos possuem da mulher que trabalha fora é de valorização em relação à “dona-de-casa”. Constataram, ainda, que o homem percebe a mulher como alguém que quer ser independente economicamente e busca no trabalho uma forma de conquistar um espaço dentro da sociedade.

Já na pesquisa de Santos e Rocha-Coutinho (2010), realizada com as primeiras oficiais aviadoras, as autoras constataram que metade das entrevistadas sofreu resistência por parte dos familiares quando elas decidiram fazer o curso de aviação, devido ao fato de serem mulheres pioneiras nesta área. Porém, todas confirmam que hoje recebem o apoio dos familiares e que estes possuem orgulho delas. De modo geral, percebe-se que, apesar da influência de conceitos tradicionais de gênero, os maridos e demais familiares apoiam o trabalho da mulher e as incentivam a buscar seu espaço no mundo do trabalho e na sociedade, associando o trabalho dentro de casa como estagnante.

“Independente! Me enxergam totalmente independente! ...não é só a minha família, mas de outras pessoas também [...] mais determinada, mais autoritária” (Lia, 30 anos).

“Eu acho que pra eles (a família), eu ter começado a trabalhar, ter mudado a minha rotina, de ficar só em casa. Então, pra eles, foi importante, porque eu ficava muito estressada só em casa. Eles acham bom” (Bruna, 30 anos).

As entrevistadas reconhecem que emocionalmente o trabalho fora de casa é muito importante para elas, já que se sentem ativas e produtivas. Elas também associam o trabalho doméstico a algo que “isola” a mulher dentro de casa, que traz estagnação e doença a quem o

realiza exclusivamente. Já o trabalho remunerado extra lar é visto como algo que valoriza a mulher, que amplia seu conhecimento e melhora seu estado emocional.

“Eu ia ficar depressiva se eu ficasse em casa, no apartamento. Cuidando só da casa não é o que eu quero pra mim” (Joana, 30 anos).

“[...] acho que é a parte profissional, que ocupa a maior parte da nossa vida e pelo menos eu vejo pessoa que não trabalha e ficam pensando besteiras” (Júlia, 33 anos).

“[...] porque antes eu tinha uma rotina muito parada só em casa. Faz dois anos que eu comecei a trabalhar. Antes eu ficava só em casa, cuidando só de casa. Então depois que eu comecei a trabalhar eu mudei bastante, saio, me distraio” (Bruna, 30 anos).

“E, quando se é mãe e fica só dentro de casa, tu fecha as portas, né, tu não sai, não vive com outras pessoas [...], mas a mulher não deixaria de trabalhar, né, até por questões psicológicas, até porque a mulher precisa trabalhar, não pode ficar num ambiente fechado, só cuidando do filho, ela tem que estar aberta ao mundo... muda no sentido de valorização de si própria, porque ela se torna mais mulher, né? A responsabilidade aumenta mais, o conhecimento aumenta mais, e para a rotina diária, que deixa de ser aquela rotina diária só dentro de uma casa” (Lia, 30 anos).

Losada e Rocha-Coutinho (2007), em uma pesquisa realizada com mulheres que exercem a função de pequenas empresárias, averiguaram que o ambiente do lar é visto por elas como um espaço que desvaloriza a mulher, sendo encarado como não produtivo, enquanto que o espaço público e a carreira profissional possibilitam a valorização e crescimento pessoal. Constaram, ainda, que a mulher percebe o trabalho como uma forma de não sentir o vazio que ocorre no momento que os filhos vão para escola. As mulheres que possuem um trabalho extra lar remunerado, que passam por essa situação, continuam a se sentir ativas e produtivas enquanto aquelas que não possuem não apresentam os mesmos sentimentos.

As entrevistadas dessa pesquisa associam ainda a saída de casa como algo que proporciona novos relacionamentos interpessoais, pois lhe possibilita o contato com pessoas novas. Consideram que isso lhes auxilia na manutenção do sentimento de autoestima e de satisfação diária. Strey (1999), em seu texto sobre Gênero e Trabalho, observa que o trabalho é uma atividade social, na qual pessoas convivem, interagem, se relacionam, construindo suas identidades e aprimorando habilidades. No caso da mulher, a execução de um trabalho remunerado ainda demarca a igualdade com os homens, passando a se inserir de forma segura em outros ambientes que não apenas o doméstico.

“A tua autoestima, tu levantar de manhã, tu te arrumar, tu sair tu conhecer pessoa, tu te relacionar” (Joana, 30 anos).

“A convivência com as outras pessoas, que é bom, tu sair conhecer pessoas novas, a amizade que eu tenho com as gurias” (Bruna, 30 anos).

“[...] aprende a conhecer novas pessoas, novas profissões, então acho que muda sim!” (Lia, 30 anos).

Em função de todo esse significado emocional positivo que a mulher dá ao trabalho, pode-se perceber que as entrevistadas acreditam que devem investir mais no trabalho extra lar que desempenham. Acreditam que estudar é uma forma de melhorar as atividades que já realizam. Quando não conseguem se dedicar ao estudo, sentem-se culpadas e realizam auto cobranças. Essas cobranças as levam a investir, na medida do possível, no estudo e na carreira profissional, a fim de melhorá-la.

“[...] tem que cuidar do trabalho. Tem que estudar, porque não adianta fazer uma graduação, uma pós e esquecer, só trabalhar. Tem que correr atrás de fazer outro curso, não parar” (Amanda, 30 anos).

“Um fracasso. Porque eu acho que eu fui muito imprudente, imatura de não ter continuado meus estudos. Eu achei que segundo grau bastava, e não basta” (Joana, 30 anos).

O estudo sempre foi o impulsionador da mulher em sua carreira. Foi através dele que a mulher conseguiu aprimorar seu trabalho e alcançar cargos de chefia (BRUSCHINI; PUPPIN, 2004). Bruschini e Puppini (2004), ao realizarem uma pesquisa com mulheres executivas brasileiras que ocupavam cargos de chefias em grandes empresas, perceberam que, no momento da seleção, as mulheres conseguem obter igualdade de tratamento devido ao mérito em relação aos homens, prevalecendo a percepção sobre sua dedicação ao trabalho, estudo e competência. Porém, as autoras observaram ainda que existe um discurso machista no ambiente de trabalho em relação ao exercício da maternidade. O preconceito é velado, ocorre em função dos meses de afastamento proporcionados pela licença maternidade ou pelas dificuldades enfrentadas pela mulher que possuem filhos pequenos. Dessa forma, os processos de seleção priorizam as candidatas que possuem maior disponibilidade de locomoção e de tempo para se dedicar ao trabalho, ficando implícito que as mulheres que estão vivenciando a gravidez ou maternidade apresentam menores chances de ser selecionada quando comparada aos demais candidatos.

Esses fatores acentuam o sentimento de cobrança e de culpa femininos. Esses sentimentos são sentidos quando as mulheres não conseguem conciliar estudo e trabalho com a maternidade, forçando a mulher a realizar uma opção entre duas áreas de suas vidas que não

deveriam ser excludentes, mas sim conciliadas (ALMEIDA, 2007). A categoria a seguir abordará a relação entre trabalho e a maternidade para as entrevistadas.

Relação maternidade e trabalho

A identidade feminina sempre esteve ligada a maternidade. O corpo feminino, apto a gerar filhos, demarcou as diferenças entre os sexos. As diferenças biológicas por muitos anos determinaram quais deveriam ser as funções de homens e mulheres em nossa sociedade (BADINTER, 1985; BEAUVOIR, 1980; MEYER, 2003; LOURO, 2007).

Atualmente, a mulher não é mais associada apenas aos papéis que envolvem a maternidade e a realização de tarefas domésticas. Ela busca seu sucesso profissional, independência financeira e satisfações provenientes da carreira profissional, como já descritos anteriormente. Essas buscas a fazem repensar a situação de maternidade em função da sobrecarga que o acúmulo de funções pode gerar em suas vidas. Assim, hoje as mulheres relatam que estão apresentando dificuldades para encontrar um espaço para serem mães (BAPTISTA, 1995; SCAVONNE, 2001; BRUSCHINI, 2007; LOSADA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Ser mãe não é instintivo a mulher, não diz respeito apenas a algo biológico. A maternidade é algo que a mulher pode optar por vivenciar ou não, pois antes de tudo está vinculado a representações históricas e sociais (BADINTER, 1985). Com isso, o adiamento da maternidade e a opção por não vivenciá-la se tornam, cada vez mais, uma alternativa para as mulheres, principalmente, para aquelas que querem se desenvolver em sua carreira profissional (RODRIGUES, 2008; PATIAS; BUAES, NO PRELO).

Nesta pesquisa, pode-se observar que a escolha por ser mãe está intimamente vinculada as escolhas profissionais. Seja por questões financeiras, seja por uma escolha pessoal, associada à busca de realização profissional.

“Eu ainda não tenho total segurança no que eu estou fazendo para ter um filho. Profissionalmente, não no sentido de não ser o que eu gosto, mas no sentido de estabilidade mesmo. Olha, eu acho que a realidade de ser mãe poderia ser diferente, mais tranquila, se não fosse as dificuldades financeiras né?” (Lia, 30 anos).

“O meu marido é militar, não vou passar necessidade, mas a gente tem que se programar pra organizar direitinho, às vezes, me assusta um pouquinho, ao mesmo tempo em que eu tenho vontade, eu penso ‘ah não, agora não, deixa pro ano que vem’. [...] mas geralmente quando eu penso, eu penso pra daqui a dois anos” (Júlia, 33 anos).

“Eu acho que as mulheres não sentem mais aquele desejo de ser mãe, por causa do trabalho. A criança vai mudar, é outra coisa né. Às vezes, não tem tempo, aí a mulher quer crescer profissionalmente. Acho que é por isso que elas tão deixando de querer ser mãe, ou tão adiando pra mais tarde, pra poder crescer profissionalmente. Acho que se tu quer crescer profissionalmente, eu acho que é uma boa escolha, porque uma criança interfere mesmo na tua vida. Então, tu adiar pra mais tarde, eu acho que não tem problema nenhum” (Bruna, 30 anos).

“Eu acho que, por enquanto, eu não teria condições porque gestação, filhos, precisa de atenção! Imagina, hoje eu não teria condições de fazer isso. Ou deixaria minha profissão de lado e cuidaria mais da casa e dos filhos. E, no momento, não caberia, não tem espaço pra isso” (Amanda, 32 anos).

“É lógico que eu quero ter outro filho, mas quero ter num momento de maior tranquilidade no meu trabalho, eu sei o quanto uma gestação é complicada” (Maria, 35 anos).

Porém, mesmo que a maternidade seja vista como algo que deve ser pensado, ponderado e planejado, ela ainda é bastante valorizada em nossa sociedade (SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010). Neste estudo, observa-se que a maternidade é desejada pelas entrevistadas, entretanto suas falas vêm sempre acompanhadas da palavra “mas”. Este “mas” surge provavelmente pelo fato de a maternidade ainda está relacionada a renúncias profissionais e pessoais. Parece que não há espaço para que se viva as duas coisas ao mesmo tempo.

“Eu acho que é uma escolha futura que pode se tornar infeliz. Né, porque... já pensou a pessoa que não quer ter filho, que geração vai deixar para depois, ela vai saber um dia o que é amar um filho, se dedicar, saber que por mais que tu tenha todo o trabalho, não vai saber como é todo o dia tu ter aquele rostinho ali” (Lia, 30 anos).

“É uma opção as mulheres não querer ter filho hoje. Mas... não tem como explicar, acho que só vivendo essa passagem que tu vai saber falar sobre isso. Eu tenho um sobrinho e eu considero ele como um filho, já que eu não tenho, acho que tu se apegas mais ainda. Mas é uma coisa maravilhosa, é uma alegria. Quem não pode ter: adota. Eu adotaria, não sei se um dia não vou adotar, mesmo tendo os meus” (Amanda, 32 anos).

“Eu fico pensando será que não vão se arrepender futuramente da solidão, se sentir sozinho. Porque filho é pra sempre, é pra toda a vida, então eu acho que tu nunca vai tá sozinho, por mais que tu cria, essa pessoa case vá embora, vá viver a vida dela, tu vai ter uma ligação, se tu não tem tua família acabou, acabou” (Joana, 30 anos).

“A não ser que tu seja uma pessoa que realmente não tenha esse instinto materno, mas mulher, é dom divino, ela tem que ser diferente pra não ser maternal. Eu não me vejo sem filho, tanto é que eu quero ter outro. Na verdade, a gente é um ser divino, com a capacidade de gerar outro ser divino. E a gente tem que se preparar pra isso e não ser egoísta e pensar “eu não quero passar por isso”. Eu não vou deixar de ter filho por isso. E pretendo ter outro, com certeza”(Maria, 35 anos).

Essa realidade é sentida emocionalmente pelas mulheres não apenas pelas transformações físicas que a maternidade impõe, mas também pelo imaginário social presente

em nossa sociedade. Em nossa sociedade, a maternidade e as atividades do lar podem ser considerados entraves para o sucesso profissional, já que essas tarefas exigem da mulher o afastamento da atividade profissional remunerada (BAPTISTA, 1995; BRUSCHINI, 1998; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Ainda hoje a mulher é a principal responsável pelos cuidados com a criança e com o espaço doméstico (BORSA; NUNES, 2011). O pai, apesar de se encontrar mais presente na vida familiar, ainda é colocado como figura secundária e auxiliar no manejo com os filhos e na organização da casa; ele é percebido como um “ajudante” (PEREIRA; NEVES, 2010; SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010). Dessa forma, a mulher vive o excesso de responsabilidades, já que opta em ser mãe e trabalhar. A mulher pode ainda viver um conflito ao adiar a possibilidade da maternidade em função de questões profissionais, mesmo que essa seja um desejo pessoal a ser realizado (BAPTISTA, 1995; ALMEIDA, 2007).

“Eu abri mão de ter tido, porque meu marido já queria ter tido filho faz tempo, mas eu fiquei enrolando, eu primeiro tinha que estudar, fazer minha especialização. Eu quando tiver filhos, eu preciso de tempo pra eles, eu quero dar atenção pra eles, acho que eu vou ser uma mãezona. Por isso, eu quero me organizar pra quando eu tiver, poder dar atenção pra eles. E ter um filho não é que nem cachorrinho, qualquer coisa, que tu deixa em casa sozinho. Eles precisam da mãe principalmente. Então, eu acho que tem que ser uma coisa planejada” (Amanda, 30 anos).

“Eu tenho vontade de ter filho. Mas agora, no momento não. Porque agora eu tô trabalhando, conquistando as coisas, eu acho que atrapalharia bastante um filho agora neste momento. Vontade de ser mãe, ter um filho. Mas aí eu penso que tem um monte de coisa que eu não poderia fazer. Eu acho que meu trabalho eu já não conseguiria dar continuidade, teria que parar” (Júlia, 33 anos).

“Não temos filhos ainda. Eu vou querer ter filho [...]. A única coisa que me frustra um pouco é no sentido de que eu não sou mãe ainda, porque espero melhorar as coisas profissionalmente. Só neste ponto, porque querer ter filho eu quero, mas surge o medo de não ser concursada, trabalhar numa empresa privada” (Lia, 30 anos, secretária).

“A gente deixa de ser mãe tão cedo, mas são duas coisas que gratificam e que a gente precisa das duas, né?” (falando sobre trabalho e maternidade) (Lia, 30 anos, secretária).

“Eu acho que a parte profissional é importante, não que a maternidade não seja, mas eu acho que tu tem que ter um objetivo na tua vida, tem que viver por alguma coisa. Tem coisas que não vão substituir um filho nunca” (Júlia, 33 anos).

A vivência da maternidade é sentida de forma complexa e ambígua por parte das entrevistadas nesse estudo. Mesmo aquelas que já são mães, sentem a maternidade como algo que as responsabiliza a ponto de terem que fazer renúncias pessoais em função do filho, para receberem o reconhecimento social e próprio de que são boas mães.

Percebe-se que as participantes compartilham da representação social que a boa mãe é aquela pessoa que realiza renúncias em prol do filho. Observa-se nas falas das entrevistadas o sentimento de auto cobrança, como se devessem estar presentes o dia inteiro, abrir mão de desejos pessoais e projetos profissionais, estar organizadas emocionalmente e financeiramente em função dos filhos. Nesse sentido, ser mãe torna-se um fenômeno complexo e frustrante, uma vez que se encontra associado a inúmeras exigências que as mulheres se impõem.

“[...] mas acho melhor tu ter um filho estruturado pra ter uma criança e tal, porque a criança muda a tua rotina, tudo é gasto, tem escola. Tu vai querer dar tudo do melhor pro teu filho, acho que a gente aproveita mais a vida de casado [...] adiar, eu acho que é uma coisa que cada vez acaba sendo mais natural”. (Júlia, 33 anos)

“[...] porque hoje eu penso em estudar e fazer uma faculdade, e não posso porque eu não tenho onde deixar minha filha. Eu deveria ter pensado nisso antes de colocar ela no mundo” (Joana, 30 anos).

“Eu gosto da minha profissão, eu adoro tá aqui trabalhando, conquistando o que eu tenho hoje, mas é bem difícil, pra ti ter que trabalhar, ter que sair todo dia de casa, tendo uma criança” (Bruna, 30 anos).

“Eu acho que, na minha opinião, é complicado porque tu tem que se subdividir mais ainda. Se já se dividia antes com as tarefas da casa né... e, infelizmente, a gente se entrega mais para o filho e esquece de si. Acho que tu vai se desligando mais de si para cuidar do filho né... e acaba deixando o filho numa creche, porque tu não tem condições de ficar cuidando só da criança. E ainda chega de noite e tu tem que dar atenção para a criança” (Lia, 30 anos).

“Por isso eu quero me organizar, pra depois pensar em ter filho. Eu acredito que tem que dividir o trabalho para não ter uma gestação agitada, tumultuada, corrida, poder descansar. E filho precisa de tempo também, precisa de ti” (Amanda, 32 anos).

Essas exigências determinam a visão que essas mulheres acabam tendo da maternidade. Elas acreditam que a vida da mulher se modifica muito do que a do homem com a vinda de um filho, já que percebem as renúncias que deverão realizar ou que já realizam em função da criança.

“Eu acho que é um dom, é uma dádiva de deus. Eu não me arrependo de forma alguma, mas também não quero ter mais filhos. Eu acho que pelo menos um tu tem que ter. Por mais trabalho que tu faça por mais complicado que seja, mas ter alguém que te chame de mãe é muito bonito, muito importante. Eu não vejo a minha vida hoje sem a minha filha. Mas muda, muda muito. Eu tenho que acordar mais cedo [...] tu não vai dormir a hora que tu quer, tu vai dormir a hora que eles querem, que eles vão dormir [...] ela tava com medo[...] ela ta nessa fase, de madrugada ela acorda, daí eu tenho que ir pra cama dela, às vezes, tu mal deitou ela ta em pé chorando. Então muda bastante” (Joana, 30 anos).

“Um filho muda muito a vida da mulher, principalmente a rotina diária. Porque hoje eu chego em casa faço a rotina de trabalho e depois deito no sofá... e, com filho não

vai ser assim, eu vou ter que me dedicar aquela criança que tá ali, não dá para chegar e me deitar, então é diferente” (Lia, 30 anos).

“Acho que muda muito, responsabilidade, isso é a grande verdade. Botar uma criança no mundo é bem fácil, agora botar, criar e educar [...]. E outros preferem não ter pra não passar por isso. Porque realmente é difícil educar. É mais fácil tu julgar, tu criticar. Mas ali, no dia-a-dia, tu educar, tu ser mãe, aquela mãe que ama, que educa, é complicado” (Bianca, 30 anos).

“Eu acho que pra mulher é bem mais corrido depois de ter um filho pra cuidar, é bem mais puxado, porque a criança precisa de mais atenção, mais cuidado. É bem trabalhoso pra mulher. Acho que muda bastante, muda em tudo. Principalmente nos primeiros meses, precisa de toda atenção” (Maria, 35 anos).

A maternidade está predominantemente associada à ideia de renúncia feminina. Dessa forma, pode-se compreender o desejo pelo adiamento da maternidade ou até a desistência da mesma que é realizado por algumas mulheres atualmente. Ainda é natural, em nossa sociedade, que a mulher assuma toda a responsabilidade de cuidados com o filho, principalmente nos primeiros meses, abrindo mão do trabalho e conquistas em função da maternidade, se for preciso. Confirma-se isso devido o período de licença maternidade que dura seis meses para a funcionária pública e quatro meses para a mulher contratada, enquanto que, para o homem, esse período não dura dez dias (LOPES, 2006). Desse modo, torna-se difícil, para o homem, ser promovido do status de “ajudante” para ser alguém que, efetivamente, divida as responsabilidades dos filhos e atividades do lar, que também são dele.

Considerações finais

O objetivo do presente trabalho foi compreender o significado do trabalho para as mulheres em relação ao seu trabalho e a relação deste com a maternidade. As mulheres entrevistadas percebem o trabalho externo ao lar como uma fonte de satisfação e reconhecimento social. Elas descrevem suas aspirações de sucesso profissional, informando tanto a respeito de seus esforços de desenvolvimento na carreira através dos estudos, quanto de seus desejos de obterem melhores salários. Concomitantemente, também desejam ser mãe. Além disso, as mulheres consideram que ser mãe também pode lhes oferecer realização pessoal. Entretanto, percebem que a maternidade, por se encontrar associada a noções de renúncia e sacrifício, pode representar um empecilho para sua realização profissional.

Nota-se também nas entrevistas realizadas que se está desnaturalizando a questão de que a maternidade é a única forma das mulheres sentirem-se realizada emocionalmente.

Percebe-se que a carreira profissional é algo de suma importância para realização feminina, fazendo-as adiar a vinda de um filho em função da busca por conquistas profissionais.

Além disso, observa-se que dividir as contas dentro de casa é algo relevante nos dias atuais para as mulheres participantes do estudo. Elas percebem a necessidade econômica de ambos, marido e mulher, contribuírem com as despesas do lar, porém demonstram o quanto isso também tem um significado emocional já que se sentem independentes e orgulhosas de si por poderem arcar com seus próprios gastos.

Ademais, as entrevistadas não relataram nenhum preconceito em relação à maternidade por parte da empresa em que trabalham. Elas próprias determinam que, para as que exercem trabalho extra lar, é difícil ter um filho. Isso ocorre porque ainda existe a vinculação exclusiva da mulher aos cuidados com o bebê, que parece lhes fazer optar entre uma escolha ou outra, como se fossem situações excludentes.

Percebe-se também essa questão nas entrevistadas que possuem filhos. Elas acreditam que abrem mão de aprimorar seu trabalho por terem que dedicar parte de seu tempo aos filhos. Porém, elas relatam que conseguem se desenvolver pessoalmente nas duas funções, apesar das dificuldades encontradas.

Assim, através das informações levantadas na presente pesquisa, fica a sugestão para novas pesquisas sobre o assunto, já que ainda é perceptível o quanto maternidade e trabalho ainda são opções excludentes. Pois mesmo conciliando as duas funções as mulheres da pesquisa se colocam em posição de conflito e culpa em relação a essas escolhas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, L. S. de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 19, n. 2, p. 411- 422. 2007.

BADINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

BAPTISTA, S. M. S. **Maternidade & Profissão: oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BARBOSA, Z. P.; ROCHA-COUTINHO. **Maternidade: Novas possibilidades, antigas visões**. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 1, 163-185.2007

BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2004.

BARDWICK, J. M. **Mulher, sociedade, transição: como o feminismo, a liberação sexual e a procura da auto realização alteram nossas vidas**. São Paulo: Difel, 1979.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 1980.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**. Vol. 10, N° 2, p. 141-163, 1981.

BORSA; J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39. 2011.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1995. São Paulo: **Cadernos Fundação Carlos Chagas**, 1998.

BRUSCHINI; PUPPIN, Trabalho das mulheres executivas no Brasil no final do século XX. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, 2004.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, 2006.

BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.

DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, Porto Alegre, 2000.

FLECK; A. C.; WAGNER, A. A mulher como principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. especial, p. 31-38, 2003.

IBGE. Evolução da esperança de vida no Brasil na última década do século XX: os ganhos e os diferenciais por sexo. 2000. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tabuadevida/evolucao_da_mortalidade.shtml. Acessado em: 01 de fevereiro de 2010.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010**. Rio de Janeiro, 2010.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, 2007.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em revista**. Belo horizonte, v. 46, p. 201-218, 2007.

MEYER, D. E. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**, v.3 n. 9, p. 33-58, 2003.

MOSEDALE, S.. Policy arena. Assessing women's empowerment: Towards a conceptual framework. **Journal of International Development**, v.17, p. 243-257, 2005.

PATIAS, N. D.; BUAES, A. “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, no prelo.

RODRIGUES, C. M. **Vivências da maternidade tardia, cotidiano e qualidade de vida: a perspectiva do feminino.** Tese de mestrado Universidade Federal de Viçosa. 2008.

SANTOS, M.M.L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras. **Estudos em Psicologia.** V15, n..3. P. 259-267. 2010

SCAVONE, L. A maternidade e o feminismo: diálogo entre as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, V. 16, n.1, p.137-150. 2001.

STREY, M. N.. Mulher e Trabalho. In: STREY, M. N.(ORGS). **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho.** Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 206- 268, 2007.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objetivo compreender as representações e realidade experienciada por algumas mulheres de classe médias residentes em uma cidade do RS sobre seus papéis e funções dentro da família, como elas enxergam os papéis e funções do homem, sua rotina de trabalho, sua escolha ou não por ter filhos e suas percepções sobre a saúde feminina neste contexto de diferentes escolhas. Inicialmente, abordar essa temática, apesar de desafiador, parecia fácil, visto que se tratava de um assunto circulante, não apenas nas mídias, como no dia-a-dia das pessoas em variados ambientes sociais. Porém, constatou-se, ao longo do trabalho, que alcançar o objetivo inicial não seria tão fácil como se imaginava. Depois de concluída as entrevistas, iniciou-se a análise dos dados e, a partir daí, verificou-se o quão complexo é o universo da mulher atualmente.

A complexidade do universo da mulher se traduziu, através da opinião das participantes, as quais demonstraram que, ao mesmo tempo em que as entrevistadas se queixam da falta de tempo, do excesso de trabalho, da dupla jornada, bem como do cansaço originado desta rotina, elas buscam, cada vez mais, assumir responsabilidades em relação a casa, não dividindo as atividades do lar de forma a também responsabilizarem os maridos. Notou-se que elas atribuem essas atividades como suas, como se o homem não fosse capaz de desenvolvê-las sem sua ajuda.

Acredita-se que esse dado seja uma contribuição da presente pesquisa, já que se observa que a maior parte dos estudos apontam que homens e mulheres têm dificuldade de rever papéis tradicionais e modificá-los (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; SANTOS; ROCHA-COUTINHO, 2010; BORSA; NUNES, 2011). Sugere-se, então, que sejam realizadas pesquisas que aprofundem essa questão, visto que se constata que a mulher possui um papel importante nesta mudança de paradigma.

Em relação aos papéis masculinos, as informações vieram ao encontro das pesquisas que falam de um marido “ajudante” (TEYKAL; ROCHA-COUTINHO, 2007; BORSA; NUNES, 2011) e não totalmente responsável pelas atividades do lar, em igualdade com a mulher. Porém, mesmo havendo essa coerência nas informações, sugere-se que futuras pesquisas devam aprofundar esta questão, principalmente com homens, já que o foco do presente estudo era a opinião das mulheres sobre os papéis masculinos. Assim, acredita-se ser uma contribuição da presente pesquisa o fato de ter-se confirmado os dados já presentes na

literatura, visto que isso dá subsídios para que se realizem pesquisas direcionadas a esse assunto.

Em relação à saúde da mulher, é possível verificar o quanto as mulheres estão se mostrando o “sexo forte” nesta relação homem-mulher. Apesar do cansaço cotidiano, as entrevistadas não consideram que adoecem em função desse excesso. Reconhece-se o quanto a mulher é realmente forte e desempenha bem suas atividades. Porém, observa-se que elas têm dificuldade de queixar-se dos acometimentos físicos que esse excesso gera, bem como dividir as atividades domésticas com o parceiro.

Assim, através dos dados encontrados, acredita-se que a transformação de papéis tradicionais depende da postura dos sujeitos dentro da família, essencialmente a postura da mulher. A postura feminina tem sido a de monopolizar as atividades do lar, autorizando a participação do homem de forma parcial e supervisionada.

Em relação à maternidade, observa-se que as entrevistadas acreditam que ser mãe é importante, porém adiam essa vivência, por acharem que sua carreira profissional se sobressai, sendo mais relevante para seu bem estar emocional e pessoal. Esse dado se revela crucial para se compreender o desejo da mulher contemporânea, visto que a maternidade sempre foi associada a sua figura.

As entrevistadas acreditam que a alegria de ser mãe não substitui a satisfação que o trabalho propicia. Entretanto, da forma como associam essas vivências atualmente, assumindo toda a responsabilidade para si, acabam tendo que optar entre uma coisa ou outra. Isso porque a maternidade é vista como sobrecarga e renúncia.

Vale ressaltar ainda que as participantes eram de camada média da população e casadas. Acredita-se que os dados relacionados à saúde podem aparecer de forma divergente se aplicada a mesma entrevista às mulheres de camada popular ou com estrutura familiar diferente das entrevistadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, S. M. S. **Maternidade & Profissão: oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BARDIN, L.. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2004.

BIASOLI-ALVES, MENDES, M. Z.. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, (16)3, 233 – 239. 2000.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**. Vol. 10, N° 2, p. 141-163, 1981.

BORSA; J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39. 2011.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 110, p. 67-104, 2000.

CORTÉS, N. R. Violência sexista e processos grupais de apoio. In: STREY, M. N. (ORGS). **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 1999.

LOSADA, B. L.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, 2007.

MATOS, M. I. S. de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, E. M.; SOIHET, R.; MATOS, M. I. S. de. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC. 1997.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, SP : Hucitec-Abrasco, 2010.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PREHN, D. R. Divisão Sexual do Trabalho: isso é coisa de mulher?. In: STREY, M. N.; CABEDA, S.T.L.; PREHN, D. R. ORGS. **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre. EDIPUCRS.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas. 1999.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 206- 268, 2007.

ANEXO

Anexo A – Carta de aprovação do comitê de ética em pesquisa da UFSM

| | |
|--|---|
|  <p>MINISTÉRIO DA SAÚDE Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)</p> | <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa Comitê de Ética em Pesquisa - CEP- UFSM REGISTRO CONEP: 243</p>  |
|--|---|

CARTA DE APROVAÇÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM, reconhecido pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – (CONEP/MS) analisou o protocolo de pesquisa:

Título: Maternidade e Trabalho no olhar das mulheres Contemporâneas

Número do processo: 23081.013699/2010-09

CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética): 0239.0.243.000-10

Pesquisador Responsável: Profª. Drª. Ana Cristina Garcia Dias

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos de acordo com as Diretrizes estabelecidas na Resolução 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente a este Comitê. O pesquisador deve apresentar ao CEP:

Janeiro/2011-Relatório Final

Os membros do CEP-UFSM não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

DATA DA REUNIÃO DE APROVAÇÃO: 07/10/2010

Santa Maria, 07 de Outubro de 2010.



Félix A. Antunes Soares
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa-UFSM
Registro CONEP N. 243.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM

CENTRO DE CIÊNCIAS E SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Estamos realizando uma pesquisa denominada “**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO SOBRE TRABALHO E MATERNIDADE PARA UM GRUPO DE MULHERES**” que tem por objetivo compreender a relação entre maternidade e trabalho para as mulheres atuais. Pretende-se conhecer as vivências femininas atuais em relação a maternidade e trabalho e o significado atribuído a essas. O importante é você descrever o que você pensa sobre o assunto. Para isso, será realizada uma entrevista que abordará diferentes aspectos associados as suas experiências e escolhas no momento atual de sua vida. A entrevista será gravada em áudio, sendo apagada após a transcrição da mesma. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de Psicologia, na sala 318, sob a responsabilidade da Prof^a Dra. Ana Cristina Garcia Dias. Após o período de cinco anos, os dados serão destruídos.

Durante essas entrevistas não estão previstos danos físicos ou psicológicos aos participantes, uma vez que não serão adotados procedimentos invasivos. Contudo, pode surgir algum desconforto com alguma questão, se esse for o caso, você pode optar por não responder ou encerrar a entrevista na hora em que desejar. Da mesma forma, não estão previstos benefícios diretos as participantes. Contudo, a mulher que estiver participando do estudo estará auxiliando a compreender as vivências e sentimentos que envolvem a experiência de maternidade e trabalho atualmente, o que poderá auxiliar na elaboração de futuros programas de saúde para as verdadeiras necessidades da mulher. Será garantido a você o sigilo em relação a sua identidade. Além disso, as informações obtidas na entrevista serão utilizadas somente para fins de pesquisa, sem identificação dos participantes, sendo as mesmas guardadas na sala da professora responsável no Departamento de Psicologia da UFSM.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são a *Prof^a. Dra. Ana Cristina Garcia Dias* e a Psicóloga, docente do Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde *Pascale*

Chechi; maiores contatos para esclarecimentos de dúvidas acerca dos objetivos ou procedimentos do estudo podem ser feitos através dos telefones (55) 9149-6358, (54) 9965-7890 e 3220-9231 ou junto ao departamento de Psicologia da UFSM.

Atenciosamente,

Profissional Responsável

Prof. Responsável : Ana Cristina Garcia Dias

Concordo em participar deste projeto e informo que estou ciente dos objetivos deste estudo, assim como da confidencialidade acerca da minha identidade e da minha família. Estou ciente que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados a esta pesquisa. Entendo, também que serei livre para retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do trabalho sem que isso acarrete prejuízo de qualquer ordem. Em caso de eventuais desconfortos trazidos pela participação nessa pesquisa, quando caracterizada a necessidade de atendimento psicológico, tenho clareza de que o pesquisador responsabilizar-se-á por meu encaminhamento a um serviço de atendimento psicológico gratuito. Concordo em participar do presente estudo, bem como autorizo, para fins de pesquisa e de divulgação científica, a utilização de anotações e gravações utilizadas comigo.

Data ___/___/___

Assinatura do participante

Este termo possui 2 vias – uma ficará com o participante do estudo, o outro com o pesquisador responsável. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UFSM. Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria – 7º andar – Campus Universitário – 97105-900 – Santa Maria-RS - tel.: (55) 32209362 - email: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

APÊNDICE B**FICHA DE
DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS**

Nome: _____

Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Escolaridade (ano concluído): _____

Profissão: _____

Tu trabalhas fora? () sim () não Desde quando parou de trabalhar? _____

Horas/semana: _____

Religião: _____ Praticante: () sim () às vezes () não

Filho(s) () sim () não Quantos: _____ Idade do (s) filho (s): _____

Renda familiar (em número de salários mínimos): _____

Há quanto tempo está casado/ tem companheiro: _____

Idade do esposo/companheiro: _____

Profissão do Esposo/companheiro: _____

Idade do Pai: _____

Profissão do Pai: _____

Idade da Mãe: _____

Profissão da Mãe: _____

Irmãos () sim () não Quantos: _____

APÊNDICE C

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS ENTREVISTA

Rapport: Estamos realizando uma pesquisa que tem por objetivo compreender a relação entre maternidade e trabalho para a mulher atual. Queremos conhecer as experiências, sentimentos e opiniões sobre as experiências que você vive nas suas escolhas em relação a maternidade e a carreira profissional. Eu gostaria que você se sentisse bem a vontade para dizer o que você pensa e sente sobre esse assunto, uma vez que a sua participação é muito importante para nós. Não existem respostas certas ou erradas, assim o que nos interessa é a tua experiência.

Você é totalmente livre para participar desta pesquisa, caso queira desistir, pode fazer isso a qualquer momento. Assim, se concordares em participar dessa pesquisa, preciso que você leia e assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para firmar nosso compromisso. Se tiver qualquer dúvida a respeito do que está no TCLE, você pode me perguntar.

- 1) Para começar então gostaria que você me contasse um pouco como é sua rotina. Que atividades normalmente você realiza durante seu dia.
- 2) O que você acha da sua rotina atual? O que facilita? E o que dificulta?
- 3) Como você percebe que está sua saúde atualmente? Acha que sua rotina interfere na sua saúde?
- 4) Me fale sobre como você percebe a maternidade.
 - Explorar sobre a escolha de ter um filho ou não.
 - Explorar a influência da carreira profissional nesta escolha.
- 5) Você acha que um filho muda muito a vida da mulher?
- 6) O que você acha que as pessoas pensam sobre a maternidade atualmente?
- 7) Me fale sobre como você percebe sua carreira profissional atualmente.
 - Explorar sobre a escolha de trabalhar ou não no momento atual.

-A influência da maternidade nesta escolha.

- 8) Você acha que ter uma carreira profissional muda muito a vida da mulher?
- 9) Como você acha que os outros enxergam uma mulher que possui uma carreira profissional?
- 10) O que você acha que sua família (pai e mãe) pensam das escolhas que você fez para sua vida em relação a maternidade e o seu trabalho?
- 11) Você se sente satisfeita com as escolhas que fez até hoje?
- 12) Me descreva o que você acha que é ideal para as mulheres se realizarem atualmente.
- 13) Atualmente qual seu maior sonho?
- 14) Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Obrigado pela colaboração!